



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES**

O LÓTUS E A ROSA:

aspectos éticos entre o Budismo e a União do Vegetal

LÍDICE DA COSTA IEKER CANELLA

**João Pessoa/PB
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES**

O LÓTUS E A ROSA:

aspectos éticos entre o Budismo e a União do Vegetal

LÍDICE DA COSTA IEKER CANELLA

Dissertação apresentada junto ao **Programa de PósGraduação de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba** como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Abaurre Gnerre

Co-orientador: Prof. Dr. Deyve Redyson Melo dos Santos

**João Pessoa/PB
2016**

C221l Canella, Lídice da Costa Ieker.
O lótus e a rosa: aspectos éticos entre o Budismo e a
União do Vegetal / Lídice da Costa Ieker Canella. - João
Pessoa, 2016.
155 f.: il. -

Orientadora: Maria Lúcia Abaurre Gnerre.
Coorientador: Deyve Redyson Melo dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE

1. Ciências das Religiões. 2. Budismo. 3. Ética. 4. Moral.
5. UDV. 6. Conduta. 7. Modo de Viver. I. Título.

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

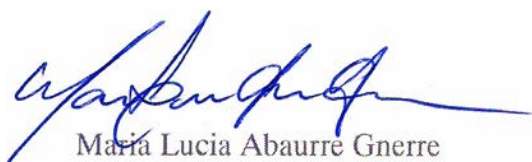
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS
RELIGIÕES

O LÓTUS E A ROSA:

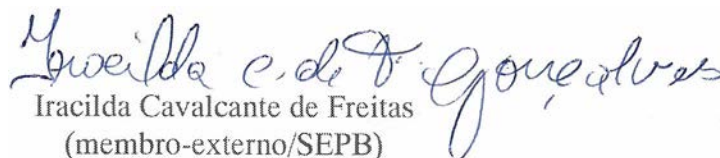
aspectos éticos entre o Budismo e a União do Vegetal

LÍDICE DA COSTA IEKER CANELLA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:



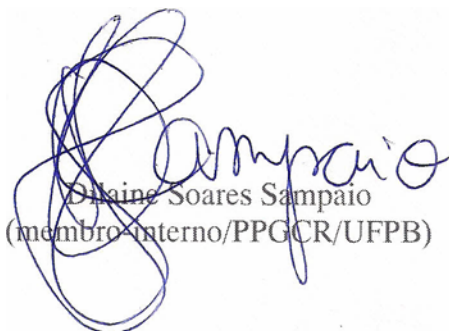
Maria Lucia Abaurre Gnerre
(orientadora/PPGCR/UFPB)



Iracilda Cavalcante de Freitas
(membro-externo/SEPBB)



Deyve Redyson Melo dos Santos
(membro-interno/PPGCR/UFPB)



Dinaire Soares Sampaio
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Para Ricardo e Luana, motivos constantes para minhas superações.

Para filhos, noras e netos, que me rodeiam de amor e carinho.

Aos Mestres – budistas e da UDV – que me orientam ao longo do caminho espiritual,

Aos meus amados irmãos da UDV: são laços de amizade tecidos durante essa e outras jornadas, pois os encontros e reencontros transcendem os limites do tempo e do espaço.

Agradecimentos

Este trabalho brotou de duas sementes: uma plantada no meu início como aluna especial, em Ciências da Religião, pelo Prof. Dr. Deyve Redyson; a outra, pelos conhecimentos obtidos no CEBUDV.

Encontrou um fértil terreno nas aulas do PPGCR.

Nutriu-se do adubo das aulas de Seminário e Dissertação e nas sessões em Núcleos do CEBUDV, localizados no Nordeste brasileiro, principalmente no Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, situado em Santa Rita – Paraíba.

Os cuidados necessários foram dados na paciência e no amor da minha família e amigos budistas, e hoasqueiros.

Portanto, agradeço a todos aqueles que me acompanharam nesse tempo de frutificação. Destaco aqui os colegas do PPGCR – Turma 2014-2 – e nossa convivência nos anos de 2014 e 2015, trazendo a luz do Sol, alimentando com alegria nossos momentos juntos, em especial Igohr, Lorena, Diego e José Carlos.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões, pelo conhecimento compartilhado, notadamente ao Prof. Dr. Joaquim Monteiro (Rev. Monge Shaku Shoshin) que me apresentou Alasdair MacIntyre.

As secretárias do PPGCR, Márcia e Avany, exemplos de “garra” e dedicação.

Agradeço ao amigo Mihno Dgil, que realizou a digitação, quando eu não tive condição de fazê-lo.

Por último, devo agradecer de modo especial à professora e doutora Maria Lucia Abaurre Gnerre, minha orientadora e ao Professor Doutor Deyve Redyson Melo dos Santos, co-orientador dessa dissertação: ambos me acolheram com paciência e amizade, em suas observações, críticas construtivas e nos direcionamentos, mas também podendo algumas ideias que fugiam do tema. Sou grata pela compreensão nos momentos mais difíceis. São pessoas que representam o espírito do Programa.

Apresento, então, com humildade, os primeiros frutos desse plantio.

No que o occid'ente afinisterra
Há um amar – oiri' entre rosas e lótus –
Que nos empLume infindo o vad'ir
(Anónimo)

RESUMO

O presente trabalho tem como foco principal proceder a uma hermenêutica comparativa entre a Doutrina Budista – representada pelo Primeiro Discurso de Buda que trata das Quatro Nobres Verdades, dando-se destaque ao elemento ético do Nobre Caminho Óctuplo – e a Doutrina do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – representada pelos Boletins da Consciência e pela oratória de seu fundador, Mestre Gabriel, – tendo as virtudes morais como fio condutor. Na medida em que ambas as religiões são dotadas de forte cunho ético, transformador de condutas, o objetivo geral do trabalho busca estabelecer um paralelo, neste aspecto específico, entre as duas tradições religiosas, de modo a perceber, ao mesmo tempo, elementos comuns, como também diferenças. Ou seja: este paralelo é traçado, tanto pela análise dos códigos de conduta, bem como das ações que conduzem ao discernimento e à virtude, ou seja, ações transformadoras de conduta. No presente trabalho proceder-se-á à fundamentação teórica da “ética” utilizando principalmente os estudos de Aristóteles (2014) no seu *Ética a Nicômaco* e de Alasdair MacIntyre, notadamente em seu livro *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral* (2001), onde o autor parte do diagnóstico de que a sociedade contemporânea vive uma crise moral graças ao fracasso da moderna filosofia liberal, concluindo que apenas uma filosofia moral capaz de garantir racionalidade à moral e à ética é capaz de dar conta desse fenômeno. Além desse enfoque mais amplo, o trabalho tem como recortes metodológicos questões relativas à oralidade, memória e simbolismo que se encontram presentes nessas duas tradições. Isto porque não só as fontes sobre as vidas de Buda e do Mestre Gabriel entrelaçam um universo simbólico de grande riqueza, como ambos trouxeram sua doutrina e ensinamentos de forma oral, o que privilegia a memória. Não se ignora a diferença significativa que permeia o presente estudo que é o uso do chá ayahuasca, pelos adeptos da UDV, como meio para atingir a concentração. O que se pode concluir é que, embora com linguagens diferentes, essas duas tradições apontam para um uso cuidadoso da palavra, primando pela sua correção e que o agir deve se dar dentro de padrões de conduta éticos. Pontos de divergência específicos também são apontados, como por exemplo, a abordagem diferente que as duas tradições trazem do modo de viver.

PALAVRAS CHAVES: Ética. Budismo. UDV. Conduta. Palavra. Ação. Modo de Viver.

ABSTRACT

The present work has as main focus a comparative hermeneutic between the Buddhist Doctrine – represented by the First Discourse of Buddha dealing with the Four Noble Truths, emphasizing the ethical element of the Noble Eightfold Path – and the Doctrine of the Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – represented by the Bulletins of the Consciousness and by the oratory of its founder, Master Gabriel, having the moral virtues as the guiding thread. As both religions are endowed with a strong ethical, transformer of conducts, the objective is to establish a parallel, in this specific aspect, between the two religious traditions, in order to perceive, at the same time, common elements as well as existing differences, on this specific aspect. Saying in other way: this parallel is drawing on the basis of the ethics that inspire each of them, both by the analysis of the codes of conduct, as well as the actions that lead to discernment and virtue, that is, transformative actions of conduct. In the present work we will proceed to the development of “ethics” based mainly on the studies of Aristotle (2014) in his *Nicomachean Ethics* and Alasdair MacIntyre, notably in his book *After Virtue: a study in moral theory* (2001), where this author starts from the diagnosis that contemporary society experiences a moral crisis thanks to the failure of modern liberal philosophy, concluding that only a moral philosophy capable of guaranteeing rationality to morality and ethics is able to account for this phenomenon. Besides this approach, it has as methodological cuts questions related to orality, memory and symbolism that are present in these two traditions. That occurs because the sources originating a symbolic universe of great treasure, as both brought their doctrine and teachings orally, which privileges memory. It is not ignored the significant difference that permeates the present study, such as the use of the ayahuasca tea, by the adepts of UDV, as a means to reach the concentration. We can conclude that, although with different languages, these two traditions point first to a careful and correct use of the word and second that action must take place within ethical standards of conduct. Points of divergence specific are also pointed out, for example, the different approach that the two traditions bring from the way of life.

KEYWORDS: Ethics. Buddhism. UDV. Behavior. Word. Action. Way of Life.

SUMÁRIO

Introdução – Preparando a terra para a semeadura.....	9
Metodologia.....	13
1 – Coletando as Sementes	20
1.1. Elementos de comparação e de divergência	20
1.1.1. Oralidade e Memória.....	20
1.1.2. Aspectos simbólicos	26
A) No Ganges: um lótus.....	27
B) No Abunã: uma Rosa	34
1.3. O Budismo e a conduta ética	41
1.3.1. O Nobre Caminho Óctuplo.....	46
1.4. A UDV e a conduta ética.....	50
1.4.1. Caminho da Retidão	58
2 – Semeando o Lótus e a Rosa.....	65
2.1. A importância da “pá que lava”.	65
2.1.1. Fala correta	67
2.1.2. Falar correto e “por dentro dos mistérios”	71
3 – Cultivando o lótus e a rosa	84
3.1. O agir e a arte de viver.....	84
3.2. No Ganges: Ação correta e modo de viver correto	85
3.2.1. Ação correta.....	85
A) Não matar	88
B) Não roubar	89
C) Não ter má conduta sexual.....	91
D) Não ingerir substâncias tóxicas que podem anuviar a mente.	93
3.2.2. “Modo de Viver” correto.....	94
3.3. No Abunã: “A gente age todos os dramas da vida”	96

3.3.1. A Religião do sentir.....	101
A) Não matar; não roubar	102
B) Uso de drogas de qualquer espécie.....	103
C) Casamento, orientação sexual e procriação.....	109
3.3.2. Modo de viver correto	114
Considerações Finais:	117
Referências Bibliográficas.....	121
Anexos.....	132
Anexo 1. Reportagem do Jornal <i>O Estado de São Paulo</i> : “Na Selva um místico vende um sonho”	132
Anexo 2. Reportagem da Revista <i>O Cruzeiro</i> . “Aioasca o LSD da Amazônia”	133
Anexo 3. Reportagem do Jornal <i>A Crítica</i> : “O vinho da alma ‘transporta’ os povos da floresta”.	136
Anexo 4. Reprodução da matéria publicada no Jornal <i>Alto Madeira</i> : “Convicção do Mestre”	140
Anexo 5. Reprodução da matéria publicada no Jornal <i>O Guaporé</i> : “Velando enquanto dorme”	142
Anexo 6 – Anotações do Diário de Mestre Paixão.....	143

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Matriz de Ciclo que evidencia os elementos a serem estudado	15
Figura 2 – Esquema metodológico para estudo	16
Figura 3 – Três representações da “Criação do Mundo”	28
Figura 4. Três momentos da vida de Buda.	30
Figura 5. Cena do Nascimento de Buda	31
Figura 6. Mapa da localização do Seringal Sunta.....	34
Figura 7. Casa de paxiúba existente nos seringais.....	35
Figura 8. Casa do Mestre Gabriel na Rua Abunã, n. 1215, em Porto Velho.....	36
Figura 9. Mandala indiana representando a rosa, o lótus e o tao.....	37
Figura 11. Corte no mariri evidenciando o formato de uma rosa	38
Figura 12. Estampa e epigrama XXVII de Maier.....	40
Figura 13. Localização de Kapilavastu – capital do reino dos Sakyas.....	42
Figura 14. Buda em seu primeiro discurso	49
Figura 15. Foto do Templo da UDV em Santa Rita – Paraíba	56
Figura 16. Foto das Instalações da UDV em Santa Rita – Paraíba.....	57
Figura 17. Bandeira da UDV.	61
Figura 18. Sessão da UDV – Mestre Gabriel com discípulos	77
Figura 19. Representações botânicas do <i>B. caapi</i> e da <i>P. viridis</i>	107
Figura 20. Foto da reportagem da Revista “O Cruzeiro”	108
Figura 21. Mestre Gabriel e primeiros discípulos	113

INTRODUÇÃO – PREPARANDO A TERRA PARA A SEMEADURA

O presente trabalho tem como foco principal proceder a uma hermenêutica comparativa entre a Doutrina Budista – representada pelo Primeiro Discurso de Buda¹, que trata das Quatro Nobres Verdades, dando-se destaque ao elemento ético do Nobre Caminho Óctuplo² – e a Doutrina do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal³ – representada pelos Boletins da Consciência⁴ e pela oratória de seu fundador, Mestre Gabriel⁵ – tendo as virtudes⁶ morais, como fio condutor.

Proceder-se-á ao desenvolvimento da “ética”⁷, no sentido que adquire a partir de Aristóteles, ou seja, “modo de ser” ou “caráter”, utilizando seu *Ética a Nicômaco* (2014)

¹ Buda é um epíteto dado não apenas a quem conseguir quebrar o domínio da ignorância, libertando-se da existência cíclica, mas que também se propõe a ensinar aos outros o caminho para a libertação. (SMITH & NOVAK, 2015) Existem muitos Budas – para nossa era são previstos 1000 deles – todavia o Buda de que tratamos é Sakyamuni (o sábio dos Sakyas), que viveu no período de 622 a 543 a.C.

² O desenvolvimento desse tema dar-se-á no primeiro capítulo.

³ O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal é, também, conhecido pelas siglas CEBUDV ou, simplesmente, UDV. Também é nomeado por seus seguidores como Centro.

⁴ Boletins da Consciência são documentos editados na UDV e que serão demonstrados nos próximos capítulos dessa Dissertação.

⁵ Mestre Gabriel é o título honorífico de José Gabriel da Costa (1922-1971), criador da União do Vegetal. (LABATE, MEYER e ANDERSON, 2009) Baiano de Coração de Maria, foi para a Amazônia como “soldado da borracha”, trabalhando em alguns seringais. Teve seu primeiro contato com o chá *ayahuasca* (1959). A partir daí tornou-se um “mensageiro de Deus”, trazendo os elementos que formaram o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. (FABIANO, 2012)

⁶ As virtudes são predisposições que vamos conquistando ao longo da vida e que dão forma ao (bom) caráter. (CORTINA, 2013) “Segundo Aristóteles, são as virtudes que correspondem à parte apetitiva da alma, na medida em que esta é moderada ou guiada pela razão (...) e que consistem no justo meio (...) entre dois extremos, dos quais um é vicioso por excesso, o outro por deficiência (...). (ABBAGNANO, 2007, p. 387)

⁷ Esse vocábulo deriva do grego *ethos*, que possui duas grafias: *êthos* e *éthos*. Esses dois termos podem ser entendidos em três sentidos: “morada” ou “abrigo”, “caráter ou índole” e “hábitos” ou “costumes”. O primeiro termo, escrito com “eta” (η) inicial, possui dois sentidos: morada, caráter ou índole. O primeiro sentido (morada) está ligado à proteção, enquanto que o segundo (caráter ou índole), representa o sentido mais comum que lhe é atribuído na tradição filosófica ocidental. “Em geral, ciência da conduta.” (ABBAGNANO, 2007, p. 380) O segundo termo grego (*éthos*), é traduzido por “hábitos” ou “costumes”, significando hábitos, costumes, tradições. (FIGUEIREDO, 2008)

e de Alasdair MacIntyre⁸, notadamente em seu livro *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral* (2001), onde o autor parte do diagnóstico de que a sociedade contemporânea vive uma crise moral graças ao fracasso da moderna filosofia liberal, concluindo que apenas uma filosofia moral capaz de garantir racionalidade à moral e à ética é capaz de dar conta desse fenômeno.

Também é necessário clarificar que o estudo da religião fundada pelo Mestre Gabriel – o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (C.E.B.U.D.V. ou UDV), também denominado de “União do Vegetal” ou Centro, é uma das tradições religiosas urbanas, que faz uso do chá ayahuasca⁹. Essas manifestações são também denominadas de matrizes urbanas.¹⁰ (GOULART, 2004; LABATE, 2004)

A UDV é uma religião (...) ligada à história do Brasil, entrelaçando-se com o ciclo da borracha (...) caracteriza-se por:
a) sua unidade doutrinária, que tem como base o cristianismo, mas também trabalho com elementos das culturas africanas e

⁸ Alasdair MacIntyre é um filósofo escocês, radicado nos Estados Unidos desde 1969. É tido como um dos autores de grande efeito na produção sobre ética contemporânea. Em 1966, escreveu *Uma pequena história da ética* e em 1981, publicou *Depois da Virtude*. Essa obra tem como principais características a crítica à modernidade e a retomada do aristotelismo. Os capítulos de *Depois da Virtude* podem ser divididos em três conjuntos temáticos. No primeiro encontra-se uma crítica às teorias morais moderna e contemporânea (o iluminismo e o emotivismo). No segundo conjunto, apresenta uma reconstrução histórica da ideia de virtude, elegendo a virtude aristotélica como concepção central, faz uma leitura pessoal da concepção de virtude medieval, notadamente da virtude cristã. Por fim, no terceiro conjunto temático, apresenta a sua contribuição a uma possível teoria das virtudes para a contemporaneidade, centralizando-a nos conceitos de prática, narrativa e tradição. Possui ainda capítulos finais em que avalia a justiça como sendo uma virtude e produz um estudo comparativo entre Nietzsche e Aristóteles. Deve-se adiantar que MacIntyre faz sua opção pela virtude aristotélica, sendo considerado um dos representantes da tendência da ética contemporânea de reabilitação das virtudes. (MACINTYRE, 2001; GONÇALVES, 2012; LUTZ, 2004; CARVALHO, 2004; 1999)

⁹ Somente no Brasil é que o uso da ayahuasca tornou-se fundamento religioso e as religiões urbanas da ayahuasca são: o Alto Santo, a Barquinha, a União do Vegetal e o Daime ou CEFLURIS. (GOULART, 2004; LABATE & ARAÚJO, 2002; LUNA, 1995) Recentemente elas foram fortalecidas com os denominados grupos neo-hoasqueiros, surgidos de cisões dos grupos matriciais (LABATE, 2004), os quais estariam mais alinhados com a mística comportamental da Nova Era. (LABATE, 2004).

¹⁰ A expressão “matrizes urbanas” constitui um conceito ecológico que se contrapõe a matrizes naturais, referindo-se a espaços de ecossistemas. (BROCANELI, 2008) No âmbito religioso referente aos grupos religiosos que utilizam a *ayahuasca* nos espaços das cidades, em contraposição aos índios, xamãs e vegetalistas, que ainda a utilizam na floresta Os estudos da utilização da *ayahuasca* no contexto urbano levaram Clodomir Monteiro da Silva (1983) a utilizar o termo “linha” para designar os grupos do Alto Santo, do Daime/CEFLURIS, da União do Vegetal e da Barquinha, variantes doutrinárias no interior de uma mesma tradição religiosa (GOULART, 2004), sendo que o termo matrizes urbanas vem enfatizar, também, o sincretismo dessas linhas *ayahuasqueiras* pelos elementos cristão, afro-brasileiro, xamânico, kardecista e esotérico que abraçam. Alguns autores entendem que as matrizes *ayahuasqueiras* passaram a valorizar o aspecto institucional, distanciando-se da verdadeira espiritualidade. (DAWSON, 2007; LABATE, 2004). Todavia esse processo de institucionalização das diferentes matrizes foi uma necessidade diante da constante ameaça de suspensão do uso do chá, pelas autoridades, que o definiam como alucinógeno, estando elencado entre as substâncias proibidas, num debate que tem mais de 25 anos. Após estudos e conclusões de um grupo multidisciplinar, constituído por autoridades federais ligadas ao controle e combate de drogas em território nacional e de representantes de todas as tradições que utilizam o chá *ayahuasca* em seus rituais religiosos, em 2010, houve, finalmente, a publicação, de uma legislação que permite e regula o consumo da hoasca em rituais religiosos.

indígenas; b) sua estrutura organizacional: Sede Geral, Núcleos e Órgãos Colegiados¹¹; c) uso do chá Hoasca apenas nos rituais religiosos. (GENTIL e NEVES, 2011, p. 65/66).

“Hoasca” – tradução brasileira da palavra *ayahuasca* – é utilizada em todo o território nacional¹² (GROB *et al*, 1996). Trata-se de uma bebida sacramental, que conduz o seu usuário a estados alterados de consciência¹³, estimulando a mente “de muitas maneiras. Inicialmente como uma experiência direta para o indivíduo, em um segundo momento, pela maneira como este indivíduo posteriormente interage com a sociedade.” (CALLAWAY, 2011, p. 75) Todavia, foge do âmbito da presente dissertação tanto o estudo aprofundado das religiões urbanas que utilizam esse chá¹⁴, quanto o estudo da composição química do chá¹⁵ e ainda seus efeitos psíquicos no indivíduo¹⁶: o objetivo do presente trabalho é o estudo do componente ético da doutrina do Centro, com a finalidade de se promover uma comparação com o mesmo componente do Budismo primordial.

Tais marcantes especificidades citadas acima, contudo, não invalidam a possível existência de pontos de contato, entre as duas tradições a serem estudadas, tal como se pretende verificar no campo da ética. Isto porque, na medida em que ambas são dotadas de forte cunho ético, transformador de condutas, o objetivo tem como enfoque estabelecer um paralelo, neste aspecto específico, de modo a perceber, ao mesmo

¹¹ Para maiores informações a respeito da estrutura organizacional da UDV, ver GENTIL, Lucia Regina Brocanelo e GENTIL, Henrique Salles. “O uso de psicoativos em um contexto religioso: A União do Vegetal”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: FAPESP, 2002..

¹² Embora existam outras denominações para o chá e para a religião, no corpus do presente trabalho privilegia-se o nome *hoasca* para identificar o chá, *hoasqueira* para identificar a religião e *hoasqueiros*, para identificar os adeptos, por serem estas as denominações dadas na UDV.

¹³ O uso indígena “e o uso urbano naquelas primeiras manifestações (UDV, Barquinha, Daime) nunca viram na Ayahuasca o psicoativo, o alucinógeno, se por tal entende-se a substância que provoca alucinação, alheia, aliena, tira o senso de realidade, tempo e lugar”, diferentemente do que relatam os usuários, que dizem terem um contato mais forte e mais profundo com a realidade. (FACUNDES, 2012, pg. 261).

¹⁴ Mais informações a respeito desse tema: LABATE, Beatriz Caiuby. “A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002; e em “A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos”. Campinas: Mercado das Letras, 2004 [1998].

¹⁵ A ação do chá deve-se à presença de alcalóides nas plantas utilizadas na sua preparação: o cipó Banisteriopsis caapi e as folhas do arbusto Psychotria viridis. (MacKENNA, 2002). Mais informações a respeito desse tema: MCKENNA, D.J.; CALLAWAY, J.C.; GROB, C.S. “The scientific investigation of Ayahuasca: a review of past and current research”. IN: The Heffter Review of Psychedelic Research, 1: 65-77. 1998.

¹⁶ Mais informações a respeito desse tema: STRASSMAN, Rick “Pineal Gland DNA Activation and DMT, fev. 2010; BEYER, Stephan V. “Singing to the Plants: A Guide to Mestizo Shamanism in the Upper Amazon”. 2009 e “What is Ayahuasca?”, Fev. 2011; LAWLER, Howard et al. “A Working List of Confirmed Ayahuasca Admixture Plants”. IN: Ayahuasca Spirit Quest, Fev. 2011.

tempo, elementos comuns, como também diferenças. Este paralelo, portanto, é traçado tendo como base a ética que fundamenta cada uma delas, tanto pela análise dos códigos de conduta, bem como das ações que conduzem ao discernimento e à virtude, ou seja, das ações transformadoras de conduta.

É bem verdade que não existem estudos comparativos entre essas duas tradições, mas existem estudos comparativos entre o Budismo e o cristianismo, como por exemplo: “Sócrates, Jesus e Buda” (LENOIR, 2011), e “O Dalai Lama fala de Jesus” (DALAI LAMA, 2003). No universo das religiões hoasqueiras em geral, embora existam muitos estudos em muitos campos (antropologia, sociologia, psicologia e farmacologia¹⁷) estes são limitados quando se trata do campo das Ciências das Religiões e, além disso, não encontrei nenhum estudo comparativo.

Assim, importância da presente pesquisa envolve dois pontos principais. O primeiro, como já se adiantou, consiste no fato de que no campo das Ciências das Religiões consegui identificar apenas três dissertações a respeito das religiões hoasqueiras: uma sobre a UDV, de Afrânio Patrocínio de Andrade. **O Fenômeno do chá e a religiosidade cabocla**. Dissertação de Mestrado em Ciência das Religiões, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Paulo, 1995¹⁸; a outra sobre o simbolismo nas religiões ayahuasqueiras de Sérgio Alex Silva Lima, **Experiências e Símbolos de Transformação na Doutrina da Floresta**, Juiz de Fora-MG, 2005 e uma terceira sobre o Daime, de Dávila Maria da Cruz Andrade. **Memória do Santo Daime na Paraíba: vinte anos de histórias ao Som e na Luz da Floresta**. João Pessoa, 2014.

Na área de Filosofia, abordando especificamente a União do Vegetal encontram-se os seguintes: Cícero Guella Fernandes. **Transformações pessoais na União do Vegetal**. Tese de Doutorado, apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Área de concentração: Psicologia, 2011; Dilma Lopes Ribeiro. **A busca de si numa religião hoasqueira** – oralidade, memória e conhecimento na União do Vegetal (UDV). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2009; Sandra Goulart. **Continuidades e Contrastes em uma tradição**

¹⁷ LABATE, em 2004, procedeu a uma categorização da “literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras”. Posteriormente, em 2008, LABETE; ROSE e SANTOS realizaram um levantamento bibliográfico da produção nacional e internacional a respeito da Hoasca, sob o título “Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico”.

¹⁸ Esta é a primeira dissertação feita sobre a UDV no âmbito das Ciências das Religiões.

amazônica: as religiões da ayahuasca. Tese de Doutorado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Campinas. SP, 2004.

Um segundo aspecto é que se busca proceder aqui a um estudo comparativo entre elementos éticos das duas religiões, uma delas de grande antiguidade e contando com um número representativo de seguidores, enquanto a outra se origina no Século XX e conta, hoje, apenas com cerca de 20 mil seguidores o que dá um caráter inovador ao presente trabalho, o que pode vir a servir de conteúdo para futuras investigações comparativas.

Um e outro aspecto podem ser inferidos do que ensina Jakob A. van Belzen:

(...) uma pesquisa (...) é inspiradoras para outras, levantando hipóteses, ou talvez objetando algumas outras, animando pesquisadores no engajamento em algo similar, convidando outros para tentarem algo parecido. (2010, p. 48).

Assim, mais uma pesquisa a respeito desse assunto, no campo específico das Ciências das Religiões, pode vir a auxiliar aqueles que buscam entender esse fenômeno no âmbito das tradições religiosas.

Metodologia

Como o objetivo geral, já definido, é procurar entender como o Budismo e a Religião hoasqueira da UDV apresentam suas normas de conduta para o cotidiano. Para tanto se utiliza a filosofia (ética das virtudes) como veículo para realizar essa “viagem” em busca de pontos de contato entre essas duas religiões, distantes tanto geográfica quanto temporalmente. A metodologia é inspirada na comparação e, como esse tipo de estudo metodológico, objetiva não apenas nomear e classificar os fatos religiosos, dividindo-os em grupos e categorizando-os, mas também, procura “captar, graças à comparação aquilo que unia várias religiões” porque sua finalidade “era exatamente essa comparação [para] (...) evidenciar analogias de crenças e ritos entre as mais variadas religiões” (FILORAMO e PRANDI, 2003, p. 27). Pode-se dizer que as Ciências da Religião podem utilizar este método, sempre que seu objetivo ao investigar Religiões diferentes, como unidades de análise, para verificar sejam as diferenças sejam as similitudes observadas entre elas.

Neste caminho situa-se a obra organizada por Robert C. Neville, *The human Condition*¹⁹, que parte do entendimento de que “para entender a condição humana nos seus aspectos mais profundos e misteriosos, nós certamente devemos levar em conta a religião” (NEVILLE; WILDMAN, *apud* NEVILLE, 2005, p. 37). O autor tem como objetivo compreender essa condição humana no contexto das antigas narrativas relacionadas à origem e finalidade do existir humano, ou seja, nas conjunturas do sagrado elaboradas pelas religiões tradicionais, quais sejam: Confucionismo, Taoísmo, Hinduísmo, Cristianismo, Budismo, Islamismo e Judaísmo. Num primeiro momento, há a comparação entre as ideias dessas seis religiões, para por fim, os autores, apresentarem e verificarem a teoria da comparação do próprio Neville.

Com o método comparativo quer se adotar um procedimento sistemático e ordenado capaz de examinar as relações, semelhanças e diferenças entre dois objetos, com a intenção de extrair determinadas conclusões. O que se compara, onde se compara, quando se compara, como se compara, são questões que devem ser respondidas se se quer proceder a esse estudo.

A seguir tem-se uma Matriz de Ciclo que permite visualizar esses diferentes passos do procedimento comparativo.

¹⁹ É uma trilogia: ***The Human Condition***: A Volume in the Comparative Religious Ideas Project; ***Ultimate Realities***: A Volume in the Comparative Religious Ideas Project; ***Religious Truth***: A Volume in the Comparative Religious Ideas Project, cujo objetivo divide-se em duas orientações: primeiro especialistas em seis religiões tradicionais expõem a forma como essas tradições compreendem a natureza da condição humana, das realidades últimas, e da verdade religiosa; em segundo, Robert Neville e Wesley Wildman, generalizam, reunindo esses trabalhos e apontando semelhanças e diferenças. Trazem grandes reflexões sobre o método comparativo, numa época em que o particularismo dominava os estudos sobre as religiões (segundo Berger, no prólogo, XIII). No campo da filosofia, aspectos estudados por Neville constituem estudos entre religiões orientais e ocidentais, valorizando abordagens éticas dessas religiões.

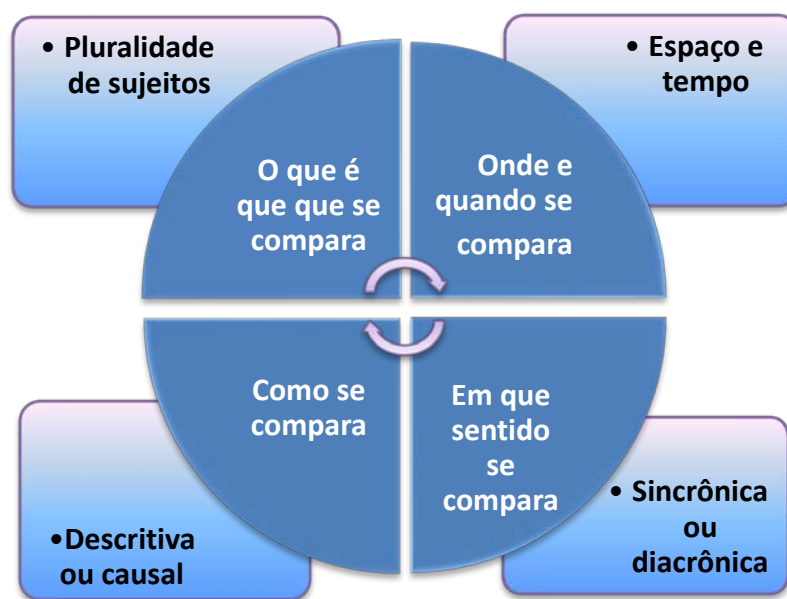


Figura 1. Matriz de Ciclo que evidencia os elementos a serem estudado

Fonte: UÑUNCO, AUCCAPUMA e GAMARRA, 2012, p. 13

Desse modo, o presente trabalho consta de uma comparação descritiva, pois são descritos dois fenômenos (duas tradições religiosas: Budismo e religião hoasqueira da União do Vegetal), destacando-se as semelhanças – e também as diferenças (apenas quando pertinentes ao tema) que existem entre eles, tendo como foco a ética das virtudes²⁰.

O esquema a seguir permite visualizar de modo mais abrangente como se pretende proceder a este estudo, todavia não se desconhece que nesse processo é impossível descobrir todas as influências causais potenciais já que se está em face de um estudo comparativo, num contexto heterogêneo, seja espacial, seja temporal, seja cultural – para encontrar a teoria capaz de dar conta do processo de comparação, optando-se pela de Alasdair MacIntyre em seus estudos sobre uma revitalização da ética aristotélica e tomística.

²⁰ Pode ocorrer que no estudo exploratório se precisem agregar gradualmente novos aspectos à comparação, à medida que o conhecimento sobre o objeto de estudo se amplia.

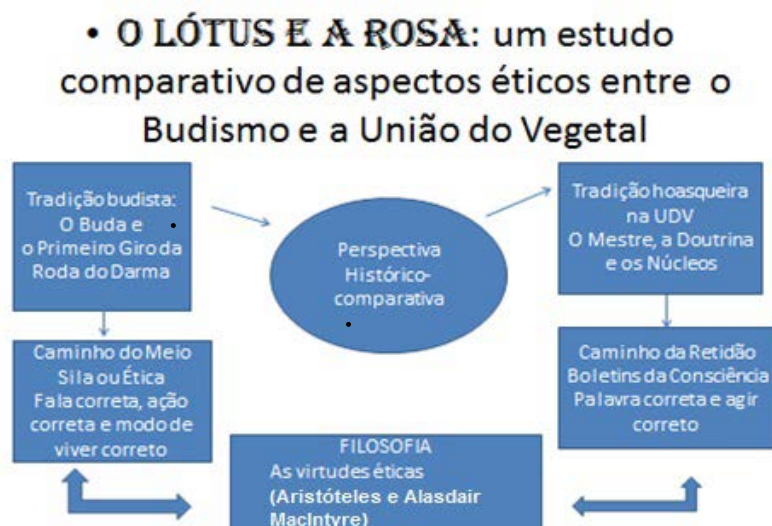


Figura 2 – Esquema metodológico para estudo

Como se verá, (no esquema a baixo a respeito do universo da pesquisa) além dos elementos filosóficos (no campo específico da ética, dando enfoque às virtudes morais e a alteridade), ou seja, do conjunto de normas de cada Tradição Religiosa apresentado para os fiéis no contexto da respectiva cultura e as orientações para o relacionamento com o outro, existem elementos, simbólicos, de oralidade e memória que serão estudados, pois eles representam flores que surgem no campo da dissertação, sendo a questão ética a impressão mais representativa e plantio principal, nesse fértil terreno.

Universo da pesquisa

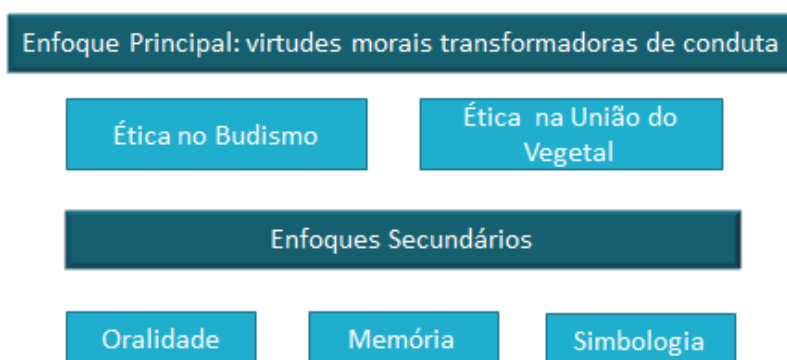


Figura 3. Resumo do Universo da Pesquisa

Como objetivos específicos, procurei identificar aspectos das virtudes morais na tradição budista: falar correto, agir correto e modo de viver correto, presentes no Nobre Caminho Óctuplo, discurso do Primeiro Giro da Roda do Dharma; identificar aspectos das virtudes morais na tradição hoasqueira: falar correto e por dentro dos “mistérios”, agir correto e viver correto, presentes nos Boletins da Consciência, que “revelam” aspectos da doutrina do Centro; identificar e analisar pontos de semelhança (comparação) entre as doutrinas budista e hoasqueira, na questão da conduta ética (moral), como forma de desenvolvimento espiritual, ou seja, de conduta transformadora.²¹

O conteúdo dessas transformações pode trazer novas luzes a processos educativos e de ressocialização. Portanto pesquisas a respeito de transformações pessoais (...) podem contribuir com objetivos no mesmo sentido de que falam Edgar Morin de “éticas de pacificação das almas e das mentes” (MORIN, 2001, p. 102) E Shi-Xu de “favorecer um mundo de justiça e paz” (SHI-XU, 2002, p. 22). (FERNANDES, 2011, p. 33)

A hipótese de trabalho está centrada na questão de que, no campo da ética, existem importantes eixos de convergência entre as duas tradições muito embora não se perca de vista de que existem também diferenças. Assim, analisando os textos básicos das duas tradições, é possível verificar em que medida essas convergências ocorrem nos campos conceitual e prático.

É dentro dessa “pluritomia²²” que se insere o tema da presente dissertação que viaja do Rio Ganges, na Índia, no Século V a.C., momento em que se deu o primeiro giro da Roda do Dharma, com a iluminação do Buda e seu propósito de benefício a todos os homens (BUDA), até o Rio Abunã, na fronteira do Brasil com a Bolívia, no século XX, em 1961, onde e quando foi criada a União do Vegetal (UDV): “marco de progresso e equilíbrio da humanidade” (MESTRE GABRIEL, DMC. s/d)

Por fim, tem-se como elemento a ser destacado, o fato de a mestrandia ser membro de uma das tradições estudadas, UDV, de sorte que houve e há a necessidade de buscar manter um distanciamento, muitas vezes, difícil de ocorrer. Todavia, encontra-se na literatura exemplos de que o pertencimento não impõe uma defesa comprometida. (ANDRADE, 2014; LABATE, 2011; FERNANDES, 2011;

²¹ Os conceitos dos elementos apresentados neste paragrafo (Nobre Caminho Óctuplo e Boletim da Consciência, por exemplo) serão apresentados no primeiro capítulo.

²² Pluritomia é uma palavra criada no contexto do presente trabalho para identificar um campo muito mais complexo do que aquele que comporta apenas duas visões (dicotomia).

ANDRADE, 1995). Nos estudos destes quatro autores, cada um deles buscou definir o lugar do qual estava falando, eis que enquanto pesquisador-participante da população pesquisada existia “em mais de uma dimensão simultaneamente” (ANDRADE, 2014, p. 52). Nesse contexto, os olhares da orientadora e do co-orientador auxiliaram-me a manter o necessário distanciamento.

A dissertação encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro capítulo “Preparando a Terra para a sementeira”, desenvolve-se o tema específico da ética, tendo como cenário os rios Ganges e Abunã, onde nascem respectivamente o lótus (Budismo) e a rosa (UDV); apresenta-se o Primeiro Discurso do Buda e os Boletins da Consciência da UDV, bem como outros elementos orais e escritos sobre os ensinamentos éticos existentes nesses discursos, sua oralidade e a memória. No segundo capítulo, “Semeando o lótus e a rosa” desenvolve-se o tema “falar correto” no Budismo e na UDV e o que o Mestre Gabriel diz sobre “mistério das palavras”. No terceiro capítulo, “Cultivando o lótus e a rosa”, elabora-se um estudo sobre o “modo de agir” e o “modo de viver”, abordando elementos éticos comuns das duas tradições, tendo como base o agir e o modo de viver correto ou ético.

O contraponto que permeia esses capítulos é o confronto “virtude *versus* não-virtude”, analisados dentro do *corpus* ético de Alasdair MacIntyre, que chama para o debate dois grandes nomes da filosofia: Aristóteles e Tomás de Aquino.

A conclusão objetiva verificar a veracidade da hipótese de que essas duas religiões, tão distantes no tempo e no espaço, possuem elementos éticos semelhantes.

Na escrita do corpo da dissertação, o uso de palavras entre aspas servem para destacá-las, bem como, no caso da UDV, remete ao linguajar característico que é praticado na instituição. O negrito tem o objetivo de ressaltar significados, dando mais visibilidade ao percurso traçado pelo desenvolvimento. Os itálicos são usados principalmente para destacar palavras de outras línguas, bem como, nome de obras que são colocadas no decorrer do texto.

Grande parte dos dados utilizados no desenvolvimento da doutrina da UDV vem do seu Departamento de Memória e Comunicação, a partir de agora DMC. Até outubro do presente ano (2016), este denominava-se Departamento de Memória e Documentação (DMD), todavia novas atribuições determinaram essa mudança. Registra-se que desde 1965 algumas sessões foram gravadas em fitas cassetes, bem

como o Mestre Gabriel redigiu algumas cartas para seus discípulos (principalmente no ano de 1971, quando esteve viajando para o Ceará e Bahia) e artigos foram publicados em jornais e revistas. Também um dos mestres daquele tempo – Mestre Paixão²³ – mantinha uma agenda-diário com dados importantes relacionados à UDV e discípulos. Mas a coleta e organização de dados iniciaram-se mais efetivamente em 1978, quando foram coletados e catalogados os primeiros documentos e fotos do Mestre Gabriel e seus discípulos. Em 1979 foram feitas as primeiras viagens para seu local de nascimento (Coração de Maria – Município da Bahia), entrevistas com familiares e iniciou-se um registro da oratória do Mestre Gabriel. Desse modo, em razão da constante categorização de estudo dos dados relativos à vida e aos ensinamentos do Mestre Gabriel, não se pode atribuir uma data efetiva aos documentos levantados.

²³ Mestre Raimundo Paixão (1933 – 2011), um dos mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG), também denominados Mestres Antigos ou Mestres da Origem. Este Conselho foi criado em 1985 e teve sua primeira reunião em 17 e 18 de Abril de 1987, em Jarú, Município do Estado de Rondônia e reuniu os mestres que tinham recebido a estrela de mestre das mãos de Mestre Gabriel. Uma folha desse Diário encontra-se em anexo.

1 – COLETANDO AS SEMENTES: ALGUNS ELEMENTOS DE COMPARAÇÃO. CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA

1.1. Oralidade e Memória

Não há como ensinar/aprender sem a presença de uma ação memorial. (CANELLA, 2009)

No que diz respeito à circulação dos ensinamentos, os criadores das duas tradições, objeto do presente estudo, não escreveram suas doutrinas, a transmissão foi oral, o que permite, ainda que *en passant*, um recorte sobre a relação entre memória e oralidade, lembrando que o recurso da utilização do diálogo para verificar a diferença e a tensão entre o mal e o bem, o falso e o verdadeiro, o injusto e o justo, no Ocidente, surge com os sofistas²⁴, e essa tradição das virtudes, do diálogo e da felicidade é encontrada tanto no Budismo (logo, anterior aos sofistas), quanto se prolonga até nossos dias, encontrando-se, também, na religião da UDV.

A oralidade presente na forma como eles transmitiam seus ensinamentos remete ao fato de que, ao longo do tempo, estes ensinamentos devem ter sofrido uma série de alterações: “A forma oral leva a características comuns, como a formação e modificação de fatos e estórias, tendo uma forte e evidente participação do narrador e uma variedade de versões, que se modificam ao longo do tempo.” (SANTOS, 2010, p. 260)

Todavia, é comum nas tradições introduzir-se pouco a pouco a escrita com o objetivo de se ter maior fidelidade na transmissão dos ensinamentos. Nesse processo introduz-se também a própria interpretação dos escribas, dos comentaristas, dos intérpretes e a escrita, ela mesma, também sofre uma série de alterações.

Num contexto religioso de tradição oral, a memória²⁵ – individual e coletiva – permite a continuidade e a estabilidade desses ensinamentos, *in casu*, budistas e hoasqueiros. A memória individual, tomando como referencial uma única pessoa, caracteriza-se como algo íntimo, que a pessoa elege como importante, como algo que

²⁴ Entre os primeiros sofistas são citados Protágoras, (481 a.C a 420 a.C.) e Górgias (483 a.C a 376 a.C.), ou seja, cerca de 100 anos antes do nascimento de Buda.

²⁵ Jacques Le Goff (1994) lembra que os gregos antigos fizeram da Memória uma deusa, de nome Mnemosine.

merece ser recordado, repetido ou até esquecido. A memória coletiva constitui um conjunto de experiências vividas por determinado grupo, a ponto de ser entendida como uma reconstrução social do passado. (CANELLA, 2014; CANELLA, 2009; RIBEIRO, 2009; BURKE, 2000; LE GOFF, 1994).

É preciso conjecturar que a memória humana é um elo importante nas culturas orais para o armazenamento e a transmissão do conhecimento às futuras gerações. Os mais velhos são reconhecidos como os mais sábios, já que detêm o conhecimento acumulado. A figura do Mestre, aquele que transmite seu ofício através de seu corpo, das palavras proferidas, de seus versos, do falar, do cantar, exerce um papel fundamental em suas comunidades. Ele é porta-voz, presença e saber. (CANELLA, 2014, p. 240)

Como se pode ver, a ação memorial é o canal que permite o discípulo entrar em contato com os ensinamentos e a doutrina, o que revela um processo de apreensão, interiorização e transmissão. Os Mestres (no caso, originalmente, o Buda e Mestre Gabriel, e, posteriormente, seus seguidores) são porta-vozes, indivíduos que intermedeiam a transmissão dos saberes. (CANELLA, 2009; 2004)

A memória oral dos ensinamentos constitui-se em uma tradição:

(...) a palavra tradição vem do latim: *traditio*. O verbo é *tradire*, e significa precipuamente entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração. Em segundo lugar, os dicionaristas referem à relação do verbo *tradire* com o conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que, através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração a geração. (Bornheim, *apud* CANELLA, 2004, p. 126)

Observa-se, portanto que a tradição é dinâmica, viva, se move. Assim as duas tradições ora em estudo.

Os ensinamentos do Budismo – transmitidos oralmente – só foram codificados cerca de quatro séculos depois da morte de Buda. Independentemente dessa codificação tardia, pode-se aceitar que os *suttas* (nome dado a esses discursos em pali) refletem de modo fidedigno os ensinamentos transmitidos pelo Buda. Como esses ensinamentos revestem-se de diversos aspectos, como por exemplo, podem ter caráter psicológico, espiritual ou filosófico, optou-se, como já explicado, pelo aspecto doutrinário-filosófico. Ou seja, trata-se da doutrina ensinada por Buda nos seus discursos, tratando,

principalmente, das Quatro Nobres Verdades, do Nobre Caminho Óctuplo²⁶, que estabelecem claramente a necessidade de uma vida ética, de tal sorte que podemos dizer que a ética torna-se o centro de toda a vida. tal como consta dos ensinamentos do Buda.

Na presente dissertação, fez-se uma opção pelo Budismo²⁷ Teravada²⁸ (páli: *thera* = anciãos + *vada* = palavra, doutrina), ou seja, o Budismo mais antigo, “que observa com estreiteza os ensinamentos do cânone páli” (REDYSON, 2014, p. 221)²⁹, pois, aqui, o objetivo principal, no campo do Budismo, é o estudo das Quatro Nobres Verdades³⁰, dando ênfase ao seu componente ético, que se defende ser o tema central de todo o discurso do Buda, entendendo-se que o carma, o samsara e o nirvana³¹ estão intimamente relacionados com o corpo ético desenvolvido por ele. (GUNARATANA, 2005)

1. No budismo theravada o progresso cabe ao indivíduo e depende de sua compreensão e resoluta aplicação da vontade. (...) 2. (...) sustenta que a humanidade está sozinha no universo. Deus existe com tanta certeza quanto o Sol e a Lua, mas não é de nenhuma valia na conquista da libertação. Confiança em si mesmo é o único recurso (...) 3. (...) o atributo supremo da iluminação é a sabedoria (bodi), (...) 4. A sangha (comunidade Theravada) tem tradicionalmente predisposição monástica (...) 5. O ideal é o arhat, o discípulo aperfeiçoado que, caminhando como um rinoceronte solitário, pôs-se na trilha do nirvana e, com pródiga concentração prossegue em direção à sua meta sem se desviar. (...) 6. (...) Os theravadins o reverenciam [o Buda] como um sábio supremo que, por meio dos próprios esforços, despertou para a verdade e se tornou um mestre incomparável que traçou um caminho para eles seguirem. Um homem entre os homens, sua própria humanidade é a base da fé que os theravadins têm de que

²⁶ Quando o príncipe dos *Sakyas* tornou-se um Buda ele transmitiu os principais ensinamentos a seus discípulos e afirmou que lhes ensinava a Lei ou Dharma.

²⁷ Budismo é a tradição formada a partir das práticas ensinadas por Sidarta Gautama (622 a 543 a.C.). Ele também é conhecido como Buda Shakyamuni, “sábio dos Shakyas”, ou simplesmente, Buda, o Iluminado, o Desperto. (REDYSON, 2012)

²⁸ Todavia, deve-se relatar que mesmo no Budismo Theravada, existem várias linhagens, vários tipos de práticas e abordagens e, apesar de receberem a mesma denominação geral, dois centros de Budismo Teravada podem ser muito diferentes.

²⁹ “Deferindo sua autenticidade nas palavras do Buddha, o cânone páli se apresenta em sua inteireza como uma grande coleção em três partes fundamentais, a saber, a Tipitaka: O Vinaya, o Sutta e o Abhidhamma. O primeiro identifica as regras monásticas para monges e monjas, o segundo, a coleção mais conhecida, que contém os ensinamentos do Buddha transmitidos durante quarenta anos de peregrinação na Índia e o terceiro, um conjunto de tratados psicológicos que acompanham a estrutura do segundo.” (REDYSON, 2014, p. 221)

³⁰ Por se tratar do Budismo mais antigo é que ele tem a condição de dialogar de forma mais direta com as Quatro Nobres Verdades, tema do primeiro Discurso do Buda. Uma explicação mais detalhada sobre este tema será apresentada no Capítulo 1.

³¹ Os conceitos de carma, samsara e nirvana serão dados mais adiante, neste capítulo da dissertação.

também eles têm o potencial para a iluminação. (SMITH & NOVAK, 2015, p. 70-73)

Nesse sentido, todo corpo da doutrina budista dos *theravadins* – estudiosos e praticantes do Budismo Teravada revela-se atemporal, fundamentando uma religião que tem como escopo um profundo código de ética.

Também os ensinamentos do Mestre Gabriel foram transmitidos oralmente. Diga-se, entretanto, que seus primeiros discípulos gravaram algumas de suas oratórias e, mais tarde, a institucionalização da entidade religiosa demandou a elaboração de alguns documentos. Foi elaborado o Regimento Interno, publicada a *Convicção do Mestre*³² e, decorrente da necessidade de convivência dos discípulos, foram elaborados os *Boletins da Consciência* que, em seu conjunto, constituem um Manual Ético, voltado para a busca de um convívio pacífico e harmonioso dos discípulos. Esses *Boletins* foram criados passo a passo, na medida em que situações se apresentavam no cotidiano. Todavia, além desses *Boletins*, o Mestre Gabriel em suas palavras, algumas gravadas e outras memorizadas por seus discípulos, sempre alertou para a necessidade de uma vida moralmente virtuosa para se chegar a salvação. (COSTA e SILVA, 2011; RIBEIRO, 2009) Relata-se, também, que a primeira publicação oficial da UDV foi *Hoasca Fundamentos e Objetivos* (1989).

A linha doutrinária deixada por Mestre Gabriel aos seus primeiros discípulos, mestres por ele formados, permanece. Segundo os mesmos, ele utilizava uma “linguagem cabocla” – porque esta podia ser compreendida tanto por aqueles que possuíam educação escolar quanto por aqueles que não a possuíam – e privilegiava a prática ética – o exemplo. Ele também utilizava a expressão “mistérios das palavras”, trazendo uma nova perspectiva para percebê-las. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

A transmissão dos ensinamentos de forma quase exclusiva oral, remete à importância da memória, tanto para os budistas como para os hoasqueiros na manutenção e difusão dos ensinamentos. No Budismo, os monges e monjas, e até leigos, recitam mantras de cor. Na UDV, os discípulos ascendem hierarquicamente, pelo “grau de memória” que

³² Esse artigo, publicado em 06 de Outubro de 1967, constitui a primeira manifestação pública da UDV, feita ainda quando o Estado de Rondônia era um Território Federal. Será desenvolvido nos capítulos seguintes.

compreende não apenas aprender e memorizar, mas principalmente colocar em prática os ensinamentos e a doutrina³³.

Por conseguinte, estudar a oralidade, que é o modo exclusivo de sua disseminação entre os discípulos, ou sócios da UDV, assim como entender a memória, como elemento condicional para a realização exitosa da comunicação oral e da evolução espiritual pretendida por seus praticantes, torna-se fundamental para a compreensão de sua cosmovisão. (RIBEIRO, 2009, p. 23)

Para Aristóteles, tanto a sensação quanto a memória são elementos imprescindíveis ao aprendizado e, também, ao saber. Para adquirir o conhecimento – *eidenai* – obrigatoriamente, passa-se por esses níveis (sensação e memória). (ABBAGNANO, 2007)

A Memória parece ser constituída por duas condições ou momentos distintos: “1º conservação ou persistência de conhecimentos passados que por serem passados, não estão mais à vista: é a *retentiva*; 2º possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente: é propriamente a recordação.” Esses dois momentos já foram distinguidos por Platão, que os chamou respectivamente de “conservação de sensações” e “reminiscência” (*Fii*, 34 a-c). e por Aristóteles, que utiliza esses mesmos termos. (ABBAGNANO, 2007, p. 658)

Para Walter Benjamin, memória não é só ir atrás do tempo perdido, é visitar o passado em busca do amanhã. Ela, portanto, não é unidirecional, como nos sugere a ideia de rememoração, pois não é um movimento que surge no presente e se volta para o passado; ela é bidirecional, onde o passado visa, na mesma medida em que é visado, o futuro. Para o autor, a memória é um recurso singular de participação no coletivo, é a possibilidade de sermos autores da construção de um mundo melhor. (BENJAMIN, 1985)

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro. (AMADO, 1995, p.132)

A memória, enquanto coletiva, consiste em tentativas de pertencimento a coletividades, muitas vezes de natureza diferente, nas quais o passado lembrado (ou

³³ O conceito de grau de memória e de sua importância para os sócios da UDV serão desenvolvidos no Capítulo 1 – no item Caminho da Retidão.

rememorado) estabelece e define lugares do indivíduo. Na coletividade, a memória tem duas funções: (a) defender as fronteiras do grupo, (b) mantendo a coesão. (POLACK, 1989)

[A memória individual] se relaciona à natureza plástica e expansiva da capacidade mnemônica. Assim, podemos pensar a primeira sob o ponto de vista de permanências e a segunda sob a marca de mudanças. Essas dimensões da memória exercem influências mútuas, retroalimentando-se. (RIBEIRO, 2009, p. 115)

A memória é um elemento significativo na UDV, porque o Mestre Gabriel, ao beber a hoasca, disse, inicialmente, “estar recordando” e, mais tarde, “ser um recordado”: dentre suas diferentes reencarnações, recordou-se da própria criação da União do Vegetal, feita pelo Mestre Salomão, que uniu os mistérios do Vegetal. Daí ser ele o criador e o Mestre Gabriel, o recriador.

Esse princípio da UDV é revelado na *História da Hoasca* que é narrada algumas vezes, durante o ano, nas Sessões da União do Vegetal, principalmente em datas comemorativas. É uma narrativa transmitida oralmente pelos Mestres e têm o direito de escutá-la e conhecê-la os sócios, membros da instituição, que participam de uma Sessão³⁴. Tanto é assim que para receber o título de Mestre na UDV, o sócio, numa Sessão do Vegetal, deve saber contar a História da Hoasca, bem como, responder às perguntas feitas a respeito da mesma. Essa forma foi criada pelo Mestre Gabriel que instituiu o que se denomina na UDV de “Concurso”³⁵.

Desde o início da UDV, o Mestre Gabriel alertou os discípulos a respeito do cuidado que se deve ter com a memória das pessoas que bebem o vegetal, evitando dizer coisas capazes de trazer problemas principalmente para aquelas que têm “memória fraca”. Tal comportamento corre o risco de “estrupar a memória”, do discípulo, violando, às vezes, a sua capacidade de memorizar e entender os ensinamentos e lidar com

³⁴ Devido ao caráter ético de uma pesquisa e diante do pedido da Direção do Centro para não se divulgar Histórias e Ensinos que contenham Mistérios e Segredos Espirituais, me abstenho descrever aqui, partes de histórias, atendo-me, sobretudo, a importância de sua transmissão oral e da memória.

³⁵ A criação da União do Vegetal aconteceu na Floresta Amazônica. E foi lá, no período de 1959 a 1964, que Mestre Gabriel formou os primeiros mestres: Pequenina (Raimunda Ferreira da Costa); Bacurau (Raimundo Ribeiro das Chagas); Pernambuco (Manoel Severino Félix); e José Gama. Na sequência, Mestre Gabriel foi morar em Porto Velho (RO) com a família e, a partir de 1965, iniciou a preparação de novos discípulos para receberem o título de mestre. Nesse primeiro momento, oito mestres foram formados: Waldemar Santos; Modesto Alves de Souza; Manoel Nogueira da Silva; Hilton Pereira Pinho, Cruzeiro (Florêncio Siqueira de Carvalho); Raimundo Carneiro Braga; Antônio Domingos Ramos e José Luiz de Oliveira. A partir daí foi criado o Concurso, em 1966. (DMC, s/d)

aspectos da vida. Em razão disso os ensinamentos são apresentados aos poucos, “colocando na memória devagarinho”. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Assim, pode-se concluir com Maurice Halbwachs (1992), para quem nossas memórias são de suma importância para o processo da comunicação humana. Observa-se que tanto no Budismo, como na UDV, a oralidade contribui como fonte e também como forma de rememoração e de preservação da história dessas instituições: a origem, os ensinamentos e a doutrina são (ou foram) transmitidos oralmente, revelando a importância excepcional da memória na sua preservação. Lembrança e esquecimento fazem parte da vivência de seus adeptos, que utilizando de artifícios (esquecimento, recordação, ritmo, repetição), “permanecem históricos, sempre. E essa permanência, o mantém na tradição”. (CANELLA, 2009, 176)

1.2. Aspectos simbólicos

As manifestações do sagrado são expressas por estruturas religiosas, entre as quais destacamos os símbolos, estes “constituem uma linguagem pré-refletiva que exige uma hermenêutica especial”, e desse “esforço hermenêutico de decifrar o sentido dos símbolos resulta um considerável enriquecimento da consciência.” (ELIADE, s/d, p. 10 e 11). Os historiadores da religião também buscam elaborar esta hermenêutica.

Os símbolos são usados para relacionar um objeto tangível, com um conceito intangível e cada sociedade religiosa tem um conjunto próprio de símbolos que permite penetrar e analisar seus adeptos, sua filosofia, religiosidade e organização, a interação de indivíduos em prol de um mesmo objetivo.

Existem símbolos com significados profundos dentro de um determinado contexto histórico e cultural. Ou seja, observa-se que símbolos religiosos ultrapassam o nível do que se visualiza, apontando para uma dimensão transcendente e se constituem numa manifestação das aspirações mais profundas de religiosidade. Servem para concretizar, tornar visuais e palpáveis realidades às vezes abstratas, sendo estas mentais ou morais. Quando abraçados com ardor, manifestam e alimentam o respeito e o despertar de energias inesperadas e, por esse viés, tem-se o lótus e a rosa expressando uma identidade profunda das duas tradições aqui estudadas, traduzindo convicções e valores que se apresentam como indissociáveis para a existência dessas instituições.

Dessa forma optou-se por apresentar alguns aspectos ligados ao lótus (Budismo) e a rosa (UDV).

A) No Ganges: um lótus

Na beira de uma estrada, sobre um monte de esterco na valeta à beira da estrada, cresce um lótus, agradável e com fragrância. Da mesma maneira, no monte de esterco dos cegos mortais, o discípulo d'Aquele que se Iluminou de forma Exímia brilha resplandecente em sabedoria. (Dhammapada³⁶ 58-59)

O lótus encontra-se presente em quase toda iconografia do Oriente em geral e do Budismo, em particular. Assim, a flor de lótus mística aparece na poesia, em têxteis, nos escritos dos santos e dos sábios, desenhados e esculpidos em paredes do templo.

No Hinduísmo e Budismo, uma das expressões simbólicas da pureza é a flor de lótus, que por atravessar as águas barrentas sem se manchar, é um símbolo do caminho de iluminação da mente intrinsecamente pura. (SHAKER, 2011, p. 204)

No hinduísmo, o Padma Purana³⁷, uma de suas escrituras sagradas, diz que o Ser Supremo desejou manifestar-se e criar o universo e os mundos. E, assim, o fez. Sua vontade de preservar a criação se manifestou com Vishnu Narayana, que dorme com seu par Lakshmi, deitados em Ananta, a serpente de sete cabeças das águas primordiais. Vishnu sonha. Seu sonho preserva a existência e é sempre o mesmo: do seu umbigo surge o caule de uma flor de lótus; quando a flor se abre, em posição de meditação senta-se Brahma, com quatro faces, uma para cada direção. Brahma senta-se no centro do lótus para viver seu “kalpa”, o Dia de Brahma. Após esse período, o sonho de Vishnu termina. A flor de lótus então se fecha e o universo se dissolve no vazio. A flor volta a aparecer no próximo sonho de Vishnu e, assim, sucessivamente. (WILSON, 2012, p. 34 e ss.)

A primeira tela a seguir representa o *yoganidrá*, o “sono” do Yoga, que é um estado de consciência entre o sono profundo e a meditação; a segunda é de uma pintura do Século XVIII, de autor anônimo; a terceira é do Século XIX.

³⁶O Dhammapada (a partir de agora Dhp) consiste num corpo de textos de teoria ética, reconhecido como sendo a expressão mais sucinta dos ensinamentos do Buda.

³⁷ “Os conhecimentos *purânicos* remontam à era védica quando os *Purânas* não eram ainda escritos, mas memorizados e transmitidos oralmente.” (FEUERSTEIN, 2009, p 366). O nome, “*Purâna*” significa “antigo”, havendo “menção aos Purânas nos Vedas (AtharvavedaXI.7.24) e em outras obras que certamente foram escritas muito antes da era cristã, como as *Upanisads* mais antigas. É possível que tenham existido alguns Purânas muito antigos, que eram transmitidos oralmente, mas que foram depois perdidos ou sofreram alterações, acabando por produzir os que chegaram até nós.” (WILSON, 2012, p. i) Existem 18 Puranas, sendo que o Padma Purana “contém um relato do período quando o mundo era um lótus dourado (padma), e de todas as ocorrências daquele tempo, é portanto chamado de Padma pelos sábios; ele contém cinquenta e cinco mil estrofes.” (idem, p. 14)



Figura 3 – Três representações da “Criação do Mundo”

Fonte: <http://slideplayer.com/slide/9715462/>

Nessas três telas, no lótus que surgiu a partir do umbigo do Senhor Vishnu, senta-se graciosamente “O Criador” do Universo, o Senhor Brahma³⁸.

Como se adiantou, no Budismo, o lótus é altamente reverenciado e representa seus ensinamentos.

³⁸ Todavia, também entre os egípcios encontra-se o lótus azul, seja adornando as sacerdotisas, princesas, rainhas e o próprio faraó, quanto, também, fazendo parte dos símbolos de deuses. Entre os gregos, na *Iliada*, o uso do lótus como narcótico é descrito em detalhes. Os maias também usavam o lótus, de sorte que o *Research Associate, Natural History Museum* e o *Research Associate, Harvard University Botanical Museum*, possuem grupos de pesquisa voltados para o levantamento comparativos dos usos rituais do lótus entre os egípcios e os maias.

Na noite em que Sumedha³⁹ decidiu vir a Terra do céu de Tushita⁴⁰ para cumprir sua missão na Terra, uma flor de lótus cresceu a partir dos oceanos para o céu de Brahma, pois o lótus contém a essência de toda a criação. Brahma recolheu a essência em uma tigela, e deu ao Buda para beber como um sinal de honra.

A história do nascimento do Buda Shakyamuni começa, portanto, num reino divino, onde o futuro Buda (que, antes de seu despertar, é conhecido como Bodhisattva⁴¹) goza de uma vida perfeita. Devido a suas aspirações passadas, o Bodhisattva anuncia que vai, abandonar a vida no reino divino, em busca do total e pleno despertar na terra (*Jambudvipa*) onde vai nascer dentro de uma família nobre e

este nascimento foi anunciado com 8 sinais⁴². Todos os sinais que anunciaram a vinda

³⁹ Histórias sobre as 547 vidas de Buda são relatadas em narrativas conhecidas como *Jatakas* sendo que ele recordava-se de todas as suas vidas anteriores. O certo é que uma das existências do Buda foi como um brâmane muito rico, chamado Sumedha: ele, um dia, percebeu a natureza repetitiva do ciclo de insatisfatoriedade inerente a Samsara e, retirando-se para o Himalaia, passando a viver como um asceta, objetivando encontrar uma forma de libertação dos grilhões de *Samsara*. Um dia ele retornou à cidade de Asara em busca de alimento e descobriu que estavam sendo feitos grandes preparativos para a visita do Buda Dipankara – o Doador da Luz, acompanhado de grande comitiva. Então Sumedha pensou que esta era uma grande oportunidade de ver por si mesmo alguém que tinha se libertado da ignorância e da ilusão. Embora todos trabalhassem para arrumar e embelezar os locais por onde Dipankara iria passar com sua comitiva, nem tudo pôde ser concluído. Quando Dipankara chegou a pé, Sumedha percebeu que ele teria que cruzar um trecho enlameado da estrada, então deitou-se sobre a lama. Ali deitado, percebeu que Dipankara emanava bondade e capacidade ilimitada de produzir benefícios aos seres. Silenciosamente, Sumedha fez para si mesmo o voto de praticar incessantemente a bondade, de modo a manifestar as qualidades do Buda no futuro. Dipankara, percebendo o voto de Sumedha, reconheceu-o como bodhisattva e disse que, numa vida futura, ele atingiria a condição de Buda com o nome de Shakyamuni. (REDYSON, 2014; COOMARASWAMY; NIVEDITA, 2002)

⁴⁰ “De acordo com a crença tradicional um Bodhisatta, antes de atingir seu último nascimento como um Buddha nessa Terra, mora no céu de Tusita (v. deva), o Céu Bem Aventurado. Cf. A. IV, 127; VIII, 70.” (DICIONÁRIO BUDISTA, 2013, p. 43) “

⁴¹ A palavra *bodhisattva* vem da junção de *Bodhi* que significa sabedoria de Buda, e *sattva*, seres sensíveis. Ser um *Bodhisattva* significa estar determinado a tornar-se um ser iluminado, ou seja, eliminar toda a negatividade que causa dor e sofrimento e, ao mesmo tempo, manifestar qualidades positivas com o propósito de beneficiar todos os seres sensíveis.

⁴² Esses sinais são: a) O reinado ficou sem ervas daninhas, sem troncos quebrados, lixo, não apareceram moscas, vespas, mosquitos, serpentes peçonhentas (primeiro sinal); b) todas as aves do reino, mesmo aquelas que habitavam o Himalaia, com suas asas coloridas de belas cores, vieram para o palácio do rei Suddhodana e encantaram todos com seus cantos maviosos (segundo sinal); c) em todos os jardins de recreio, parques e bosques de lazer do reinado dos Shakyas, as árvores que floresciam e frutificavam em diferentes épocas do ano, tudo floresceu ao mesmo tempo, deixando tudo coberto de flores (terceiro sinal); d) os poços, a água utilizada para banho e todas as outras águas do reino se encheram de lótus de muitas folhas, do tamanho da roda de uma carroça (quarto sinal); e) na residência do Rei Suddodana, a manteiga, o óleo, o mel, o caldo de cana, o açúcar e todas as espécies de alimentos, quaisquer que fossem, se tornaram abundantes e inteiros (quinto sinal); f) no palácio, todos os instrumentos, sem serem tocados, começaram a soar (sexto sinal); g) também no palácio, todos os vasos ou recipientes de ouro ou prata, todos os diamantes, os cristais, perolas, todos os tipos de joia, enfim, começaram a brilhar de forma esplendorosa (sétimo sinal); h) todo o palácio e suas cercanias foram iluminados de todos os lados por

do Buda à Terra, expressam um grande simbolismo, relacionado aos ritmos da natureza (sons, movimento, florescência, luz etc.), como formas de evidenciar a importância dessa presença.

Há um movimento na natureza e a arte representativa de momentos sagrados busca mostrar essa relação direta entre religião e arte, entre religião e símbolo. (DURAND, 1995; CAMPBELL, 1994; ELIADE, 1991)

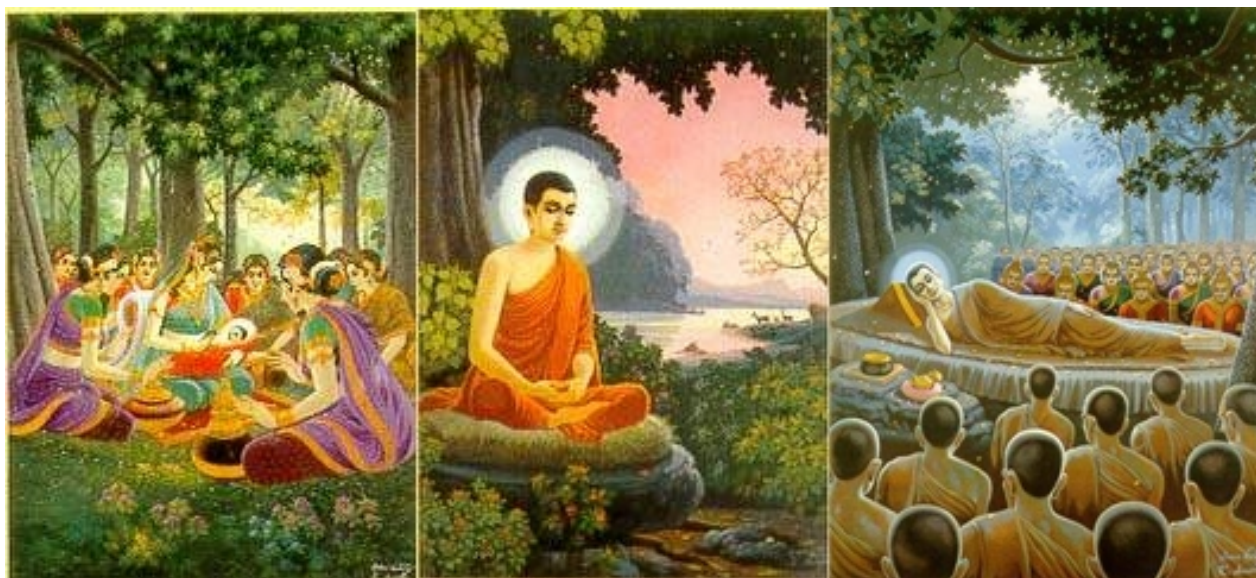


Figura 4. Três momentos da vida de Buda⁴³.

Fonte: http://www.mentor.ac/show_detail.php?ac=854#.WCiDxPkrLIU/

O nascimento do Buda é anunciado a sua mãe por um sonho no qual um elefante⁴⁴ trazendo na tromba um ramo de lótus penetra no seu flanco direito. Numa das cenas mais populares da arte iconográfica budista, o pequeno Buda, ao nascer, recebe sobre si uma chuva de lótus e como, milagrosamente, já podia andar, a cada passo que dava, brotavam flores de lótus de suas pegadas – uma das assinaturas de sua origem divina.

Jung e Kerénil (2011) tratam das diversas representações da criança prototípica que sempre se faz acompanhar de um ou mais de seus símbolos (flor, joia, pérola, vaso, ovo de ouro, bola de ouro, etc.). É este símbolo que define o maravilhoso de sua gênese e de sua vida.

uma luz, produzindo em todos um bem estar de corpo e espírito (oitavo sinal). (LALITAVISTARA – FOUCAUX, 1860)

⁴³ O nascimento, a iluminação e o parinirvana de Buda ocorreram todos no dia da lua cheia Vesak (lua cheia do sexto mês lunar).

⁴⁴ “O elefante tem a representação de grande poder real e esse surgimento foi anunciado em sonho à rainha.” (REDYSON, 2012, p. 95)

Ou seja, o Buda não é uma criança comum, mas já pelo seu nascimento ele se revela e, ao mesmo tempo, revela o lótus como um símbolo, aqui claramente apresentado como sagrado e “ainda encontramos diversas formas de renascimento do Buda que foram representadas em pinturas e gravadas em pedras que realçam a natureza do Buda Shakyamuni.” (REDYSON, 2014, p. 262)



Figura 5. Cena do Nascimento de Buda

Fonte: <http://www.acessoainsight.net/dhp/dhp14.php>

Afortunado é o nascimento de um Buda,
afortunado é o ensino do Dhamma,
afortunada é a harmonia da Sangha
e afortunada é a sua busca espiritual. (Dhp, 194)

A trajetória dos fundadores das diferentes Tradições espirituais, (incluindo-se, aqui, tanto o Budismo, quanto a UDV) evidencia, também, um caminho mítico. Nesse caminho, cada passo, cada palavra, cada ação do fundador é carregada de significados e de verdades, muitas das vezes simbólicas, fundamentando os mitos e os ritos da respectiva tradição.

A vida dos fundadores das Religiões é um *mythos* que serve de paradigma-espelho, no qual cada postulante se vê, revê e se orienta. Cada passagem da vida dos fundadores míticos é um símbolo que alimenta o intelecto em seu trilhar analógico. O caminho mítico. Como a flor de lótus, que emerge do lodo e atravessa as águas barrentas da existência samsárica, sem ser manchada por elas. Até alcançar o desabrochar, realização que se abre como pétalas da flor radiante. (SHAKER, 2011, p. 185)

A flor de lótus tradicional é representada com oito pétalas, expressando, um símbolo da harmonia cósmica. Aparece com frequência nas mandalas⁴⁵. Por sua vez, na mitologia hindu, o lótus com mil pétalas é considerado o trono de Buda. Simboliza o próprio *Sahashara Cakra*, a abertura da consciência individual para a consciência de Brahman. (GNERRE, 2013)

Trono indica o assento da autoridade, do conhecimento e da lei, tanto espiritual e temporal. O trono é erguido sobre um estrado como o centro do mundo entre o céu e a terra. Simboliza também o que é nascido miraculosamente, esculpido em tronos de simbolismo especial, como o trono do dragão, o lótus ou o trono do leão (...). (COOPER, 2012, p. 171-172)

O “centro do mundo” acha-se, por definição, num lugar inacessível, todavia, pode ser “construído em qualquer parte sem se deparar com as dificuldades de que falam os mitos e as lendas heroicas (...)”. (ELIADE, 1997, p. 492)

Por fim, o lótus representa a própria natureza de Buda, pois ele não é afetado pelo ambiente pantanoso que é o próprio *samsara*⁴⁶. (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2013) Ou seja, tal como o lótus tem suas raízes imersas nas águas pantanosas ou lodosas, o Buda tem seus pés na Terra, todavia, assim como o lótus, vence essas águas e se abre para o céu iluminado, o Buda venceu Mara Devaputra, tornou-se um iluminado e livrou-se de *samsara*.

Essa sacralização da flor se mostra na arte de pintores que captaram o nascimento, a vida, a iluminação e a morte de Buda e, nesse sentido, cada representação imagética refere-se a um universo do imaginário, que se expressa numa abundância de mitos, ritos e símbolos, tudo concretamente ordenado na expressão do sagrado na cultura. (DURAND, 1995; CAMPBELL, 1994; ELIADE, 1991)

⁴⁵ A expressão mandala provém de uma palavra da língua sânscrita, falada na Índia antiga, e literalmente, tem o significado de “círculo”. Sendo composta de “manda”, significando essência e de “la”, significando conteúdo, pode, também ser entendida como “o que contém a essência” ou “a esfera da essência” ou ainda “o círculo da essência” (GREEN, 2005, p. 7). Mais tarde, a palavra caracterizou principalmente “os sinais de meditação abstratos ou impregnados de elementos plásticos, nas religiões hindus, sob a forma de um círculo ou de um polígono; representa simbolicamente as experiências religiosas e pretende ser um recurso para auxiliar a união com o divino por meio da meditação. C. G Jung interpretou as mandalas como símbolos de individuação (...)” (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2013, p. 133)

⁴⁶ “O termo refere-se à noção de andar através de uma vida após outra, num processo que parece infundável e inexorável. O *samsara* refere-se não só aos seres humanos, mas também aos animais. O *samsara* pode ser transcendido e a libertação alcançada ou nesta vida (*Arahats*) ou numa esfera elevada (os que não retornam).” (COHEN, 2008, p. 513)

No Lalitavistara encontra-se essa comparação entre o “espírito do homem” e o lótus: quanto mais virtuoso, menos adere à “lama” de samsara. No Budismo esotérico o coração dos homens é um lótus fechado e quando desenvolvem virtudes, a flor se abre lentamente: o Buda senta-se nessa flor, ou seja, passa a habitar o coração daquele homem. No poema de Tagore a seguir encontra-se esta representação: é no coração que o lótus – doutrina do Buda – deve desabrochar. Este desabrochar da flor determinou, ainda que não de imediato, um acordar, que nada mais é do que tornar realidade, para si, os ensinamentos do Buda.

No dia em que a flor de lótus desabrochou
 A minha mente vagava, e eu não a percebi.
 Minha cesta estava vazia e a flor ficou esquecida.
 Somente agora e novamente, uma tristeza caiu sobre mim.
 Acordei do meu sonho sentindo o doce rastro
 De um perfume no vento sul.
 Essa vaga doçura fez o meu coração doer de saudade.
 Pareceu-me ser o sopro ardente no verão, procurando
 completar-se.
 Essa vaga doçura
 Fez o meu coração doer de saudades.
 Pareceu-me ser o sopro ardente no verão, procurando
 completar-se.
 Eu não sabia então que a flor estava tão perto de mim
 Que ela era minha, e que essa perfeita doçura
 Tinha desabrochado no fundo do meu coração.
 (RABINDRANATH TAGORE, 1991)

Essa leitura simbólica é importante no sentido de que as religiões, de um modo geral, se utilizam de símbolos, de figuras metafóricas, para transmitir seus ensinamentos. Observa-se que o sentido figurativo parece auxiliar o trabalho do desenvolvimento da memória rumo ao conhecimento espiritual. Conforme Mestre Gabriel, não se pode “dar tudo na bandeja”, é preciso “machucar a memória” (DMC, s/d), significando que as figurações, as metáforas, os símbolos fazem esse trabalho de “mexer”, ativar a memória.

Pode-se concluir, todavia, que o sentido metafórico é ultrapassado e o símbolo torna-se, para seus seguidores, uma realidade posta pela religião. Por exemplo, o rio Ganges, o bosque em Varanasi (espaços), a árvore bodhi e a flor de lótus (símbolos) são elementos emblemáticos da história do surgimento do Budismo: o Buda fez neste espaço seu discurso mais significativo, realizando o Primeiro Giro da Roda do Dharma e, até hoje, passados milhares de anos, o lótus está a ele relacionado: ao seu nascimento, sua vida, sua morte e sua doutrina. Como se verá adiante, o Rio Abunã (espaço) e a rosa (“símbolo”) têm importantes significados para a religião udevista.

B) No Abunã: uma Rosa

Entre a rosa
E o espinho – o cuidado
Da mão que colhe (EVANGELISTA, 2008, p. 85)

A União do Vegetal foi criada no Seringal *Sunta*⁴⁷, na Floresta Amazônica, nas margens do Rio Abunã, localizado entre o Acre e a Bolívia quando, segundo registros históricos udevistas, o Mestre Gabriel declarou criada a União do Vegetal, numa sessão da qual participaram 16 pessoas.



Figura 6. Mapa da localização do Seringal Sunta⁴⁸
Fonte: DMC, s/d

Em Sunta, ele exercia sua atividade de seringueiro, morando numa casa de paxiúba⁴⁹ com sua família. Não existe qualquer registro fotográfico da casa do Mestre Gabriel no seringal. Quando os primeiros pesquisadores – acompanhados de pessoas da

⁴⁷ De 1959 a 1964, Mestre Gabriel morou nos Seringais Guarapari e Sunta às margens do rio Abunã, fronteira com o Acre, mais precisamente na margem boliviana.

⁴⁸ O Rio Abunã é a fronteira entre a Bolívia e o Brasil.

⁴⁹ Seu nome científico é *Socratea exorrhiza*. Pertence à família das *Areacaceae*, ocorrendo no espaço que vai da América Central até a Bacia do Amazonas, sendo grandemente utilizada na construção de moradias no seringal.

família do Mestre Gabriel – estiveram no local, não havia mais a casa⁵⁰. Não obstante, traz-se para efeito de registro, uma foto do modelo mais comum desse tipo de moradia, existente até hoje na região.



Figura 7. Casa de paxiúba existente nos seringais⁵¹

Fonte: DMC, s/d

O processo de institucionalização da religião inicia-se em 1965, já na capital do Território Federal do Guaporé (depois, Rondônia), quando foi elaborado o primeiro Regimento Interno⁵². Houve o primeiro registro jurídico, em Porto Velho, em 1968, como Associação Beneficente União do Vegetal e em 1971, como Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, constando, no Estatuto, pela primeira vez, o registro de que os sócios bebiam o chá Hoasca. (COSTA& SIVA, 2011; CEBUDV, 1989)

A seguir, tem-se uma fotografia da casa onde Mestre Gabriel morava com sua família em Porto Velho, a partir de 1965. A rua onde esta ficava situada tem o mesmo

⁵⁰ Alguns discípulos costumam viajar para esse local (e outros, onde morou Mestre Gabriel) para conhecer melhor a história da criação da UDV. Em alguns desses locais – em Sunta, por exemplo, foram construídos barracões nos locais apontados pelos familiares do Mestre Gabriel.

⁵¹ A casa é constituída de uma sala, onde fica o fogão para preparo da alimentação; um ou no máximo dois quartos. As instalações sanitárias são separadas da casa: é um buraco no chão onde em cima é colocado um caixote para sentar. As casas são suspensas em palafitas. Do lado da casa (na foto do lado direito) fica a casa de beneficiamento da borracha.

⁵² O Centro utilizou como modelo para a elaboração desse documento, o Estatuto dos Oleiros e de um Clube de Futebol. (DMC, s/d/)

nome do rio onde se iniciou a UDV. Em algum momento de 1965, neste local, passaram a serem realizadas as sessões da UDV, tornando-se a Sede da organização⁵³.



Figura 8. Casa do Mestre Gabriel na Rua Abunã, n. 1215, em Porto Velho
Fonte: Jornal O Estado de São Paulo, 1968

Observa-se que a arquitetura é rudimentar e se assemelha aquela existente no seringal. A sala onde eram realizadas as sessões era de chão de terra e as pessoas sentavam em bancos e às vezes em cima de tijolos arrumados como se fossem bancos.

Deste modo, o rio Abunã – seja o local onde foi criada a UDV, seja o local da primeira sede – teve um significado importante para a história da origem dessa religião. Hoje, na Rua Abunã, no endereço onde morava o Mestre Gabriel, funciona o Memorial José Gabriel da Costa, inaugurado em 2015, buscando guardar e manter a memória do início da União do Vegetal⁵⁴. Este aspecto revela a importância do simbolismo para uma tradição religiosa e de como lugares profanos vão gradativamente tornando-se sagrados. (ELIADE, 1992)

⁵³ Antes, algumas sessões foram realizadas na sede do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento; outras na casa de uma sócia (de nome Arlinda) e numa construção junto a um curral de uma fazenda, onde trabalhava um discípulo (Waldemar Santos) e, também, na Olaria de Mestre Gabriel.

⁵⁴ Nesse propósito de preservação da história, também o local de nascimento de mestre Gabriel – fazenda Pedra Nova em Coração de Maria, Município da Bahia – tornou-se um Núcleo da UDV.

No campo simbólico, na UDV, a rosa tem um significado próprio, representando a própria Hoasca, mulher misteriosa que está relacionada ao mito origem do chá e que o denomina.

O aspecto simbólico que a identifica com a perfeição total, com uma forma de plena realização, não é estranho ao Oriente, pois mais especificamente, na Índia, a rosa cósmica é uma referência à beleza da mãe divina, encontrando-se associada ao lótus. É representada em Mandalas, podendo ser considerada como um centro místico.



Figura 9. Mandala indiana representando a rosa, o lótus e o tao
Fonte: magicoycelestial.blogspot.com

Notável por sua beleza, forma e perfume, a rosa ocupa, dessa forma, no Ocidente, uma posição análoga àquela que, no Oriente, ocupa a flor de lótus.

Na UDV, os conhecimentos são associados ao mel: “Os ensinamentos do grande Mestre têm mais doçura do que o mel. Traz luz e conhecimento, (...)” (MESTRE JOSÉ LUIZ⁵⁵, DMC, s/d)

A rosa, na União do Vegetal, além de, como se disse, estar presente no próprio significado do nome Hoasca, encontra-se, não apenas na história da origem do chá⁵⁶, como, também gravada no interior do Mariri, pois o Vegetal ou chá que se bebe nos

⁵⁵ Trata-se de José Luiz de Oliveira, um dos Mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG), também denominados Mestres Antigos.

⁵⁶ Na UDV conta-se a História da Hoasca, mito que se reporta a origem do chá *in nullo tempore*, ou seja, “há milhares de anos, antes do dilúvio universal”, quando uma mulher misteriosa ao morrer se transforma em uma árvore, hoje denominada de “chacrona” na UDV e de “rainha” nas demais religiões urbanas que utilizam o chá.

rituais é preparado pela união de um cipó denominado na UDV de “mariri” (*Banisteriopsis caapi*) que representa a Força e as folhas de uma árvore denominada de “chacrona” (*Psicotria viridis*) que representa a Luz. Esse chá é utilizado em rituais religiosos para efeito de concentração mental. Assim, o “mariri” é uma das plantas que participam da composição do chá hoasca. Tal como na Alquimia, a rosa tem, aqui, um significado simbólico muito forte.



Figura 11. Corte no mariri evidenciando o formato de uma rosa

Fonte: DMC, s/d

Nos rituais da UDV são feitos cânticos denominados “chamadas”. A finalidade das chamadas, tal como nos mantras, é manter a concentração e a pensamento firme nos ensinamentos. As chamadas são “como orações, mantras (...) porque chamam a Força Espiritual” (FABIANO, 2012, p. 81), para o Salão do Vegetal. É importante esclarecer que não existe incorporação nos rituais da UDV, mas essa Força Espiritual (Força, Luz, cura, guarnição etc.) circula entre as pessoas, sob forma de inspiração. (FERNANDES, 2011). Numa dessas chamadas⁵⁷, Mestre Gabriel fala de um jardim que tem em seu centro uma rosa: “Jardim das Flores, por onde eu cultivava, tem uma Rosa que por ela eu me encantava (...) tem uma Rosa que por ela eu vos guiava (...)”. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Outra chamada, esta de autoria de um discípulo que conviveu com Mestre Gabriel, diz:

Olha que belo jardim, o Mestre deixou pra nós. Tem uma Rosa que nos transporta em seu caminho; (...) Tem uma Rosa que nos transforma em seu caminho; (...) Tem uma rosa que vem brotando em meu caminho (...) (BACURAU⁵⁸, DMC, s/d)

Trata-se, segundo os estudiosos, de um jardim simbólico, usado para comunicar conceitos e emoções e, segundo os Mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, este, já no final, perto de desencarnar, trouxe o “Rosário de Chamadas”, coroando seu trabalho, estabelecendo uma relação com a rosa, pois o rosário – enquanto símbolo da religião cristã – significa uma grande coroa de rosas.

Segundo Michael Meier⁵⁹, o jardim pode ser entendido como centro do mundo e a rosa seu eixo, símbolo de orientação. É também de jardim artístico e metafórico – sendo que na UDV, a Rosa é usada pelo Mestre Gabriel para guiar seus discípulos, capaz de transportar e de transformar esses discípulos.

O jardim é muitas vezes encarado como o centro do mundo. (...). A árvore ou a roseira, no centro do jardim, simboliza o eixo do mundo, o centro cósmico em torno do qual tudo gira. Como o templo, o jardim é o local sagrado. (AMORC, 1992)

Numa das chamadas da UDV, denominada “Perambulando até chegar”, tem-se: “Perambulando, com destino incerto / me deparei com um belo jardim. / Ele é tão lindo que eu cheguei mais perto (...)” (MESTRE JOSÉ LUIZ, DMC, s/d), evidenciando a chegada do discípulo na UDV. Ele chega perto e admira o jardim. Com o tempo, recebendo a doutrina e os ensinamentos e com a transformação de conduta ele recebe a chave e consegue abrir a porta e entrar no jardim e, assim, se encontrar com a rosa que ocupa seu centro.

Esta mesma representação é encontrada numa figura e num epigrama de Michael Maier.

⁵⁸ Trata-se de Raimundo Ribeiro das Chagas, um dos Mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG), também denominados Mestres Antigos.

⁵⁹ A obra, *Atalanta Fugiens*, de Michael Maier, foi publicada pela primeira vez em 1618 e reimpressa em 1687 com o título de *Secretioris Naturae Secretorum Scrutinium Chymicum*, ou seja, “Investigação Alquímica dos Mais Ocultos Segredos da Natureza”. Possui cinquenta estampas e cada uma delas, apresenta um título, um epigrama em baixo e um ensaio de mais ou menos duas páginas.



Figura 12. Estampa e epigrama XXVII de Maier

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0a/Michael_Maier._Atalanta_Fugiens

“Aquele que entra no filosófico jardim de rosas sem a chave é como o homem que quer caminhar sem pés” (Emblema da Estampa XXVII) e a “única chave que pode abri-lo é uma coisa (...) sem a qual não há meio de colher a rosa: a sabedoria.” (Epigrama da Estampa XXVII)

Na UDV, a porta para entrar nesse jardim e conhecer a rosa é o próprio Mestre Gabriel e a chave é a sabedoria de Salomão: “Tu és a porta que aberta nos transporta (...) A chave é Salomão”. (MESTRE JOSÉ LUIZ, DMC, s/d)

Dessa forma, nesse jardim – que é a própria União do Vegetal –, a rosa representa a transmutação espiritual do homem, que o leva ao caminho da salvação, tal qual o lótus representa o próprio Buda, chave imprescindível no Budismo para a saída de *samsara*.

1.3. O Budismo e a conduta ética

De todas as fragrâncias – sândalo, *tagara*, lótus azul e jasmim – a mais doce de todas é a da virtude. (Dhp 55)

A palavra Buda origina-se do sânscrito *Buddh*, significando, como já se disse, desperto, iluminado, pensador. “Dentro da cosmologia budista, o *Tathāgata*⁶⁰, o *Arahat*⁶¹ e o *Plenamente Desperto* são as realidades do Budismo para o benefício dos seres.” O Bodisatva (Pali: *Boddisatta*; Sânscrito: *Bodhisattva*)⁶², ou seja, aquele “Que virá a ser Buda”, nasceu, um príncipe do clã dos *Sakya*⁶³, tornando-se “desperto, iluminado, pensador”. (REDYSON, 2014, p. 259).

Aos 29 anos de idade renuncia à vida em família e às riquezas, tornando-se um asceta, vida na qual permanece por 6 anos. (REDYSON, 2014; 2012; RAHULA, 2005)

Aos 36 anos de idade, durante a lua cheia de Maio, enquanto meditava sob uma árvore na floresta de Gaya, o Bodisatva torna-se o Buda. Seu *parinivana* ocorreu com a idade de 80 anos. (REDYSON, 2014; 2012; RAHULA, 2005)



⁶⁰ Tathagata, palavra geralmente usada pelo próprio Buda quando se refere a si mesmo ou para outros Budas, embora, aparentemente, possa ser aplicada a qualquer *Arahant*. Parece significar “o Perfeito”. (WALSHE, 1996) Seu significado literal é: “aquele que tenha assim (*tathā*) vindo ou chegado (*āgata*)” ou, então, “aquele que tenha lá (*tathā*) ido (*gata*)” (COHEN, 2008, p. 514)

⁶¹ “Literalmente significa *o consumado*, isto é, aquele que alcançou o estágio final no progresso espiritual. O Buda também era um *Arahat*.” (COHEN, 2008, p. 508)

⁶² “No Cânone Pali e comentários, a designação ‘Bodhisatta’ é dada somente para o príncipe Siddhattha antes de sua Iluminação e para suas existências anteriores. O Buddha, ele mesmo, usa esse termo quando fala de sua vida anterior à Iluminação (por ex. M. 4, M. 26).” (DICIONÁRIO BUDISTA, 2013, p. 43)

⁶³ “Segundo Percheron, as escrituras budistas aludem com bastante insistência a episódios da vida de Buda e de sua iconografia. O autor relata também que é difícil entender a relação que há entre o mito e a realidade na história de Buda.” (REDYSON, 2014, p. 259)

Figura 13. Localização de Kapilavastu – capital do reino dos Sakyas

Fonte: COHEN, 2008, p. 6

Na lua cheia de Julho, o Buda profere o seu primeiro discurso no Parque dos Veados, em *Sarnath*, próximo de Varanasi, denominado de *Dhammacakkappavattana Sutta*, apresentando ao mundo as Quatro Nobres Verdades, colocando a Roda do Dharma⁶⁴ (Pali: *Damma*; sânsc.: *Dharma*) em movimento e iniciando uma carreira de 45 anos de ensino da religião que ele denominou *Dhamma-Vinaya*.

(...) [o] primeiro Sutta é conhecido como o Sutta em que o Buddha coloca o Dharma em movimento, o primeiro giro da roda do Dharma. Em língua Pali se chama *Dhammacakkapavattana Sutta* (Colocando a Roda do Dharma em Movimento). (...) este sutta se encontra na terceira subdivisão do Sutta, a conhecida coleção *Samuytta Nikaya*, LVI, 11. (REDYSON, 2014, p. 222)

O Budismo é uma religião não-teísta, pois:

(...) na esteira da sua existência – que o levou à libertação final, ao nirvana (*nibbana*) – **o Buda não apontou para uma suprema força exterior** (um Deus ou deuses) como condição indispensável para a obtenção desta libertação ou salvação, mas, sim, para o interior, para a dinâmica da nossa vida mental e espiritual.” (COHEN, 2008, p. 33) (grifo meu)

Quando atingiu a iluminação, o Buda obteve três tipos de conhecimento: o conhecimento completo de todas as suas próprias vidas passadas, do carma⁶⁵ e dos renascimentos de todos os seres, obtendo inteligência suprema. (LALITAVISTARA – FOUCAUX, 1860; REDYSON, 2012) A saída de *samsara*, ou seja, o rompimento do ciclo de andar através de uma vida após outra, só pode acontecer quando há esse conhecimento.

⁶⁴ O conceito de *dharma* é complexo e de difícil tradução para as línguas ocidentais, exigindo maiores e mais profundas elaborações, que fogem ao tema da presente dissertação. Com base na raiz sânscrita *dhr*, significa “o que sustenta, o que suporta”, daí o sentido de “Lei, dever, justiça, modo correto de ação, estabilidade”. “Na análoga raiz grega *drus*, nome grego do carvalho, está sua acepção de axialidade no símbolo da Árvore.” (SHAKER, 2011, p. 41-42)

⁶⁵ Etimologicamente, *kamma* (Pali) significa “trabalho” ou “ação”. “O seu significado básico é bastante simples – ação – mas devido à importância que os ensinamentos do Buda atribuem ao papel da ação, a palavra *karma* em Sânscrito contém tantas implicações que a palavra *ação* em Português não consegue abarcar todo o seu conteúdo. É por essa razão que simplesmente absorvemos a palavra original como parte do nosso vocabulário.” (DeGRAFF, 1996, p. 1) Mas no contexto dos ensinamentos do Buda é definido de forma mais específica como “ação baseada na intenção” ou “ação intencional”. (MONTEIRO, 2015) “A convicção aqui é a convicção na lei do karma: que a experiência prazer e dor depende da qualidade das intenções em que atuamos. Essa convicção neutraliza a ilusão de que ‘Não é do meu interesse me ater a princípios morais em face do perigo’.” (DeGRAFF, 2002, p. 20)

Pode-se, destarte, concluir que o objetivo do Budismo é o conhecimento e, através dele, conseguir o rompimento dos muitos ciclos de morte e reencarnação pelos quais o homem passa. Todavia, esse conhecimento se inicia com um olhar para si, para o interior e põe em destaque a prática. Para conseguir seu objetivo de benefício para os seres, o Buda elaborou, desde logo, as Quatro Grandes Verdades: existe a insatisfação/sofrimento; existe uma origem para a insatisfação/sofrimento; existe um fim para a insatisfação/sofrimento; existe o Nobre Caminho Óctuplo com os passos necessários para se conseguir extinguir a insatisfação/sofrimento e assim ficar livre de *samsara*.

No entanto, enquanto que muitos expositores do Budismo devotaram atenção à explicação do conteúdo das quatro verdades, somente raramente se dá alguma consideração à razão porque elas são denominadas nobres verdades. No entanto é justamente esse termo descritivo “nobre” que nos revela porque o Buda escolheu colocar o seu ensinamento nesse formato específico, e é o mesmo termo que nos permite experimentar, mesmo à distância, o sabor único que permeia toda a doutrina e disciplina do Iluminado. (BHIKKHU BODHI, 1991, s.p.)

Dessa forma, deve-se buscar explicar os termos “nobre” e “verdade”. O significado de “nobre” está relacionado com o conceito de sabedoria, no sentido de que só as pessoas nobres podem entender essas verdades superiores. Todavia esse nobre não é pertinente ao *status* social da pessoa, mas ao sentido de contrário de ignorante. “As Quatro Nobres Verdades, por causa da sua abrangência, contêm dentro de si todos os ensinamentos benéficos e saudáveis.” (BHIKKHU BODHI, 1991, s.p.) Nobre também pode significar a verdade tal como é percebida pelos *ariyas*⁶⁶ ou “seres nobres”, ou seja, por seres que veem a realidade como ela realmente é, porque pela iluminação (Budismo) livram-se da ignorância, origem de uma cadeia de comportamentos dissociados da realidade (ilusão).

Elas são chamadas de “verdades” porque são válidas para todos, transcendendo a cultura e a tradição. Por isso é que as Quatro Nobres Verdades além de constituírem o tema central dos ensinamentos de Buda, constituindo um ensinamento comum a todas as escolas e tradições. (GOLDSTEIN, 2003)

⁶⁶ Significa: nobre, ideal e, também, “Alguém Nobre”.

Os documentos que constituem a base doutrinária do Budismo Theravada são reunidos numa coleção denominada de *Tipitaka* (Pali: *ti*, "três," + *pitaka*, "cestos"), também chamado de Cânone páli.

O cânone dos textos sagrados do budismo é formado principalmente pelo Tipitaka, sua forma mais antiga, que contém os ensinamentos originais do Buda reunidos no cânone páli. Em outra obra, intitulada Dhammapada, Nissin Cohen esclarece no Posfácio: “Este cânone chama-se também Tipitaka (em sânscrito Tripitaka), isto é, As três Corbelhas, por dividir-se em três grupos”, que se apresentam da seguinte forma: Vinaya Pitaka (Livros de Disciplina), Sutta Pitaka (Livros da Doutrina) e Abhidhama (Livros Psicológicos). O Dhammapada, um dos mais conhecidos e mais antigos dos textos sagrados budistas, está composto no Sutta Pitaka. (REDYSON, 2011, p. 172)

Mas houve um primeiro discurso, feito pelo Buda, quando estava em Benares, em Isipatana, no parque do Gamo, e nesse discurso ele já falou a respeito das Quatro Nobres Verdades:

Bhikkhus: há essas Quatro Nobres Verdades. Quais quatro? A nobre verdade do sofrimento, a nobre verdade da origem do sofrimento, a nobre verdade da cessação do sofrimento, a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento. (SN LVI, 3)⁶⁷:

Buda, no *Culamalunkya Sutta*, ou “O Pequeno Discurso para *Malunkyaputta*”, declarou cada uma das quatro verdades como verdadeira porque cada uma delas “traz benefício, pertence aos fundamentos da vida santa, conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *Nibbana*. É por isso que eu declarei isso.” (MN 63)

Segundo Bhante Henepola Gunaratana (2005, s.p.), em seu texto “As Quatro Nobres Verdades”, todos os ensinamentos dados pelo Buda, durante os 45 anos em que pregou a seus discípulos, giram em torno do tema das Quatro Nobres Verdades e, para o autor, “devemos conhecer as quatro palavras em Pali (...). Elas são *dukkha*, *samudaya*, *nirodha*, *magga*”. Essas palavras constituem o cerne dos ensinamentos do Buda.

Quando compreendemos as Quatro Nobres Verdades temos o conhecimento.

⁶⁷ O *Samyutta Nikaya*, a terceira divisão do *Sutta Pitaka* contém 2.904 *sutas* que estão agrupados em cinco livros ou seções (Vaggas). Desses 1.071 *sutas* já foram traduzidos para o Português. Eles se encontram disponíveis no site “acessoaoinsight”, que trata do Budismo Theravada.

O que é a ignorância? Não compreender as Quatro Nobres Verdades é ignorância. Não compreender dukkha, não compreender a sua causa, não compreender o seu fim, não compreender o caminho que conduz ao seu fim é ignorância. O que é conhecimento? Conhecimento é compreender essas quatro coisas. (GUNARATANA, *ibidem*.)

Num dos diálogos entre Buda e os brâmanes, um deles lhe fala em versos do emaranhado interno e externo em que se encontram as mentes das pessoas e conclui perguntando quem é capaz de “desatar esse nó”:

“Eu lhe pergunto, ó Gautama, quem é capaz de desenredar esse emaranhado?” O Buda respondeu dizendo que alguém que tenha virtude e sabedoria e que tenha vencido a ignorância, a luxúria e a raiva pode facilmente desenredar esse emaranhado (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p.21)

pode-se, então, concluir que o Budismo é um sistema ético filosófico, pois, busca, acima de tudo, a verdade tal como ela é, através da destruição das ilusões (busca da realidade) e da ignorância (desenvolvimento do potencial de sabedoria), independência, desprendimento, liberdade, generosidade e compaixão, ou seja, as virtudes existentes dentro de cada ser, estabelecendo *in fine* que somos agentes responsáveis pela nossa própria libertação (REDYSON, 2012; SMITH e NOVAK, 2015; RAHULA, 2005).

Nesse processo é que se pode sair de *samsara*, rompendo o ciclo de reencarnações. A respeito desse tema cito a música *Jardim da Saudade* de João A. e Josias G. Santos⁶⁸, que era utilizada pelo Mestre Gabriel e que “em sua simplicidade, retrata o ciclo da vida e a transitoriedade de todas as coisas” (LODI, 2010, p. 147).

Tudo na vida se acaba/tudo na vida tem fim/as flores morrem depressa/quem fica mais tempo é o jardim/Podem nascer outras flores/porém também morrerão/no fundo tudo é tristeza, saudade e desilusão/Representamos as flores/o mundo é o jardim da saudade/embora alguém desconheça/essa é a grande verdade/Não adianta o orgulho/no mundo ninguém ficará/até o próprio jardim/um dia também passará. (*ibidem*)

O Budismo, todavia, não está interessado no jardim, (na Terra, no Universo etc.), apenas nas flores (nos seres sencientes) e no caminho da realização interior que conduz ao nirvana. “O Buddhismo está muito mais interessado no caminho da realização interior do que nas discussões filosóficas sobre como é o Cosmos”, isto

⁶⁸ Essa música consta do disco “Tocador de Viola” de Turani e Silvanito (Gravadora Discobrás).

porque “o Budismo tem um ponto de vista diferente de muitas outras tradições. Para os budistas, o começo e o fim do mundo são temas de pouco interesse”, pois seu enfoque maior é a libertação da mente. (SHAKER, s/d, p. 17 e p. 28)

1.3.1. O Nobre Caminho Óctuplo

O Caminho Óctuplo é o melhor de todos os caminhos; as Quatro Nobres Verdades são as melhores de todas as verdades; a melhor de todas as coisas é ser desapaixonado: dos homens o melhor é Aquele que Vê (o Buddha). (Dhp 273)

O Nobre Caminho Óctuplo é também denominado de Caminho do Meio⁶⁹, ou seja, aquele caminho que evita os extremos, porque os extremos ou causam sofrimento ou causam apego. “Evitando esses dois extremos o Tathagata despertou para o Caminho do Meio, que faz surgir a visão, que faz surgir a sabedoria, que conduz à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a Nibbana⁷⁰.” (SN LVI.11)

Buda o define: é um “caminho” porque são ensinamentos para serem aprendidos e praticados ao longo do tempo; é “óctuplo” porque compreende oito práticas, três delas ligadas ao desenvolvimento moral. O Dharma pode ser expresso em palavras, mas só é compreendido plenamente pela prática. Isto significa que ele deve ser diligentemente implementado na vida diária do discípulo.

É este o Nobre Caminho Óctuplo: entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de

⁶⁹ No Ocidente, caminhando em trilha semelhante, temos os estudos de Aristóteles, para quem perseguir a virtude significava também buscar, em todas as atitudes, o “justo meio”. A virtude é alguma coisa que é praticada e aprendida. É um hábito (*hexis*). É associada ao justo meio, que significa equilíbrio. Daí porque a força de carácter exige que a pessoa encontre o equilíbrio certo entre dois extremos: o excesso e a deficiência. A prudência e a sensatez se encontrariam nesse meio-termo, ou medida justa – “o que não é demais nem muito pouco”, em suas palavras. (ARISTÓTELES, 2014, p. 41) Por isso a virtude (excelência), segundo o estagirita, evita os extremos, tanto o excesso, quanto a falta, caracterizando-se, assim, pelo equilíbrio. Excesso e falta, nesse campo, constituem deficiência moral, de sorte que a excelência moral objetiva às situações intermediárias nas emoções e nas ações. (ARISTÓTELES, 2014). Este filósofo, nas primeiras páginas de *Ética a Nicômaco* (2014) introduz as noções de ética e de seus fins.

⁷⁰ Colebrooke explica que a palavra “nirvana” deriva etimologicamente do radical *va* que significa “soprar” e da preposição *nir* que tem um significado negativo, de onde nirvana significa calmo, tranquilo (que não se move com o vento). Como adjetivo significa extinção, como o fogo que se apaga ou a luz que cessa de brilhar, o que remete metaforicamente a “destituído vento das paixões”. (apud BURNOUF, 2010) “[O *Nibbāna*] é o estado incondicional que está além da sucessão dos repetidos nascimentos e mortes que constituem *samsara*, a roda da existência (...) a única maneira de dar termo a esta roda é removendo as fontes que a mantêm em movimento, penetrando nas suas origens.” (COHEN, 2001, p. 10) “Nibbana constitui (...) absoluta extinção daquela vontade de vida afirmativa manifestada como Cobiça, Ódio e Delusão, e convulsivamente apegada à existência; e assim também a última e absoluta libertação de todo futuro renascimento, velhice, doença e morte, de todo sofrimento e miséria/infelicidade/desventura.” DICIONÁRIO BUDISTA, 2013, p. 117)

vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta. Esse, *bhikkhus*, é o caminho do meio para o qual o Tathagata despertou, que faz surgir a visão, que faz surgir a sabedoria, que conduz à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a Nibbana.” (SN LVI, 11)

Quando um discípulo vai chamar a atenção de outrem, ele deve primeiro examinar a si próprio: o comportamento corporal é puro, impecável e irrepreensível? O comportamento verbal é puro, impecável e irrepreensível?; “estabeleci uma mente com amor bondade sem ressentimentos em relação aos meus companheiros *bhikkhus*?”; “Sou estudado, memorizo e me recordo aquilo que aprendi?”; Ambos Patimokkhas me foram transmitidos em detalhe, foram bem analisados, bem dominados, bem estabelecidos com relação às suas regras e explicações detalhadas?” (AN X.44)

Retomando o simbolismo do lótus, aquele de oito pétalas também representa a Ócupla Senda do Buda.

Finalmente, deve-se dizer que o Nobre Caminho Ócuplo é como uma prescrição trazida pelo Buda para viver bem, pois o Buda “foi um grande médico de corações e mentes humanas” sendo que ele sempre se referiu ao Dharma como um remédio para o nosso sofrimento individual.” (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p.09)

O Buda era como um médico, tratando os males espirituais da raça humana. O caminho da prática que ele ensinou é como um tratamento para corações e mentes sofredoras. Essa forma de compreender o Buda e os seus ensinamentos remonta aos textos mais antigos e, no entanto, é também bastante atual. (THANISSARO, 2005, s.p.)

Segundo o autor, o caminho consiste também – e principalmente – na virtude, na prática das virtudes, ou seja, em Sila.

Tabela 1 – Representação esquemática do Caminho

DIVISÃO	ITEM	DESCRIÇÃO
Sabedoria (Sânsrito: <i>prajna</i> Páli: <i>paññā</i>)	1. Visão correta	Enxergar a realidade como ela é, não como ela parece ser.
	2. Intenção correta	Intenção de renúncia, libertação e não-ofensividade.
Conduta Ética (Sânsrito: <i>sila</i> Páli: <i>sīla</i>)	3. Fala correta	Falar de forma verdadeira e não agressiva.
	4. Ação correta	Agir de forma não agressiva.
	5. Viver corretamente	Viver de forma não agressiva.
Concentração (Sânsrito e Páli:	6. Esforço correto	Se esforçar para melhorar.
	7. Atenção correta	Estar atento para enxergar as coisas com a

samadhi)		consciência clara; Estar consciente da realidade presente dentro de si mesmo, sem qualquer desejo ou aversão.
	8. Concentração correta	Correta meditação e concentração.

Fonte: Elaborado pela mestranda.

A representação pode ser evidenciada pelas suas atividades, da seguinte forma: I. Moralidade (*silā*) (passos 3 a 5); II. Concentração (*samādhi*) (passos 6 a 8); e III. Sabedoria (*pañña*) (passos 1 e 2), isto porque “na realidade, os três fatores (3-5) que constituem a secção da Moralidade (*silā*) têm de ser aperfeiçoados primeiro” e só depois os restantes. (MAHATHERA, 2015, p. 55)

Tal organização destaca a moralidade como primeiro degrau para a transformação necessária ao ser humano, pois “**silā** (virtude, conduta moral) é a base sobre a qual todo o Nobre Caminho Óctuplo se apoia” (GLOSSÁRIO DE TERMOS BUDISTAS EM PALI, s/d; s.p.) e, nessa caminhada “precisamos optar por uma autotransformação voluntária e [ao mesmo tempo] uma mudança exterior (ambiente prudente).” (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p.61)

A palavra *silā* significa “natureza”; “hábito”; “prática moral”; “código de moralidade”, podendo ser entendida como moral, virtude e até como honestidade. Seu conceito é encontrado no *Buddhist Dictionary* que traz o significado em “Termos e Doutrinas do Budismo Teravada.”

Silā: ‘moralidade’, ‘virtude’, é um modo de espírito e vontade (*cetanā*, q.v.) manifestado na fala ou ação corporal (s. *kamma*). É o alicerce de toda a prática budista, e com isso o primeiro dos três tipos de treinamento (*sikkhā*, q.v.), que formam a tríplice divisão do Caminho Óctuplo (s. *magga*), ou seja, moralidade, concentração e sabedoria. (MAHATHERA, 1988) (Tradução própria)⁷¹

Silā é a disciplina que se centra em aspectos da conduta do Bodisatva: preceitos ou diretivas podem ser aplicados a qualquer ato do corpo, da fala e da mente. O Bodisatva cuida de não causar dano a qualquer ser.

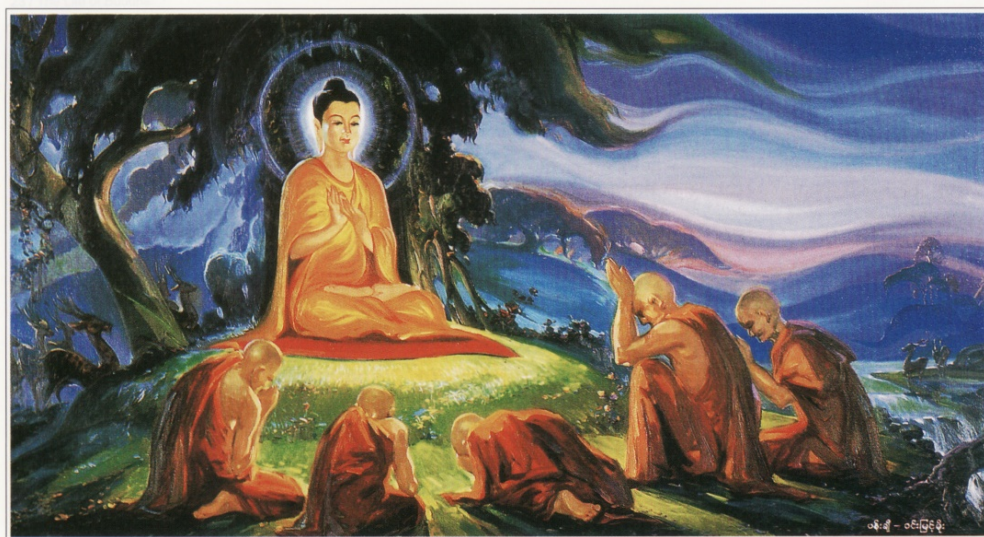
⁷¹ “**Silā**: ‘morality’, ‘virtue’, is a mode of mind and volition (*cetanā*, q.v.) manifested in speech or bodily action (s. *kamma*). It is the foundation of the whole Buddhist practice, and therewith the first of the 3 kinds of training (*sikkhā*, q.v.) that form the 3-fold division of the 8-fold Path (s. *magga*), i.e. morality, concentration and wisdom.”

O Buda relaciona sete tesouros⁷² e um desses tesouros é a virtude. Também associa a moralidade com a sabedoria em *Sonadanda Sutta* ou “As Qualidades de um Verdadeiro Brâmane”:

Pois a sabedoria é purificada pela virtude e a virtude é purificada pela sabedoria: onde há uma, há a outra, o homem virtuoso possui sabedoria e o homem sábio possui virtude, e a combinação de virtude e sabedoria é chamada a coisa mais sublime no mundo. (DN IV, 22)

Karl Friedrich Köppen, citado por Borges e Jurado (2014), destaca que a doutrina budista não é dogmática, nem especulativa, nem complicada, mas fundada numa prática moral, pois se refere a um exercício diário dos atos exemplares praticados e ensinados pelo Buda.

Embora no Budismo não haja a ideia de “pecado” ou de uma ofensa causada pela quebra de um mandamento, existem, no entanto, alguns preceitos básicos que constituem a ética budista, de sorte que evitando algumas ações evitam-se, também, frutos negativos, e, *contrario sensu*, cultivando ações virtuosas, o resultado são frutos positivos: a ética exige treinamento e com esse treinamento, nossa mente chega a um estado tranquilo, propício à meditação; com o treinamento da meditação, é possível chegar à sabedoria que conduz ao despertar.



The Buddha preached His first sermon to the five monks at the Deer Park in Varanasi.

Figura 14. Buda em seu primeiro discurso⁷³

⁷² "Bhikkhus, há esses sete tesouros. Quais sete? O tesouro da convicção, o tesouro da virtude, o tesouro da vergonha de cometer transgressões, o tesouro do temor de cometer transgressões, o tesouro da audição, o tesouro da generosidade, o tesouro da sabedoria." (*Dhana Sutta* ou “Tesouro”) (AN VII.6).

Fonte: <http://www.watphrayortkeo.net/life-of-the-buddha>

Sila está relacionada aos preceitos morais, pois o caminho da prática – ensinado pelo Buda – que compreende meditação, concentração e *insight*, refere-se também – e principalmente – a virtude, sendo que os ensinamentos implicam em três atividades ou treinamentos: fala correta, agir correto e modo de viver correto. Essa forma de compreender o Budismo está relatada nos textos mais antigos – Cânone Pali.

A par do valor espiritual e religioso, *Sila* oferece um estudo da aplicação da ética no cotidiano, afastando a conduta das teorias metafísicas e das crenças religiosas, porque a conduta por ele estipulada – conduta ética – trata de princípios filosóficos concernentes a assuntos que podem ser experienciados, ultrapassando o campo da simples teorização. A pessoa só será capaz de trilhar o caminho – ou seja – agir de uma forma que se liberte de *samsara* se ela tiver feito um estudo – psicológico – de si mesmo, em que a realidade de *samsara*, de *dukkha* e de sua origem for totalmente compreendida.

1.4. A UDV e a conduta ética

Quem planta flores vem colher flores / Quem plantar espinho
vai colher é espinho (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

A União do Vegetal tem uma origem mítica, que ocorre em tempos imemoriais, todavia a instituição Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) foi criada a 22 de julho de 1961, como uma ordem religiosa, que “comunga” um chá denominado por seus seguidores de Hoasca ou, simplesmente, Vegetal.

A UDV é uma religião cristã⁷⁴, reencarnacionista,

A União do Vegetal é uma religião de fundamento cristã reencarnacionista, de origem brasileira, mas de destinação universal, pois trabalha pela evolução do ser humano no sentido do sentido do aprimoramento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais. Professa a crença na reencarnação, com o objetivo de evolução. A cada vinda à terra, o espírito tem a oportunidade de ser aprimorar até um dia chegar à perfeição. A UDV crê e sustenta o código ético/moral expresso nos dez mandamentos de Moisés e vê em Jesus Cristo, o filho de Deus,

⁷³ No “Parque dos Veados”, em Varanasi, o Buda reencontrou os cinco ascetas que antes seguiam com ele: Kondanna, Vappa, Bhaddiya, Mahanama e Assaji. Ele proferiu para eles o *Dhammacakkapavattana Sutta*, que se traduz como “pondo a Roda do Dharma em movimento”.

⁷⁴ A UDV é “cristã porque sustenta que Jesus Cristo, Filho de Deus, é a expressão da Divindade e Sua Palavra aponta o caminho da Salvação para a humanidade.” (CEBUDV, 1989, p.18)

o Salvador da humanidade. Crê sobre tudo na força do exemplo. (SOUZA, 2011, p. 43).

Afirma que “As reencarnações são regidas pela Lei do Merecimento, que se assemelha à Lei do Karma, de que falam os orientais, cuja lógica é a clássica teoria da causa e efeito.” (CEBUDV, 1989, p. 18)

Há uma semelhança entre a lei do merecimento e a Lei do carma, eis que esta é a ação intencional praticada nesta vida e em outras e, conseqüentemente, os frutos dessa ação, porque “Não podemos apagar ou ignorar os frutos de nossas ações anteriores não-saudáveis, nem devemos subestimar os frutos de nossas ações saudáveis, responsáveis pelo nosso nascimento humano” (SHAKER, 2011, p. 190). Todavia, ainda segundo os ensinamentos na UDV, o merecimento, também, se constrói – e se colhe – na própria encarnação. Nesse sentido, o conceito de merecimento ultrapassa o conceito de “dívida a ser resgatada” e apresenta o entendimento de que o futuro nesta vida depende das ações e decisões do presente⁷⁵. Em entrevista realizada, em 1998, com um discípulo da UDV, Sérgio Brissac coletou o seguinte entendimento a respeito desse assunto.

O fato de que na União do Vegetal é muito interessante que a responsabilidade maior [do indivíduo] é nesta encarnação. Segundo a palavra do Mestre Gabriel, muito pouco passa de uma encarnação para outra. Isso é uma coisa que é muito diferente de uma visão de carma, de que tudo agora é uma consequência diretamente de todo o passado. Não é exatamente assim que é colocado na União do Vegetal. O enfoque da União do Vegetal. Existe, é claro, o que vem antes, a sua história, a memória, o passado. Mas o seu processo de recordação tem que começar por esta encarnação, pra você chegar às outras. Um aspecto reencarnacionista, mas que não coloca a responsabilidade no passado. A responsabilidade continua aqui. O foco é esta encarnação. O responsável por 99% do que te acontece é o que você tá fazendo, não é o que você já fez em vidas anteriores. Um reencarnacionismo temperado com esse enfoque na responsabilidade presente. (BRISSAC, 1999, p. 121)

Acoplada à lei do merecimento, encontra-se a Lei Universal do Livre Arbítrio, presente, no Ocidente, principalmente, no cristianismo e que consiste na crença de que

⁷⁵ Além do budismo, o “carma” é um termo de uso religioso dentro de diversas doutrinas orientais. O termo parece ser uma equivalência da lei da física (Terceira Lei de Newton, 1687): “Para toda ação existe uma reação de força equivalente em sentido contrário”, significando que para toda força aplicada de um objeto para outro objeto, existirá outra força de mesmo módulo, mesma direção e sentido oposto. Na codificação espírita, tal lei recebe o nome de “causa e efeito” (Alan Kardec, século XIX), que tem um significado mais abrangente. Essa visão espírita é adotada pelas religiões hoasqueiras, em geral, e pela UDV: cada ser animal é um espírito imortal encarnado que herda as conseqüências boas ou más de suas encarnações anteriores e essa herança se traduz na lei do merecimento.

cada pessoa tem o poder de escolher suas ações. Segundo os seguidores: “O plantio é livre, mas a colheita é obrigatória”. Ou seja, colhe-se o que se planta e não há possibilidade de se colher o que outrem praticou: a pessoa só colhe aquilo que ela própria planta, no mais das vezes nessa mesma vida e mais raramente o que plantou em outra vida. Mestre Gabriel citou, entretanto, que pode ocorrer uma colheita nesta vida decorrente de atos praticados em vidas passadas, quando a natureza da ação foi muito prejudicial e que o agente não teve oportunidade de colher o que plantou naquela vida, tendo citado expressamente o caso de incesto. (DMC, s/d)

“Quem planta flores vem colher flores; quem plantou espinhos vai colher espinhos”, diz a chamada do Jardim das Flores, de autoria do Mestre Gabriel. Segundo os seguidores, a Hoasca proporciona clareza a esse respeito e cria as condições para que o discípulo passe a ter atitudes virtuosas, ou seja, plantando flores, como na poesia a seguir:

Fiz de minha vida um belo Jardim.
Plantei flores belas, dentro e fora de mim.
Mas um dia tudo mudou.
Nas flores que plantei, por descuido na vida, eu pisei.
Agora, vivo colhendo os espinhos que plantei, porém com
lágrimas que derramei, novas flores cultivei.
Ainda é tempo meu irmão, de fazer um novo jardim e novas
flores colher.
Com a luz da rosa você será bom jardineiro. (Souto Maior, *apud*
GREGANICH, 2010, p. 193)⁷⁶

Nascer como ser humano é ao mesmo tempo um ato de extrema riqueza e de difícil responsabilidade, de um perigo igualmente extremo. “Nas perspectivas das tradições teístas, essa responsabilidade se estende ao destino do Cosmos.” (SHAKER, 2011, p.173)

Difícil é nascer como humano
a vida para os mortais é difícil.
Difícil é encontrar o verdadeiro Dhamma,
raro o surgimento de um Buda. (Dhp 182)

Também nas doutrinas não-teístas, como é o caso do Budismo, a inexistência de um Deus criador, não dirime a importância da consciência do ser humano a respeito da capacidade humana “de compreender a Verdade, o Dharma, e assumindo a profunda

⁷⁶ José Roberto Souto Maior é um dos Mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG).

responsabilidade desta sua qualidade cognitiva, purificar sua mente dos venenos da avidez, do ódio e da delusão.” (SHAKER, 2011,, p. 176)

Podemos nos considerar afortunados por sermos seres humanos dotados de compreensão e capacidade de trilhar o caminho virtuoso do Dharma, e ter a aspiração preciosa de atingir a iluminação para o benefício de todos os seres. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p.121).

O homem para evitar o ciclo de reencarnações deve, segundo a UDV, cumprir com o mandamento que determina “amar o próximo como a si mesmo”, agindo sempre com o outro como desejaria ser tratado. Ou como estabelece o Boletim da Consciência em Firmeza, em sua **“Quinta Parte:** O símbolo da União é Luz, Paz e Amor, o discípulo deve amar o próximo como a si mesmo, para ser merecedor de receber o símbolo da União.” Na UDV, o “símbolo da paz e fraternidade humana” para alcançar a felicidade centra-se no tripé Luz, Paz e Amor (REGIMENTO INTERNO, art. 2º), tidos como o grande Bem, síntese da própria Doutrina, se contrapondo ao tripé Inveja, Orgulho e Ciúme, tidos como forças corruptoras. (MISTÉRIOS DO VEGETAL, s.d.) Desse modo, Luz, Paz e Amor consiste na representação do próprio Poder, como se verifica da Chamada “Símbolo da União”, de autoria do Mestre Gabriel: “Deus é a Luz (...) Deus é a Paz (...) Deus é o Amor (...)” (DMC, s/d) É também o símbolo que permite a destruição do mal: “Como destruimos o mal? Com Luz, Paz e Amor.” (CEBUDV, 1971) Pode-se lembrar aqui que, segundo os autores de Dharma Verde, para Buda, o mal causado por um indivíduo senciente a outro é evitável, e para isso é necessário uma mudança de atitude perante si e perante o outro. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011).

Este mandamento no Novo Testamento relaciona a UDV com o cristianismo, tanto que nas sessões – nome dado aos rituais na UDV – costuma-se dizer que o Mestre Gabriel traz a mesma doutrina de Cristo, com palavras mais simples:

Os fariseus, tendo sabido que ele [Jesus] tinha feito calar a boca aos Saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, veio lhe fazer esta pergunta para o tentar: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus lhe respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, e de todo o vosso espírito; é o primeiro e o maior mandamento. **E eis o segundo que é semelhante àquele: Amareis o vosso próximo como a vós mesmos.** Toda a lei e os profetas estão contidos nestes dois mandamentos. (MATEUS, 22: 34 a 40) (grifo meu)

A palavra amor (do lat. *amore*) é um vocábulo polissêmico, ou seja, suscetível de diversas definições, embora possa ser definido como:

“a totalidade dos sentimentos e desejos que estruturam o pensamento para a liberação de energia e de forças que guiam a ação na produção do bem e possibilitam a aquisição de qualidades, constituintes do crescimento do Espírito”. (CURTI, 1981, p.81)

O próximo refere-se ao conjunto de todos os homens. Merece destaque a expressão “a vós mesmos” porque essa remete a um processo de exame e de autoconhecimento e nesse processo como pode o homem conhecer-se a si mesmo? Como pode delinear a extensão, os limites, a natureza desse conhecimento? Será, então, seu olhar excessivamente carregado de interesses, de valores, de prejuízos, enfim? Como embutir nesse conhecimento uma crítica de si mesmo, uma desconfiança em relação a si? Esse conhecimento se torna, por isso mesmo, uma ética ou uma verdadeira ciência? Todas essas questões relacionam-se ao “se conhecer”, pois “O conhecimento passa pelo **autoexame**, e pelo exame do **circulo virtuoso** e do **circulo vicioso**” (FERNANDES, 2011, p. 280). (grifos do autor)

O CEBUDV tem como princípio trabalhar pelo desenvolvimento humano, em seu sentido moral, intelectual e espiritual, através do autoconhecimento, sendo que o “princípio espiritual se baseia na crença de que é possível contribuir para a construção de um mundo mais justo e pacífico.” (SOARES; MOURA, 2011, p. 151).

No início das sessões é feita a leitura dos documentos que regem o Centro⁷⁷, entre os quais existe um conjunto denominado “Boletim da Consciência”⁷⁸. São normas editadas sempre que uma determinada situação assim o exige:

Artigo vinte - Quando se fizer necessário, será publicado e divulgado pela Administração Geral o Boletim da Consciência, com instruções a serem observadas no âmbito do Centro

⁷⁷ Os documentos lidos no início de cada sessão são: “Regimento Interno”, “Boletins da Consciência”, “Convicção do Mestre” e “Mistérios do Vegetal”.

⁷⁸ Alguns Boletins da Consciência foram criados no período em que Mestre Gabriel esteve trabalhando na organização da UDV, outros surgiram posteriormente. São treze boletins: Boletim da Consciência; Boletim da Consciência em Administração; Boletim da Consciência Conservando A Tranquilidade dos Filiados do Centro; Boletim da Consciência em Cumprimento da Lei; Boletim da Consciência em Defesa da Fidelidade e Harmonia dos Filiados do Centro; Boletim da Consciência em Firmeza; Boletim da Consciência em Organização; Boletim da Consciência em Reforma; Boletim da Consciência Recomendando o Fiel Cumprimento da Lei; Boletim da Consciência Recomendando a Preservação da Moral e da Família; Boletim Regulamentar de Criação de Núcleos e Distribuições Autorizadas de Vegetal; Boletim Regulamentar de Convocações; Boletim Regulamentar do Uniforme; Boletim Regulamentar do Uso de Chamadas e Ensinos. (Consolidação das Leis – a partir de agora CDL –, 2015)

Espírita Beneficente União do Vegetal. (REGIMENTO INTERNO)

“O Boletim da Consciência Recomendando o Fiel Cumprimento da Lei” estabelece que é necessário prestar o máximo de atenção aos documentos:

Segunda parte - **Os associados deverão prestar o máximo de atenção à leitura dos documentos** e reconhecer, da melhor maneira possível, que só através da ordem e da doutrinação reta, que receberemos eternamente dentro da União do Vegetal, é que chegaremos à cientificação. (Sem destaque no original)

A atenção⁷⁹ consiste em permanecer com o pensamento ligado em determinado assunto, *in casu*, na leitura dos documentos. Partindo do princípio de que “o pensamento é um caçador”, orienta-se a necessidade de buscar manter o pensamento firme: a firmeza no pensamento e a limpeza no coração são tidas como chaves que permitem o conhecimento.

A ordem existe em tudo na natureza, desde a organização do universo até os seres mais simples. Na UDV ela tem um destaque porque o entendimento de que o homem é um ser que pode elevar-se à perfeição passa pelo exemplo da ordem.

Outras religiões também dão destaque à ordem⁸⁰:

(...) antropólogos e sociólogos tomam como autoevidente que a religião é essencialmente um conjunto de símbolos ligados a ideias gerais de ordem. Estas ideias se expressariam através de ritos ou doutrinas e constituiriam, na verdade, uma representação resultante de um processo histórico de longa duração centrado no cristianismo e suas mutações. (MONTERO, 2010, p. 259).

Buscando subsídios em nosso filósofo estagirita, vemos que, para ele, a virtude é, quanto ao seu modo-de-ser, um hábito, que se aperfeiçoa com a prática reiterada, sendo, portanto, objeto da educação. Vê-se, aí, que sua filosofia dá um destaque para a prática, o que significa que há necessidade de uma ordem capaz de permitir a educação das virtudes, colocando o indivíduo (cidadão) no caminho para a felicidade, que prevê, de um lado, liberdade e, de outro, limites, no relacionamento com outros cidadãos. (ARISTÓTELES, 2014; MacINTYRE, 2001)

⁷⁹ A atenção constitui um elemento importante tanto na doutrina budista quanto na doutrina udevista.

⁸⁰ O mesmo ocorre no judaísmo e no cristianismo porque tanto no Velho quanto no Novo Testamento existem exemplos de “ordem” como um elemento do desenvolvimento. Assim tem-se, por exemplo: “Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.” (1 Coríntios 14:40)

A doutrinação reta consiste nos ensinamentos que – transmitidos oralmente – indicam o caminho para a transformação positiva. “Igualmente importante é a ‘doutrinação reta’, que se encontra em concordância com valores éticos e morais compartilhados pelos seguimentos mais respeitáveis da sociedade envolvente.” (SOARES, 2012 p. 241)

A cientificação (conhecimento) é uma das formas de chegar à salvação⁸¹, pois ciente de tudo o homem fica “são”. É “o processo de ‘evolução espiritual’ pelo qual as pessoas alcançam a salvação (...).” (LABATE *et alli*, 2009).

A UDV é organizada em Núcleos e Distribuições Autorizadas (DAs). Os Núcleos são locais onde os sócios se reúnem para o ritual, compreendendo as instalações para desenvolvimento de suas atividades, geralmente, o Templo, Casa de Preparo do Vegetal, berçários, dormitórios, instalações sanitárias, cozinha, refeitório e os departamentos. Quando ainda estão em fase de organização são denominados de “Distribuição Autorizada” (DAs).



Figura 15. Foto do Templo da UDV em Santa Rita – Paraíba
Fonte: DMC do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel

Esses locais – do mesmo modo que as Sangas, no Budismo – são espaços de convivência, sendo necessárias normas para que essa convivência se dê de uma forma harmoniosa.

⁸¹ A outra forma é a purificação.

[Trata-se de] uma comunidade singular, que encontra no estudo da espiritualidade um elo que transcende barreiras culturais, socioeconômicas, étnicas e idiomáticas ...fala-se a mesma linguagem, cultivam-se os mesmos hábitos ...” (Fabiano *apud* LODI, 2004, p. 7)



Figura 16. Foto das Instalações⁸² da UDV em Santa Rita – Paraíba
Fonte: DMC do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel

Para garantir a convivência dos discípulos, existem os “Boletins da Consciência” os quais podem ser definidos como sendo um manual de moral porque nada mais é do que um conjunto de prescrições destinadas a assegurar essa vida em comum justa e harmoniosa: são normas de ética voltadas para a prática do bom relacionamento, do bom viver, da busca do bem (felicidade), atendendo ao objetivo institucional da UDV: “a evolução do ser humano no sentido de desenvolver as virtudes morais, intelectuais e espirituais.” (ESTATUTO, art. 3º)

(...) diante desses boletins que vem a nos despertar a maneira correta como o homem deve se conduzir perante a si, perante a seu próximo, perante a humanidade e enfim, perante a sociedade da qual ele é membro. De posse de conhecimentos proporcionados por esses boletins, vem a repercussão satisfatória na sociedade, no meio a que pertencemos, pela qualidade dos ônus que trazemos, obedecendo dentro das instruções impostas por esses boletins, sempre mostrando um alto caráter, uma alta personalidade e uma maneira de agir toda pelo certo, sabendo considerar o seu próximo, o seu

⁸² No plano superior fica o Templo. As duas construções mais abaixo são: dormitórios, instalações administrativas etc., de um dos lados; no outro cozinha e banheiros.

companheiro, tratando negócios com firmeza, com exatidão e com pontualidade. (OSAKA *et alli*, 2015, p. 40)

Verifica-se, então, que a virtude não é um mero conhecimento ou algo natural que cada ser humano possui, mas, sim, uma prática constante que se faz necessária constituindo um hábito. A prática desse hábito – virtude – dispõe a pessoa para o bem, que é a busca pela felicidade.

O bem do homem, o seu *telos*, ou seja, sua finalidade, para onde ele se direciona, não é o prazer, a honra ou o dinheiro, mas sim, “o estado de estar bem e de ser bem sucedido nesse estar bem, de um homem favorecido consigo mesmo e em relação ao divino”. Virtudes são exatamente as qualidades que viabilizam nos indivíduos alcançar tal objetivo, porque “o exercício das virtudes é necessário e central de tal vida”, significando, assim, que sem o exercício das virtudes não existe a obtenção do bem. (MacINTYRE, 2001, p. 148) Por seu lado, de acordo com os Fundamentos do Centro (CEBUDV, 1989), aprendendo a praticar as normas de conduta, tornando-as hábitos de agir, os discípulos da UDV aprimoram suas virtudes morais, fortalecendo a amizade entre os sócios e, assim, conseguindo a felicidade.

1.4.1. Caminho da Retidão

Com firmeza no pensamento e limpeza no coração chegaremos a conhecer a chave da União. (Mestre José Luiz, DMD, s/d)

A UDV prega que a “firmeza no pensamento” e a “limpeza no coração” permitem o equilíbrio, atitude necessária em todos os momentos da vida: “a moderação e o equilíbrio são ressaltados como atitudes desejáveis.” (RICCIARDI, 2008, p. 104) Em Provérbios (8:20) tem-se “Ando pelo caminho da retidão (...)”, significando a existência de valores e posturas éticas elementares, mas concretas e, que podem ser expressas por todos os humanos independentemente de sua orientação espiritual ou filosófica. (KUNG, 2004)

Diversas chamadas e administrações trazem a “firmeza no pensamento” e a “limpeza no coração”, como instrumentos de guarnição, na medida em que valorizam a conduta de vida num caminho de retidão, que muitos pesquisadores correlacionam com a moral conservadora.

A adoção de alguns aspectos de uma moral conservadora, internamente identificada como uma moral “cabocla” por parte

da classe média que compõe a União do Vegetal, traz como um dos pilares do pensamento a noção do “caminho reto”. (FABIANO, 2012, p.37).

O caminho da retidão para a doutrina da UDV é um caminho em que se adquire o equilíbrio, através de pensamentos firmes em coisas positivas e um coração limpo de sentimentos ruins e mágoas.

O enfoque teleológico está presente no discurso das sessões da UDV, compartilhando da mesma ênfase dada pela doutrina a temas como *a retidão, a firmeza no pensamento e a simplicidade*: É como se predominasse uma imagem da vida como linha reta, no fim da qual há uma meta bem definida, a qual importa conhecer e ter diante dos olhos, para alcançá-la mais rapidamente. (BRISSAC, 1999, p. 131)

No caminho da retidão vivencia-se a realidade. Em outro caminho está a ilusão.

Todavia, as normas do Centro não constituem dogmas, eis que privilegiam um processo de transformação individual no qual a consciência, o exame e o querer são elementos importantes. Isto significa que a transformação não é um processo imposto de fora para dentro, mas ocorre como um processo volitivo do indivíduo:

A UDV não é uma religião dogmática. O Mestre Gabriel disse “não é para acreditar no que estou dizendo, é para examinar e ver se eu estou certo”. Com essas palavras ele propõe uma atitude de pesquisa, de estudo, de exame pela razão, que na linguagem da UDV se diz exame pela consciência. Aqui, o sentido de dogma não está presente, o convencimento do discípulo vem por ele mesmo, de seus estudos de si mesmo e do que lhe é proposto como verdadeiro. Outro ensino do Mestre Gabriel, que reforça a postura não dogmática da doutrina, consta nos documentos do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal⁸³: “todos os que acharem que o Mestre está errado não devem acompanhá-lo”. (MOTTA; GENTIL, 2011, p. 198).

No artigo de jornal “Velando enquanto dorme”, o Mestre chega a especificar traços característicos da prática dos discípulos efetivos da União, pois estes, após um determinado período convivendo no Centro, estão “isentos” de frequentar: “(...) bares, casas de jogos, mesmo sinuca ou bilhar, baixo meretrício e outros lugares que porventura existam e que sejam perniciosos à formação moral do homem diante do próprio homem (...). (1971, s/p) Tal especificação, todavia, não é considerada um dogma, porque segundo os preceitos udevistas, o discípulo efetivo, é aquele que após exame, aceita e, aos poucos, incorpora as regras retas como sendo saudáveis para sua

⁸³ Boletim da Consciência em Reforma, quarta parte.

vida e para a convivência com o próximo. (FABIANO, 2012; MOTTA; GENTIL, 2011; RICCIARDI, 2008)

A UDV é constituída por três classes de filiados, estabelecendo-se uma instituição hierárquica: Mestres (responsáveis pelos ensinamentos espirituais e pela doutrina), Conselheiros (responsáveis por aconselhar) e Discípulos, os quais são denominados simplesmente de sócios (possuem uniforme em que o bolso tem as letras UDV bordadas em branco) e discípulos do Corpo Instrutivo (possuem uniforme em que o bolso tem as letras UDV bordadas em amarelo). Nesse sentido é o bolso com as letras UDV bordadas que confere sacralidade ao uniforme. Por isso, quando a pessoa se associa diz-se que “vestiu a camisa”, mas quem entrega a camisa avisa ao discípulo que o bolso pertence a UDV, porque as letras constituem um símbolo sagrado da instituição.

Isto significa que existe um ritual de associação (“vestir a camisa”), implicando em que o discípulo se propõe a caminhar nesse caminho retidão, fazendo por onde incorporar a doutrina no seu dia-a-dia, ou seja, torna-se “efetivo”. Todavia, em razão de sua organização hierárquica a cada estágio alcançado pelo discípulo ocorre uma modificação nesse uniforme – na camisa –, revelando a todo o grupo que o discípulo adquiriu comportamentos e conhecimentos que o diferenciam dos demais.

Consta do Boletim da Consciência em Organização:

Terceira parte Os filiados do Centro têm o dever de trajar o uniforme completo nas sessões no Templo da União do Vegetal.

Parágrafo único O sócio que se afastar ou for afastado só poderá usar a camisa sem os distintivos que o identifiquem como sócio do Centro.

Esses distintivos são letras, bem como representações iconográficas da lua e das estrelas, pois cada grau apresenta uma configuração própria, que é estabelecida e descrita no Boletim Regulamentar do Uniforme.

Os astros têm grande importância na UDV, fazendo parte de um conjunto de símbolos da natureza que influenciam na vida dos seres e que são trazidos nas Sessões, em chamadas e administrações.

A representação desses símbolos encontra-se na Bandeira cujo simbolismo encontra-se traduzido no Hino⁸⁴:

(...)
 Aquela estrela representa a pureza
 A luz da Lua, o Astral Resplandecente
 A Luz do Sol, o Astral Superior
 Que é a Luz, a Paz e o Amor.



Figura 17. Bandeira da UDV.

Fonte: DMC, 2007

Na UDV, o discípulo só ascende hierarquicamente quando observa a doutrina do Centro, ou seja, incorpora no seu viver as normas de conduta do caminho da retidão, bem como, passa a falar utilizando os mistérios das palavras. Tal encontra-se disposto no Boletim da Consciência Conservando a Tranquilidade dos Filiados do Centro: “(...)

Quarta parte - Só poderá seguir na Sessão Instrutiva⁸⁵ aquele que aceitar as doutrinações da mesma⁸⁶”,

⁸⁴ “No ano de 1983, foi realizado um concurso, do qual poderiam participar todos os associados do Centro, para escolher um hino que representasse a instituição. Na ocasião, foram apresentadas três composições, cujos autores eram Raimundo Nonato Marques, Francisco Roberto Evangelista e Vicente Guillermo Noriega Moreno. A banca examinadora avaliou as propostas e decidiu que o hino de autoria de Raimundo Nonato Marques seria o Hino à Bandeira da UDV”. (DMC, s/d)

⁸⁵ Na UDV os membros tornam-se sócios – com deveres e direitos. No Corpo Instrutivo, os sócios recebem ensinamentos reservados, frequentando sessões de Vegetal, denominadas de Sessão Instrutiva, as quais ocorrem a cada dois meses. Como o Corpo Instrutivo tem acesso a ensinamentos reservados, é sujeito ocorrer que o discípulo “mostre” externamente uma transformação que ainda não se realizou completamente em seu interior apenas com o objetivo de ascender a um grau mais alto e receber esses ensinamentos. Tal situação tem ocorrido em todos os níveis hierárquicos da UDV.

O discípulo é convocado para o grau hierárquico pelo “grau de memória”, que nada mais é do que “a capacidade de ouvir, compreender e memorizar os ensinamentos sob o efeito do chá”, sendo, todavia, mais do que uma simples capacidade intelectual para o aprendizado, pois envolve a capacidade de agir de acordo com essa aprendizagem adquirida.” (MOTTA; GENTIL, 2011, p. 194)

[O Mestre Representante⁸⁷ observa] (...) as qualidades de cada qual: inteligência, dedicação, sinceridade, refinamento de hábitos, cuidado com as palavras. Todo esse conjunto de procedimentos, que [Mestre Gabriel] chamava de “praticados”, indica, segundo ensinou, o “grau de memória” do discípulo – e é por ele que, na UDV, se dão as convocações para as instâncias hierárquicas. (FABIANO, 2012, p. 117)

Sergio Brissac (1991, p. 113) colheu o depoimento de um discípulo que a quatro anos pertencia ao quadro de sócios de um Núcleo localizado em Campinas-São Paulo. Este além de ir às sessões da UDV frequentava também um grupo hinduísta: “Eu não sou da instrutiva. Você tem que mostrar que é da UDV, que faz as perguntas certas... Eu até gostaria, mas tem de passar por tudo isso. De certa forma eu não sou da UDV”⁸⁸. O pesquisador conclui que:

Luís percebe que a convocação para o Corpo Instrutivo manifesta um grau de adesão que ele ainda não tem, o que faz com que de certo modo ele se sintam fora. Por outro lado, para o Quadro de Sócios é grande a flexibilidade. Já no Corpo Instrutivo é esperado um compromisso maior, até mesmo nesse aspecto doutrinário, pois um dos boletins afirma: “Só poderá seguir na Sessão Instrutiva aquele que aceitar as doutrinações da mesma”. Mas não há um detalhamento do que significa essa aceitação, assim, permanece uma margem significativa para uma diversidade de compreensões. Certamente, a ascensão nos graus da hierarquia está relacionada ao grau de adesão à doutrina de Mestre Gabriel, mas não de uma maneira unívoca, já que, por exemplo, pode-se perceber de um núcleo para outro uma diversidade de exigência de conformidade. (BRISSAC, 1999, p. 113-114)

Então, pode-se questionar: por qual critério se reconhece o mérito? Na UDV fala-se que estes são reconhecidos de acordo com os praticados do discípulo, seja na sua vida pessoal, seja no seu relacionamento social. (DMC, s/d; FERNANDES, 2011; BRISSAC, 1999) Por sua vez, MacIntyre que, nos passos de Aristóteles, faz a noção de

⁸⁶ A doutrina é a parte dos ensinamentos que estabelece normas de conduta, visando, exatamente, a prática das virtudes.

⁸⁷ Cada Núcleo da UDV possui um Mestre Representante, cujo mandato é de três anos.

⁸⁸ “Entrevista de Luís, em Campinas, 6 de novembro de 1998”. (Brissac, 1991, p. 113)

mérito depender de uma sociedade que precede o indivíduo: este será educado para a virtude, irá exercer a razão prática (*phronesis*), conforme os padrões de justiça de uma sociedade dada *a priori*. A noção de mérito só faz sentido na conjuntura de determinada comunidade para a qual o dever é uma compreensão compartilhada. Nesse contexto, os indivíduos identificam seu interesse fazendo referencia tanto ao bem individual, quanto ao bem daquela comunidade. (MacINTYRE, 2001)

Nesse processo, a justiça tem um papel muito importante, porque justiça e razão prática são, na concepção do autor, correspondentes e isso porque, elas envolvem a noção de “mérito”, de “merecimento”, de “reconhecimento”.

O merecimento tem de ser situado no interior da prática social de uma comunidade específica, não é um conceito vazio, atemporal, ou um conceito anterior a existência da própria comunidade. Em segundo lugar, por que agir com justiça implica buscar o bom, o bem comum. (BORGES, s.d. p. 6-7)

O Mestre Gabriel, nas sessões, transmitia aos discípulos “valores morais, fundamentos e ensinamentos espirituais e os orientava quanto à conduta de vida. Ou seja, não basta conhecer as doutrinas e ensinamentos, é preciso espelhá-los na prática da vida.” (FABIANO, 2012, p. 116). Em uma de suas Administrações⁸⁹, ele traz a importância dessa relação entre falar e praticar, dizendo que “as pessoas estão saindo das religiões porque não veem a prática em cima do pregador”. E ele complementa: “porque quem sabe explicar tem que saber praticar. Enquanto a gente não sabe praticar, também não sabe explicar.” (DMC, s/d)

Assim, se pode concluir que tanto o Budismo como a UDV ensinam práticas virtuosas, objetivando uma conduta moralmente correta, sendo que as virtudes (excelências) são importantes porque permitem ao ser humano participar das relações de reciprocidade.

Os subsídios filosóficos apresentados evidenciam que, enquanto animal racional – vulnerável e dependente – ao ser humano requer que tenha qualidades de caráter, ou virtudes, “indispensáveis para o florescimento humano” (MacINTYRE, 1991, p. 97). Estas pertencem a dois grandes grupos: as que lhe permitem tornar-se um julgador (*reasoner*) prático independente e responsável; e as que lhe possibilitam reconhecer a

⁸⁹ A palavra que traz a orientação doutrinária no Salão do Vegetal é denominada “Administração”.

natureza e o grau de dependência em que se encontra com relação aos demais. (*ibidem*, p. 156), eis que as relações são interpessoais.

Trazendo esse fundamento para nosso estudo, pode-se afirmar que tanto o Budismo quanto a UDV possuem uma doutrina, transmitida oralmente, privilegiando a memória e está se torna mais preservada através de uma prática. Ambas as tradições elegem um grupo de práticas que visam o aprimoramento das virtudes e que em ambas a prática prevalece sobre a simples teorização: a prática é estabelecida como a condição essencial para a transformação da conduta e, nesse caminho são construídas seja a libertação de *samsara* (Budismo), seja a salvação (UDV).

2 – SEMEANDO O LÓTUS E A ROSA

2.1. A importância da “pá que lavra”.

E saiu o semeador a semear. (...) O que semeia, semeia a palavra. (MARCOS 4: 3 e 14)

A linguagem tem importância central para o ser humano, tanto que a maioria de nossos pensamentos assume *forma* linguística, de modo que se pode inferir a existência um relacionamento entre palavra e pensamento e possíveis interferências de um deles sobre o outro. Também a maior parte de nossos conceitos recebe algum tipo de denominação verbal, demonstrando uma relação estreita entre linguagem e formação de conceitos. (BAKHTIN, 1997)

As religiões, de um modo geral, dão um valor importante à palavra: “o poder da Palavra na religião é evidente” (ORLANDI, 1996, p. 252). Isto ocorre tanto nas religiões ocidentais fundadas no judaísmo.

Assim nas religiões ocidentais encontram-se ensinamentos no sentido da necessidade de examinar as próprias palavras. Por exemplo:

Com efeito, a Sabedoria é um espírito que ama o ser humano, mas não deixa impune quem blasfema com seus próprios lábios. Pois Deus é testemunha dos sentimentos dessa pessoa, investiga seu coração segundo a verdade **e mantém-se à escuta da sua língua.** (SABEDORIA, 1-6) (grifo meu)

Isto significa que o sábio escuta o que diz, ou seja, examina e escolhe as palavras coretas.

Ocorre o mesmo nas religiões orientais, onde o uso de palavras sagradas existe desde os Vedas, e “assume um significado grandioso e primordial na cultura indiana” e em um dos seus hinos, registra-se a própria “Palavra” enunciando a criação⁹⁰.

⁹⁰ Vedas é um nome sânscrito que significa “saber revelado”. (ABAURRE & GNERRE, 2012, pp. 19) O Rig-Veda é um conjunto de textos que data do início da civilização indiana. Seu núcleo é formado por mantras (orações, encantamentos, fórmulas rituais, etc.), possuindo também textos explicativos e descritivos de rituais. Seus versos eram transmitidos apenas oralmente, mas hoje se acham escritos.

(ABAURRE & GNERRE, 2012, p. 19-20) Nesse mesmo sentido, Possebon: “*Verbum*, VAC, é uma deusa dos tempos védicos”. (*apud* Miranda, 2014, p. 11)

(...)

Eu gerei o pai, no topo desse [mundo], meu útero está no meio das águas, no mar; então estendi-me aos seres todos, toquei o céu com o cocuruto.

Eu, assim como o vento, sopro abarcando os seres todos, além do céu, além dessa terra; de tal grandeza tornei-me. (Ferreira, Gnerre e Possebon *apud* ABAURRE & GNERRE, 2012, p. 21)

Os mantras são palavras sagradas cuja vocalização sai do próprio coração, produzindo um determinado efeito no nosso organismo e nos demais seres. São uma expressão da mente infinita ou cósmica, fornecendo a base para toda a linguagem humana: “...uma semente do som, que canaliza essa energia”. (Karuna Mayee *apud* MIRANDA, 2014, p. 83)

No Budismo, diversos *Suttas pali* tornam evidentes o ensinamento do Buda de que devemos abandonar palavras falsas, agressivas e fúteis e, em vez disso, “cultivar palavras que sejam oportunas, verdadeiramente gentis e bondosas, investidas de amor e benevolência”, ou seja, aquele que é “um verdadeiro discípulo do Buda, sabe medir suas palavras.” (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p.24)

Na UDV, segundo os ensinamentos do Mestre Gabriel (DMC, s/d), “a palavra é quem traz tudo pra nós”. (CEBUDV – DMC. s/d/) Para controlar nossas vidas, precisamos de forma consciente avaliar e melhorar nosso vocabulário sistemático, a fim de ter certeza que nos leva na direção que desejamos, em vez do curso que queremos evitar.

Desse modo, pode-se verificar que tanto na cultura ocidental, quanto oriental, existem exemplos de que a palavra – falada ou musicada – é uma pá que lava o canteiro onde semeamos nossa realidade.

A palavra não é apenas um meio de comunicação utilizado para a transmissão de informações, mas sim um trabalho humano que constitui o próprio sujeito e seus interlocutores nas diversas atividades em que se engajam ao longo da vida. (Franchi *apud* ABAURRE e GNERRE, 2012, p. 18)

Por fim, para Possebon: “O que liga as diversas doutrinas, segundo nossa interpretação, é o poder da palavra.” (*apud* MIRANDA, 2014, p. 11) E, seguindo essa interpretação, é que buscamos demonstrar que tanto no Budismo, quanto na União do Vegetal encontramos orientações sobre o uso da palavra para que ela possa ser um

instrumento de implementação e desenvolvimento das virtudes, entendendo-se aqui que elas estão no homem não em ato, mas em potência, pois não nascemos virtuosos, somos apenas receptivos a elas, capazes de virtude. (ARISTÓTELES, 2014; MacINTYRE, 2001) O plantio de ações da fala, do corpo e da mente, segundo Tomás de Aquino, são capazes de conduzir o homem à virtude.

2.1.1. Fala correta

Tal como uma flor bonita cheia de cor e também fragrância, da mesma maneira, frutuosas são as palavras justas de quem as pratica. (Dhp 52)

Nos textos budistas teravadas, a fala correta denomina-se *sammā-vācā* e o discurso perfeito é descrito como um discurso que é verdadeiro, útil e encorajador da harmonia.

Usemos palavras que não nos causem dor,
nem que atormentem os outros:
essas são as palavras bem faladas.
Usemos palavras agradáveis,
que alegrem as pessoas
Sem recorrer a palavras más⁹¹. (SN III.3)

A “fala” é a forma pelo qual as pessoas se comunicam e o Buda estabelece quais são as condições necessárias para que a linguagem falada⁹² se adeque ao discurso perfeito.

Trata-se de uma linguagem verbal (linguagem falada) que utiliza um aparelho anatômico que é fonador⁹³. Ela é a forma mais precoce da comunicação humana, mas quando falamos, enfatizamos o significado das coisas modulando a voz e usando a expressão corporal não verbal (expressão facial, movimento do corpo, uso das mãos). Isto demonstra que por trás das palavras existe a intenção, o sentimento, um querer expressar ou comunicar algo.

⁹¹ Versos pronunciados pelo Venerável Vangisa na presença do Buda.

⁹² Todos os elementos da linguagem falada correta que aqui são desenvolvidos são, também, totalmente necessários na linguagem escrita, contudo se privilegia aqui a linguagem falada porque esta era a forma pela qual o Buda ensinava seus discípulos, eis que, como já se salientou, ele não deixou nenhum ensinamento registrado graficamente e estes registros só ocorreram muitos séculos depois de seu *parinibbāna*.

⁹³ Os componentes anatômicos da vocalização são: 1) Produção do som que ocorre pela vibração do ar nas cordas vocais; 2) Ressonância, pela ampliação harmônica do som; 3) Articulação da voz na forma da fala ou canto, modelando a saída dos sons vocálicos em palavras.

“Correta” significa que deve ter como característica a promoção da harmonia e, nesse sentido ela deve ser útil, ser verdadeira e ser oportuna. É esse adjetivo que dá o componente ético a cada uma das atividades que devem ser examinadas e praticadas no desenvolvimento do caminho.

No campo dos relacionamentos sociais – experiências do cotidiano – o diálogo tem um valor bastante representativo. A palavra é um dos instrumentos do diálogo, do discurso. Em Bakhtin, o termo diálogo define o existir humano, argumentando que o discurso humano é uma rede complexa de inter-relações dialógicas com outros enunciados. “A palavra é um território compartilhado, quer pelo expedidor, quer pelo destinatário.” (BAKHTIN, 1981, p. 85)

O Buda, explicando e analisando o Nobre Caminho Óctuplo, define o que é linguagem correta: “E o que é a linguagem correta? Abster-se da linguagem mentirosa, da linguagem maliciosa, da linguagem grosseira e da linguagem frívola. A isto se chama linguagem correta.” (SN XLV.8)

Assim a linguagem correta é explicada em termos negativos, significando evitar quatro tipos de discurso prejudicial: mentiras (palavras ditas com a intenção de deturpar a verdade); linguagem maliciosa (palavras ditas com a intenção de criar divisões entre as pessoas); linguagem grosseira (palavras ditas com a intenção de ferir os sentimentos de outra pessoa); e linguagem frívola (palavras ditas sem qualquer intenção ou propósito). Em termos positivos, linguagem correta significa falar de maneira que importe em confiança, harmonia, conforto e que vale a pena tomar a sério, de sorte que a palavra se torne um dom para si e para os outros. (DeGRAFF, 1999)

A linguagem mentirosa é aquela que se afasta da verdade e, segundo ensinamento do Buda a seu filho Rahula, em Rajagaha: “qualquer um que não se envergonhe de com plena consciência contar uma mentira: não há mal, eu digo, que ele não possa cometer” (MNVI.1). Abandonando a linguagem mentirosa, as palavras tornam-se verdadeiras e merecem a confiança de quem as ouve.

A linguagem grosseira é a que utiliza palavras ofensivas ou ásperas e o Buda a desaconselha, em razão de suas consequências: “Que não se fale asperamente a ninguém, pois aqueles a quem se fala podem retaliar. Em verdade, o discurso irado dói, e a retaliação pode avassalar.” (Dhp 133) Abandonando a linguagem grosseira, as

palavras não só são agradáveis ao ouvido, como tem o poder de chegar ao coração das pessoas.

A linguagem maliciosa é aquela que cria a desarmonia, causa conflitos. Também se inclui na linguagem maliciosa a prática da fofoca, de ouvir algo e relatar para outras pessoas, causando desconforto, separando pessoas. Usando a linguagem correta, ao contrário, há harmonia, promove-se a união, a concórdia, a paz.

A linguagem frívola é aquela constituída de palavras fúteis, onde impera a tagarelice: é o que chamamos de “conversa fiada”. Usando a linguagem correta, as palavras são dotadas de utilidade, de racionalidade, trazendo benefícios para as pessoas, porque as palavras corretas são de acordo com o Dharma, com a Disciplina.

Vários *Suttas* páli registram o ensinamento do Buda de que devemos abandonar palavras falsas e rudes e, em vez disso, cultivar palavras que sejam oportunas, verdadeiramente gentis e bondosas, investidas de amor e benevolência⁹⁴. Em outras palavras, um verdadeiro discípulo de Buda sabe medir suas palavras. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, pp. 25-26)

Assim o Buda, no *Brahmajala Sutta*, nos itens que constituem o que é denominado “Seção Menor sobre a Moralidade”, reitera seu discurso sobre a “fala correta” (DN I.9):

Tendo abandonando a fala mentirosa, o contemplativo Gotama se abstém da linguagem mentirosa. Ele fala a verdade, mantém a verdade, é firme e confiável, não é um enganador do mundo. Abandonando a linguagem maliciosa, ele se abstém da linguagem maliciosa. O que ele ouviu aqui ele não conta ali para separar aquelas pessoas destas. O que ele ouviu lá ele não conta aqui para separar estas pessoas daquelas. Assim ele reconcilia aquelas pessoas que estão divididas, promove a amizade, ele ama a concórdia, se delicia com a concórdia, desfruta da concórdia, diz coisas que criam a concórdia. Abandonando a linguagem grosseira, ele se abstém da linguagem grosseira. Ele diz palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Abandonando a linguagem frívola, ele se abstém da linguagem frívola. Ele fala na hora certa, diz o que é fato, aquilo que é bom, fala de acordo com o Dharma e a Disciplina; nas horas adequadas ele diz palavras que são úteis, racionais, moderadas e que trazem benefício. (COHEN, 2001, p. 16)

⁹⁴ Os autores citam como exemplo o *Kakacupama Sutta* do *Majjhima Nikaya* (21.11).

Novamente os elementos privilegiados nesse discurso são: não mentir; não usar palavras maliciosas, não falar rudemente ou tagarelar, mas usar as palavras de maneira honesta, harmoniosa, reconfortante e significativa, buscando promover a paz e a união entre as pessoas, pois: “Melhor do que mil palavras inúteis é uma palavra útil, com a escuta da qual, se alcança a paz” (Dhp 100). Desse modo percebe-se que a paz e a união são aspectos que permeiam muitos – se não todos – os discursos do Buda. Há uma preocupação constante em que palavras (e ações) tenham como escopo promover a paz e, conseqüentemente, a união entre as pessoas. Essa paz, todavia, nasce no interior de cada pessoa: arrancando a paixão, a sede, o apego, tal como “uma mão que colhe uma flor de lótus no outono”, deve-se cultivar “este caminho para a paz”, que é o próprio nirvana. (Dhp 285)

Aludindo a uma linguagem inculpável, o Buda estabelece os cinco elementos que compõem uma fala “bem falada”: com a mente plena de amor e bondade o discípulo fala no momento apropriado, diz a verdade, tem afeição e traz benefício para seu interlocutor. (AN V.198)

Quais são as cinco coisas que ele [discípulo] deve estabelecer nele mesmo? Ele deve pensar: (6) falarei no momento oportuno, não no momento inoportuno; (7) direi a verdade, não mentiras; (8) falarei de modo gentil, não grosseiro; (9) falarei de modo benéfico, não prejudicial; (10) falarei com amor bondade na mente, não com raiva. Essas são as cinco coisas que ele deve estabelecer nele mesmo. (AN X. 44)

O asceta opta por ter uma vida ética, dando atenção plena em suas palavras e, assim, “Em vez de enganar e dar falso testemunho, (...) controla sua língua e não só fala a verdade como se esforça para que suas palavras sejam gentis, relevantes e propiciem a paz.” (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 30) Esta regra, aqui indicada para os ascetas, pode – e deve – ser aplicada ao nosso cotidiano, se queremos realmente nos libertar de *samsara*.

A santidade está, também, indissoluvelmente ligada à instrução verdadeira: “Aquele que profere suavemente, palavras instrutivas e verdadeiras, que não ofende ninguém – a esse chamo de homem santo.” (Dhp 408)

Bhikkhu Bodhi explica em *The Noble Eightfold Path*, que a palavra pode causar sofrimento aos outros e a nós mesmos: “A fala pode prejudicar vidas, criar inimigos e começar guerras ou trazer sabedoria, curar cisões e criar a paz.”

Nesse sentido, a verdade é essencial para aquele que está em busca de sair de Samsara e alcançar o Nirvana, bem como para aquele que assume consigo (e com o Buda) a missão de ensinar o caminho para outros seres sencientes. Nesse sentido, o Buda reafirma a importância do Dharma nessa missão: “O dom do Dharma supera todas as prendas; o gosto do Dharma supera todos os gostos, o prazer no Dharma supera todas as delícias. (...)” (Dhp 354)

2.1.2. Falar correto e “por dentro dos mistérios”

Sou (...) Rei do conhecimento (...) de todas as palavras que possa atropelar uma criatura humana. Rei do conhecimento dos mistérios que podemos pronunciar em uma palavra por falta de conhecimento. (MESTRE GABRIEL – DMC, s/d)

Na União do Vegetal os ensinamentos e a doutrina são transmitidos oralmente, nas sessões, não existindo ensinamentos registrados de forma escrita, com exceção de um conjunto de documentos que são lidos no início de cada sessão e dos institucionais obrigatórios⁹⁵.

Existem poucas publicações feitas pela instituição: duas, são matérias pagas publicadas em jornais de Porto Velho-Rondônia: (a) *Convicção do Mestre*; publicada no Jornal *Alto Madeira*, em 1967 (b) *Velando Enquanto Dorme*⁹⁶, matéria publicada no Jornal *O Guaporé*, em 1971; (c) desde dezembro de 1988 um jornal denominado *Alto Falante*, de circulação interna. Em 1989 foi publicado um livro denominado *União do Vegetal, Hoasca – Fundamentos E Objetivos*:

(...) primeiro documento oficial que o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal leva à difusão pública desde sua fundação, em 1961. E o faz com propósito da maior relevância: apresentar-se e prestar esclarecimentos às autoridades e à sociedade sobre seus fundamentos e objetivos, dentro do processo que se impôs de institucionalizar-se. (CEBUDV, 1989)

⁹⁵Na UDV existem: (a) Sessões de Escala, nos primeiros e terceiros sábados de cada mês; (b) Sessões de Escala Anual, em datas sagradas ou festivas para o Centro; (c) Sessões Instrutivas, para discípulos do grau instrutivo que ocorrem com um intervalo mínimo de dois meses; (d) Sessões da Direção, com Mestres e Conselheiros; (e) Sessões do Quadro de Mestre; (f) Sessões de Casal, pelo menos duas vezes no ano; além dessas existem outras sessões denominadas de Sessões Extras.

⁹⁶ Trata-se de uma Carta do Mestre Gabriel, dirigida à sociedade de Porto Velho, publicada no Jornal “O Guaporé”, em 16 de julho de 1971. O determinante dessa publicação foi ter havido críticas à UDV feitas num ofício religioso da cidade, num sermão do Bispo D. João Batista Costa que exerceu a prelazia de Porto Velho de 1946 a 1982.

Em 2011, foi publicado *Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente (científico)*, organizado por Joaze Bernardino-Costa, reunindo as palestras e publicações do II Congresso Internacional da Hoasca, bem como, informações científicas e jurídicas a respeito do uso ritual do chá Hoasca na União do Vegetal e em outras instituições. Relata também a história da UDV e seu relacionamento com outras instituições religiosas que utilizam o chá.

A primeira matéria jornalística a respeito da UDV: Jornal *O Estado de São Paulo*, em 29.08.1968 – *Na selva, um místico vende um sonho*. Reportagem do jornalista Alberto Prado a respeito da UDV e do Mestre Gabriel e sua família. Em 11.03.1991, foi publicada uma matéria do jornalista Roberto Gueudeville, com o título *O Vinho da alma “transporta” os povos da floresta virgem*, no Jornal *A Crítica* de Manaus, que tratava da UDV e de seu ritual. A primeira publicação a respeito da UDV em uma revista: Revista *O Cruzeiro*, em 14.7.1971 – *Aioasca, o LSD da Amazônia*, texto de Soares Ferreira.⁹⁷

A partir de 2011, o DMC passou a publicar *Agendas*: (a) comemorativa dos 50 anos da UDV (2011), trazendo dados a respeito da criação da UDV, significado de suas datas sagradas e festivas etc.; (b) *José – Filho da Bahia* (2013) relata a infância de Mestre Gabriel; (c) *Gabriel – Em Busca do Tesouro* (2015) relata sua vinda para os seringais e seu primeiro contato com o Vegetal.

Retomando nosso tema, já esclarecemos que uma das características desse ritual religioso é a transmissão oral dos ensinamentos, ou seja, “de boca a ouvido”. (COSTA & SILVA, 2011)

A tradição do uso da oralidade é um aspecto essencial na cultura da União do Vegetal – a “cultura caianinha”⁹⁸ segundo um dos sócios. A transmissão oral guarda, assim, profundas relações com o ethos da UDV; ou seja, com a maneira como organiza e compreende o mundo sagrado e sua relação com o temporal. Isso impacta diretamente nas formas como ela se conduz. Segundo consta, sua doutrina “não está compendiada em livros, nem escrita em qualquer documento” (CEBUDV, 1989: p. 27). Isso se destina a garantir a originalidade dos Ensinos do modo como foram “trazidos” por Mestre Gabriel, criador e guia espiritual da UDV – permanências. Por outro lado, a aprendizagem que conforma a “transformação do ser humano” através da evolução espiritual de seus discípulos – mudanças – retira do oral a sua mística, percebendo a palavra

⁹⁷ Estas reportagens estão reproduzidas em anexo.

⁹⁸ “Em alusão à Caiano, o mestre, e seus “caianinhos”, os discípulos.” (RIBEIRO, 2009, p. 92)

falada como detentora de “mistérios” e de força vital.
(RIBEIRO, 2009, p. 92)

Em seus rituais são feitas “chamadas”: essas possuem letras, harmonia e ritmo e que esses elementos são importantes para atenderem à sua finalidade, ou seja, exercerem uma influência no clima da sessão, trazendo determinadas energias positivas. No estado ampliado de consciência, a chamada se apresenta pelo sentir, no coração, em decorrência das palavras que estão circulando na sessão e exercem um papel significativo no processo de transformação⁹⁹, existindo muitos relatos de que quando a “chamada” se apresenta, a pessoa sente o coração bater acelerado, modificação na respiração etc.(LODI, 2010; LABATE; PACHECO, 2009)

Há chamadas cuja função é conduzir as pessoas na burracheira¹⁰⁰. Há chamadas que conduzem com a clareza. Outras trazem mais força para a sessão e há outras que fazem a gente viajar no tempo. A chamada Corregger Terra, por exemplo, faz a pessoa viajar no tempo, tira a pessoa de determinadas situações. (...) (MONTEIRO, 2012, p. 4)

Nesse campo das palavras associadas à ritmo e harmonia, tem-se, ainda, que “o uso de músicas dentro de rituais religiosos é imemorial. Sejam em forma de mantras, cantos gregorianos, incaicos, hinários, chamadas ou outras manifestações ritualísticas” (LODI, 2010, p. 99), ou seja, a música tem um papel preponderante no cotidiano de diversas religiões. No caso das religiões hoasqueiras as músicas (de um modo geral) intensificam sensações, sentimentos, revelações etc. (LABATE; PACHECO, 2009), porque a música tem poesia “que fornece toques e ensinamentos existenciais e espirituais.” (LODI, 2011, p. 11)

É através da oralidade que são transmitidos os ensinamentos, a doutrina, as chamadas e as administrações, tidos como formas de ensinar novas e positivas condutas.

(...) são considerados conhecimentos restritos ao âmbito interno do grupo; (...) entende-se que as músicas precisam ser examinadas na burracheira (isto é, sob o efeito da ayahuasca), não devendo ser cantadas ou discutidas fora do seu contexto ritual. (LABATE; PACHECO 2009, p. 22-23)

⁹⁹Os pesquisadores Beatriz Caiuby Labate e Gustavo Pacheco escreveram *Músicas e Chamadas: música brasileira de ayahuasca* (2009), realizando um estudo sobre a musicalidade nas religiões hoasqueiras.

¹⁰⁰ Força mágica da natureza. Esse tema será mais bem desenvolvido adiante em “Falar correto e “por dentro dos mistérios”.

É fácil compreender que, nesse contexto, a memória, assume grande importância, pois dela depende a transmissão dos ensinamentos. “Memória é mais que lugar/ É força da história viva/ Memória viva é lembrar (...) (PARANAYBA, 2016)

Na UDV, a palavra “memória” é explicada como tendo um mistério, relacionado à sonoridade cabocla empregada em sua pronúncia: “mim-mora”, traduzida por “em mim mora”. Trazendo esse sentido, tem-se a música “Passarinho da Pena Branca”, de Paulo Mourão, que trata da experiência com o chá Hoasca:

Quando a força vem chegando
E a consciência clareando
Cordão de prata da memória,
em mim mora, em mim mora, a Luz Divina
Cordão de prata da memória,
em mim mora, em mim mora, a Luz Divina. (grifo meu)

Essa categoria – memória – assume, então, pelo menos duas dimensões. Uma coletiva, tanto histórica – relacionada à história institucional, que segundo os relatos míticos tem uma temporalidade que se inicia ainda antes do dilúvio universal – quanto doutrinária. A segunda é individual ou pessoal – pré-existente no interior do ser humano, pois é uma qualidade do Espírito.

Em razão da oralidade, a palavra ocupa um lugar de destaque nos rituais, eis que: “Saber usá-la, respeitando os seus segredos e mistérios, evita desacertos, (...) e abre caminhos para um amplo conhecimento da espiritualidade.” (FABIANO, 2012, p. 77)

Mestre Gabriel inicia uma de suas administrações dizendo: “Por que a palavra é quem traz tudo pra nós. Pela palavra. Por isso, que devemos ter cuidado com a palavra, para que não venha uma palavra que possa prejudicar.” (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d) Analisa-se, que com esta colocação, ele aborda um aspecto do uso da palavra que não é abordado pelo Budismo, ou seja, ele aponta para a necessidade de um aprendizado para o uso da palavra não só no relacionamento com o outro, mas também em benefício de quem fala.

A dinâmica do uso da palavra na UDV privilegia palavras positivas, mas quando for falada uma palavra negativa, deve-se “cobrir” com uma positiva. Por exemplo: se num discurso for utilizar a palavra “guerra”, não deixar que ela finalize o pensamento ou a oratória e, sim, “cobrir” com a palavra “paz”. Com isso o cérebro trabalha na construção da realidade a partir da imagem da paz, que ficou impressa mais significativamente no cérebro, por ser posterior. (FERNANDES, 2011; LODI, 2010)

Esta é a concepção exposta numa administração do Mestre Gabriel

Um chega, me conta uma coisa, isso pa, pa, pa , é assim, assim, assim, assim, assim, e eu tô querendo me defender e não posso. O que é que ele tá dizendo pra mim? Então é preciso a gente conhecer esse mistério: Tem uma coisa, eu tô (estou) procurando me defender, mas até aqui ainda não pude. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d) (grifei)

Segundo explicações dos seguidores, quando a pessoa diz “eu não posso” ela está dando a si mesmo uma sentença, “fechando uma porta”, impedindo uma possibilidade, por isso ela tem que ter cuidado e falar “ainda não pude”, deixando uma porta aberta para vir a realizar aquilo que está querendo realizar. O mesmo ocorre com outras expressões do tipo, “estou mal”; “minha doença”. Essas são expressões sujeitas a trazer uma carga que atrapalha a recuperação de alguém doente: ao contrário, deve-se dizer: “estou melhorando”, “no momento, ainda estou doente”. (FERNANDES, 2011)

E complementa o ensino indicando a importância do “querer”, na realização do discurso e das ações:

Não vamos dizer – eu não posso, porque tudo o homem pode fazer. Só depende é de querer. Só depende é de querer. Então, o homem pode dizer: eu mesmo tô querendo fazer uma coisa, e não posso. Ói, não posso. Então, não tá querendo, porque tudo depende é do querer do homem. O homem querendo faz o que quer. Ele querendo. (...) Então, por isso é que é preciso nós ter o cuidado, (...) prestar bem atenção (...) (*idem*)

Em outra de suas administrações, ele lembra que o homem deve “ser rei de sua palavra”, ou seja, quando der a palavra para alguém deve cumpri-la¹⁰¹. Conta-se que ele quando marcava determinada hora cumpria fielmente o combinado.

O crescimento da UDV em Porto Velho, na década de 1960 começou a chamar a atenção das autoridades constituídas da cidade. Numa ocasião, quando seria realizado um preparo de Vegetal na olaria do Mestre Gabriel, o delegado de polícia lhe disse que ia até lá. Mestre Gabriel lhe disse que estaria a sua espera até as 14h00 do domingo. As atividades do preparo terminaram antes das 14h00 e todos arrumaram as coisas para ir embora. O Mestre Gabriel permaneceu deitado na sua rede.

¹⁰¹ Mongelli, tratando dos escritos de Alfonso X, o Sábio de Leão e Castela, traz que na Lei II, de *Las siete partidas*, tratando da recomendação da “mesura”, diz ele: “*E porende todo ome, e mayormente el Rey se deve mucho guardar en su palabra, de manera que sea catada e pensada ante que la diga. Ca despues que fale de la boca, non puede ome fazer, que no sea dicha.*” (2009, p. 85) Novamente aqui, encontra-se o cuidado com a palavra, que não está restrito ao âmbito das duas religiões estudadas, mas adentra o manual de medidas do próprio rei, alertando para o fato de que depois de dita, a palavra não pode retroceder e ser “não dita”.

Quando perguntaram se ele não iria para casa respondeu que esperaria o delegado chegar, porque se ele chegasse lá e não o encontrasse, diria que ele não tinha palavra, *e esse direito eu não dou a homem nenhum, porque e eu sou o rei da minha palavra.* (MOTTA e GENTIL, 2011, p. 202)

Tratando do uso da palavra no âmbito do Centro, ou seja, nos relacionamentos, tem-se no Boletim da Consciência em Firmeza:

1ª Parte: Todos os filiados da União do Vegetal, principalmente os da Sessão Instrutiva, deverão ter o máximo de atenção, quando falarem no âmbito da União, a fim de que suas palavras, não venham ferir algum irmão.

O que significa ferir um irmão pela palavra? O Mestre Gabriel não define o que é, mas dá os elementos de interpretação: palavras ofensivas, palavras criticantes, palavras mentirosas (levantar falso) determinam situações em que a pessoa que ouve se sente ferido.

Assim é, por exemplo, no Boletim da Consciência em Firmeza:

Terceira parte - Quando **um irmão se julgar ofendido com palavras criticantes de outro**, deve, se não conseguir encontrar por si uma maneira de se defender sem ofender, procurar o Mestre em Representação para ser orientado. (grifei)

Todavia aquele que se sente ofendido pelas palavras de outrem deve agir com cautela, ou seja, “se defender, sem ofender”. (*id.*, *segunda parte*)



Figura 18. Sessão da UDV – Mestre Gabriel com discípulos¹⁰²

Fonte: DMC, s/d/

Essa fotografia foi tirada por Mestre Cícero, um dos Mestres Antigos. Esse afirmava que pelos ensinamentos do Mestre Gabriel, se alguém disser uma palavra ofensiva não podemos revidar com outra.

Se um falar alguma coisa que não é do agrado, não vamos chegar e falar em troca duas ou três coisas, não. Isto faz discórdia no meio da União. Se cada um se plantar no lugar de pedir esclarecimentos do que ouviu e não entendeu fica mais fácil caminhar (...) (*apud* LODI, 2010, p. 31)

Isto porque os relacionamentos são relações de reciprocidade permeadas pela palavra (pensada, dita, escrita etc.) e a compreensão, o entendimento se tornam instrumentos necessários da comunicação.

Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente). Essa redistribuição de tudo o que está expresso na palavra, e que dota cada ser humano do pequeno mundo constituído de suas palavras. (BAKHTIN, 1997, p. 383)

Mentiras também não devem ser ditas. Nos documentos que tratam dos direitos e deveres dos Mestres (Boletim da Consciência em Administração, art. 19, inciso “i”) há determinações expressas a respeito de “ser fiel à verdade”, ou seja, ter um compromisso firme com a verdade. Fiel está ligado a “fé, boa fé, integridade”, significando aquele que não muda seu comportamento, que é firme, constante e perseverante¹⁰³, presente no

¹⁰² Nessa fotografia tem-se uma das primeiras sessões realizadas na UDV, em Porto Velho. Essas eram realizadas ainda na residência do Mestre Gabriel e sua família, que “cedia” uma parte de sua casa para as sessões, daí surgir a “Sede da UDV”; Os discípulos acham-se sentados em bancos em torno da mesa, enquanto Mestre Gabriel (em pé) doutrina e ensina. Verifica-se na mesa jarras com água e vegetal, bem como os copos. Dois aspectos podem ser destacados: em primeiro lugar, essa configuração (jarra de água, copos e recipiente de vegetal) ainda é utilizada nos dias de hoje, nos rituais da UDV; segundo, o registro indica um segundo momento da instituição, porque, embora ainda não se use uniforme, o vegetal já é bebido em copos, pois conforme relatos dos Mestres Antigos¹⁰², inicialmente, o vegetal era bebido em latas de leite condensado.

¹⁰³ Por exemplo: o amigo fiel é o amigo certo; (...) a pessoa fiel é aquela que mantém fidelidade. (DICIONÁRIO DE ÉTICA CRISTÃ, 2007)

vocabulário português desde o século XIII e, desde logo, adquiriu uma conotação religiosa. (DICIONÁRIO DA ÉTICA CRISTÃ, 2007)

Mais adiante, no Boletim da Consciência em Defesa da Fidelidade e Harmonia dos Filiados do Centro, trata-se novamente do dever com a verdade, de não falar em vão. Nesse sentido todo aquele que apresentar queixa contra alguém deve ter como provar. “**Quarta parte** - O discípulo que apresentar queixas de seu irmão, e principalmente da Direção, sem a devida comprovação, será punido”, e a punição será dada “após minuciosa observação da irresponsabilidade do discípulo faltoso.”

Esse Boletim estabelece também que quando um discípulo encontrar outrem em falta deve clareá-lo dentro do símbolo da União, todavia se não se sentir em condições de fazer isso deve buscar uma solução “sem comentar com terceiros”. (**segunda e terceiras partes**) Esse documento introduz o agir com paciência e amorosidade, e não comentar com outras pessoas a respeito das atitudes de alguém, evitando assim o boato e o fuxico.

Tanto o fuxico, quanto o boato consistem em comentários que são espalhados, com base em suposições, quase sempre desleais e frívolos, consistindo em intromissão em assunto que não diz respeito aos interlocutores. (HOAUISS, 2001) Roberto da Matta remete ao conto “Quem conta um conto”, de Machado de Assis (1873!), para concluir que o boato e o fuxico nos escapam, fogem como um relâmpago e se propagam em todas as direções e, quase nunca, conseguimos descobrir quem os iniciou, todavia seu objetivo é quase sempre a maledicência. (DAMATTA, 2013)

Cícero Fernandes, em sua tese a respeito das transformações pessoais na UDV, relata que em seu Diário de Campo (DC), um discípulo disse que “o fuxico bota todo mundo pra brigar”, dizendo, ainda que, na UDV, ele escutou contar a história “O Macaco e a Cotia”¹⁰⁴, história da cultura popular que evidencia que quem cuida dos problemas, dos defeitos dos outros, deixa de cuidar dos seus próprios problemas: “só se evolui é corrigindo os próprios defeitos e isso só se faz é com o exame de si. E esse

¹⁰⁴ História do Macaco e da Cotia: No tempo que os bichos falavam, o macaco e a cotia eram grandes amigos. A cotia, assim como o macaco, tinha rabo grande, bonito, vistoso. Costumavam conversar no quentinho dos trilhos de uma linha férrea que passava pela mata onde moravam. Sentavam e jogavam conversa fora. A cotia, doida pela vida alheia, vivia chamando atenção do macaco; – Amigo macaco, cuidado com seu rabo no trilho. O trem pode passar e pegar. E insistia sempre nesse aviso. Um dia veio o trem e a cotia, de tão preocupada com o rabo do macaco, esqueceu-se do dela: o trem passou e cortou o rabo da cotia. E até hoje a cotia não tem rabo. (CASCUDO, 1948)

exame se dá com o objetivo de transformação, da prática” (DC 07-11-2009). (FERNANDES, 2011, p. 280)

Existem diferenças entre fuxico, boato e outras formas semelhantes de deturpação e divulgação da realidade. Essas diferenças acham-se relacionadas ao conteúdo, às motivações e à dimensão que atinge. O fuxico e o boato distinguem-se principalmente quanto à dimensão que atingem: o primeiro envolve um grupo restrito de interessados na “notícia”; o segundo alcança e conquista um grupo bem maior de ouvintes. Em ambas faltam o que se chama “autoexame”, “autocrítica”. (DUNBAR, 1996; KEPFERER, 1993)

Uma contribuição mais específica do Mestre Gabriel ao uso da palavra, diz respeito ao “mistério das palavras”.

O Mestre Gabriel dizia, segundo o DC de 07-11-2009, que, se tivesse nascido em outro país, daria um jeito de explicar os mistérios das palavras na língua daquele país. Por isso que, nas sessões da UDV nos países em que a língua não é o português “a leitura dos documentos é feita na língua do país até antes do item Mistérios do Vegetal. Este item, porém, é lido em português”. No entanto, “como o Mestre Gabriel nasceu no Brasil, país de língua portuguesa, é nessa língua que são ensinados os mistérios (...)”. (FERNANDES, 2011, p. 255-256)

“E é por esse motivo que ‘os discípulos para chegarem ao Corpo Instrutivo, precisam saber falar essa língua, porque nela são contadas as histórias e ensinados os mistérios e segredos da Natureza Divina.” (*idem*, p. 256)

Uma pessoa deve procurar saber o mistério contido em determinadas palavras, evitando desse modo construções de realidade que não está querendo. Existem palavras que pelo seu mistério –negativo – não devem ser usadas para não trazer a construção de uma realidade prejudicial. Dessa forma, o Mestre Gabriel, segundo os Metres que com ele conviveram, orientava no sentido de não serem ditas palavras ligadas à miséria, loucura, danação e desgraça (tais como, miserável, louco, danado e desgraçado). A palavra sutil e sutileza também não são usadas pelos discípulos, porque, entendem que a palavra tem uma conotação negativa, ligada ao fato de que atividades negativas são geralmente sutis. Para explicar uma coisa positiva, em vez de sutil, usam palavras como “alta”, “fina” etc. (CEBUDV – DMC, s/d; FERNANDES, 2011)

Como entender o mistério que existe em algumas palavras? Cícero Fernandes exemplifica. Na UDV, a palavra benéfico possui um mistério de duas palavras:

benefício (de bene) + “sente” (de “cente”), não importando a grafia e sim o som das palavras. Não existe, em português, a palavra “cente”, mas ela tem o mesmo som de sente (sentir), de modo que é “beneficente” porque a pessoa “sente o benefício”. “Por tanto nessa concepção a palavra tem poder e, por isso deve ser motivo de ‘estudo’ e ‘exame’ para trazer a pessoa o que ela quer receber.” (2011, p. 256)

Outra orientação é no sentido do verbo “poder”, como por exemplo, “se ele fizer tal coisa **pode** adoecer”; nesse sentido, o M. Gabriel orientou seus primeiros discípulos a dizerem “é sujeito”; ou “está sujeito” ou, ainda, “não está isento”. Tal cuidado, segundo ele, deve-se ao fato de que a palavra “pode” traz, com ela, uma determinação, uma sentença e por isto deve ser evitada. As outras formas impedem essa situação. (CEBUDV – DMC, s/d)

No que diz respeito à expressão “está isento” utilizada na UDV, esta dá uma margem à liberdade de cada indivíduo, porque não sendo uma religião dogmática e que dá um destaque ao grau de memória, reconhece, ao mesmo tempo, que os seres humanos são passíveis de tornarem errar. Assim não dizem “estou firme”, “faço” ou “ajo” (de alguma forma), usando ao invés, “venho me firmando”, “venho procurando agir”, “venho procurando fazer”, para evitar testes. [FERNANDES, 2011] É comum o uso da palavra “teste”, utilizada no sentido de que aquele que diz enfaticamente já estar livre de alguma prática, fica sujeito a um teste para identificar se aquilo é verdade ou mentira.

A distância entre o ideal contido no documento e a condição humana segundo a cosmologia nativa prevê o erro, cuja punição é legitimada pela busca de “firmeza e equilíbrio”, preocupações fundamentais ao *ethos* udevista. O discípulo deve buscar a “evolução espiritual” evitando “atitudes vaciladas” ou a escolha por “veredas”. (MELO, 2010, p. 110)

“Vereda”, na UDV, é empregada no sentido figurado de direcionamento ou caminho fácil que alguém segue em sua vida. É um atalho, um jeitinho, um caminho mais rápido, às vezes corrupto, desonesto. “(...) é a vontade e determinação da pessoa que a retira das ‘veredas’. Sair do ‘vacilo’ para chegar ao ‘equilíbrio’ é dever do sócio que busca a ‘evolução espiritual’¹⁰⁵.” (*idem*, p. 117) Nesse sentido é tido como negação do caminho reto ou caminho da retidão, sendo sinônimo, também, de caminho da ilusão.

¹⁰⁵ A etimologia mais remota da palavra vereda acha-se em “vara”, no latim vulgar. Em português, de vara derivou “varada” e de varada derivou “vereda”. Varada significava um caminho

Uma música utilizada hoje nos rituais das sessões e que trata desse tema é “Dilema da Vida” de Nonô e Naná. Mestre Gabriel identificava-se com esta música e quando a colocava nas sessões dizia “este aí sou eu” ou “quem quiser me conhecer um pouco mais escute esta música”. (*apud* LODI, 2010, p. 138).

Eu tenho na vida um sério problema / Devido ao sistema que quero viver / Em tudo que faço encontro embaraço / Que é um dilema pra resolver. / Assim vou lutando com dificuldade / Seguindo meu lema sem retroceder / Para ser mais claro falando a verdade / Com honestidade é duro vencer. / Com tanto dilema que tenho comigo / Não sei se consigo me desembaraçar / Tenho lealdade em tudo que digo / E o que é verdade eu não sei negar. / Vejo meus colegas chagando na frente / Aonde pretendo um dia chegar / Mais para segui-los desonestamente / Digo francamente prefiro ficar. / Prefiro ser ponte dos que vão passando / Ou servir de escada aos que vão subindo / Se não chego aonde muitos vão chegando / Servirei de amparo aos que vem caindo. / Não quero tirar o lugar do primeiro / Mas a derradeiros estarei servindo / Consultando sempre o meu travesseiro / Sinto que o certo é como estou agindo. / Porem uma coisa eu tenho certeza / Alguém algum dia vai reconhecer / Que não uso arma em minha defesa / E quem tem nobreza vai me defender / Não tenho ganância, não quero riqueza; / Desejo apenas cumprir meu dever / E aquele que rege toda natureza / Mandará o premio que eu merecer.

O caminho ilusório oferece muitos atalhos, “facilidades”, que estão sujeitos a corromper a prática da conduta reta. Segundo os mestres do CREMG “não há nada mais parecido com a realidade do que a ilusão”: o “dilema” que se apresenta é a escolha do caminho. Por essa ótica pode-se refletir a ação de Maya (ilusão) buscando fazer com que o Buda se afastasse do caminho da realidade.

Existem, ainda, na UDV, aquelas palavras “misteriosas”, que pertencem ao imaginário da religião, como por exemplo, “minguarana”, “chacrona”, “mariri”. Essas palavras, que estão relacionadas à origem do chá¹⁰⁶, fazendo parte, também, de um documento denominado de “Mistérios do Vegetal”: “minguarana” significa “natureza divina”; “chacrona” significa “chá temeroso” e “mariri” significa “marechal”. (CEBUDV – DMC, s/d)

apertado, entre varas. Vereda guarda o mesmo sentido: um caminho em cujas margens se encontram ramos ou vegetais ou arbustos. Daqui evoluiu para o sentido de caminho secundário. Algumas Igrejas Pentecostais utilizam a expressão “vereda santa”, significando o caminho apertado que conduz à salvação. Na UDV, ouve-se dizer que este termo é negativo, pois os discípulos são aconselhados a sair das veredas, e seguir o caminho da retidão.

¹⁰⁶ Essa história que relata a origem das plantas e do próprio chá é denominada de “História da Hoasca”.

Por fim, uma palavra que também identifica a UDV e seu ritual é “burracheira”¹⁰⁷, que, segundo seu criador, quer dizer força estranha. “A gente quando sente ela é porque quer conhecer coisas estranhas que ainda não conhece.” (MESTRE GABRIEL – DMC, s/d)

Já ouviu falar na música do Caetano Veloso, “Força Estranha”? Deram um Daime pra ele beber e ele (...) então foi tomado por essa força estranha. Na União do Vegetal essa força é uma expansão da sua consciência, é como se você estivesse num estado de letargia, mas, esse estágio não te tira a consciência, ao contrário, é um estágio de êxtase com lucidez, que popularmente é conhecida como “Burracheira”. (MONTEIRO, 2013, s.p.)

O estado de “burracheira” é um estado extático¹⁰⁸, uma das categorias fundamentais a ser considerada no estudo da UDV, pois o êxtase faz parte das “condições em que o discípulo deve se encontrar para poder proceder ao exame dos ensinamentos necessários a sua evolução espiritual, durante as sessões em que se compartilha o chá sacramental.” (RIBEIRO, 2009, p. 34) O indivíduo de burracheira, tendo a consciência ampliada, pode escutar os ensinamentos, examinar e tirar proveitos deles para aplicar em sua vida.

FERNANDES (2011) fala da passagem do “circulo vicioso” para o “circulo virtuoso”, significando esse exame de sentimentos e desvalores ligados aos “vícios” ou “desvios de conduta”, para uma prática virtuosa que mesmo sendo pessoal, reflete-se no social, criando relações mais harmoniosas – porque virtuosas – entre as pessoas.

De tudo o que se desenvolveu neste capítulo, pode-se concluir que a fala – tal como ocorre também com a ação humana¹⁰⁹ – é uma forma de inserção do ser no mundo e compreende movimentação de energias no tempo e no espaço, movimentação esta presidida pela liberdade. Falas negativas (ofensas, por exemplo) ou positivas (reconhecimento, por exemplo) geram uma repercussão social, mas, também, uma repercussão espiritual, tendo, portanto, reflexos nesta e em uma próxima vida.

Tanto no Budismo, quanto na UDV existem determinativos a respeito da palavra correta – palavras verdadeiras, palavras que não ofendam, palavras que tenham um

¹⁰⁷Segundo alguns estudiosos, o mestre Gabriel foi quem trouxe essa palavra no intuito de denominar os efeitos do chá, criando uma denominação específica para identificar o estado místico da bebida. (CREMG – DMC, s/d)

¹⁰⁸“Estado ‘extático’ (ou extático) – condição de indivíduo em êxtase ou transe religioso.” (RIBEIRO, 2009, p. 34)

¹⁰⁹ A ação humana será estudada no próximo capítulo.

fundamento e significado social etc. – acrescentando-se na UDV a questão específica dos “mistérios das palavras”, além de palavras misteriosas que passaram a possuir significado próprio dentro do ritual religioso. Pode-se, então, concluir que os ensinamentos a respeito da palavra nessas duas tradições evidenciam que embora não sejam idênticos, em muitos pontos eles se assemelham – chegando a se tocar – em muitos pontos, notadamente, na questão do cuidado com a palavra nas comunicações com o outro.

3 – CULTIVANDO O LÓTUS E A ROSA

3.1. O agir e a arte de viver

Uma ação, no sentido filosófico do termo¹¹⁰ consiste num certo tipo de coisa que uma pessoa pode fazer para si próprio ou para outrem. Existem três tipos de ações: da fala, do corpo e da mente e sobre elas devemos refletir de modo a não causar aflições ou consequências dolorosas para si, para os outros ou para ambos. (AQUINO, 2013) No capítulo anterior abordamos as ações da fala (palavras) e como o Budismo e a UDV tratam do uso correto da palavra. Neste capítulo queremos abordar a ação e o modo de viver corretos, nessas duas tradições.

Já dissemos que para Aristóteles, Aquino e MacIntyre, a ética é uma ação prática que diz respeito à conduta do homem na sociedade. O ensinamento de que as ações morais – e consequentemente o modo como a pessoa vive – têm consequências na vida terrena do homem e, também, na sua salvação é um elemento importante na escolha de como viver, tal como poderemos ver tanto no Budismo quanto na UDV. O que se busca verificar é o cultivo da prática de agir eticamente no mundo, ou seja, expressando virtudes ou qualidades pode trazer benefícios e, nesse sentido, o cultivo da ética pode ser colocado em termos de criação de modos de “estar no mundo” de forma não centrada no sujeito. (AQUINO, 2013; 2012; ARISTÓTELES, 2011; MACINTYRE, 2003; 2001)

As pessoas se estabelecem em grupos, os quais têm como um dos objetivos ordenar e promover a realização das suas potencialidades. Nesse contexto, existem potencialidades inerentes aos seres humanos: as excelências de desempenho e as virtudes éticas e ambas estão indissoluvelmente associadas à prática, ou seja, ao agir. Para isso e por isso é que os seres humanos se organizam em instituições, que têm a função de garantir os meios necessários à realização dos fins humanos e, quando isto não acontece, há uma deturpação das práticas sociais. (MACINTYRE, 2003; 2001)

¹¹⁰ Existem outros tipos de ação: física, jurídica etc. que têm outro significado.

Seja no Budismo, seja na UDV, a noção de prática é essencial à identificação de um conceito de virtude, pois são as práticas que proporcionam o terreno fértil para o seu exercício.

3.2. No Ganges: Ação correta e modo de viver correto

3.2.1. Ação correta

Assim como de um grande molhe de flores se podem fazer muitos arranjos florais, também muitas ações boas deviam ser feitas por quem nasce mortal. (Dhp 53)

Ação correta ou *sammā-kammanta* é o segundo elemento de Sila e o quarto passo do Nobre Caminho Óctuplo, significando, em resumo, agir sem agressividade.

A Ética no Budismo está adstrita, principalmente, à ação, à prática; tratar da ética é, então, refletir e agir a partir da noção de um “cuidado de si”. Todavia o “cuidar de si” é uma ação humana que está diretamente relacionada com o cuidar dos demais. Tratando desse aspecto Nissim Cohen lembra a importância da liberdade nesse processo.

Ao lidar com a ética e a filosofia social do Budismo, nós estamos tentando dar uma resposta à pergunta “o que nós deveríamos fazer...” Agora alguém poderia levantar a questão de como nós podemos evitar fazer o que é chamado de “mau” e cultivar o que é chamado de “bom” a não ser que os seres humanos tenham liberdade de fazer isto. Se todas as nossas presentes ações, escolhas e decisões forem estritamente determinadas pela nossa constituição psicofísica, que é parcialmente hereditária, pelas nossas influências ambientais, pelo nosso passado psicológico ou por todos esses fatores juntos. Como é possível para nós abstermo-nos do mal e fazer o bem? A mera possibilidade da nossa abstenção de fazer o mal e fazer o bem, portanto, depende do fato de que nossas escolhas e decisões não são estritamente e totalmente determinadas por tais fatores e nesse sentido são “livres”. Assim, declarações éticas tornam-se significantes somente se existe uma liberdade humana nesse sentido. (COHEN, 2008, p.138)

Os preceitos morais budistas – além de orientarem no sentido de sermos cuidadosos e atentos naquilo que dizemos – exigem, também, que nossas ações sejam éticas, pois “se uma pessoa fala ou age com uma mente impura, o sofrimento segue-a como a roda que segue o pé do boi.” (Dhp 1). Há uma relação direta entre o pensamento

correto e a ação correta, pois esta é comandada por aquele. E agindo corretamente a pessoa pode viver de modo correto.

“A ação correta é o comportamento ético que promove condições saudáveis dentro e fora de nós”, (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 117) sendo uma ação humana, pois a condição humana é a única que é capaz de trabalhar agindo eticamente pela saída de *samsara*. A correlação entre a vinda de Buda e a clareza mental dos humanos capazes de ouvir, entender e praticar seus ensinamentos constitui, para o Budismo, a única possibilidade da saída de *samsara*. (MONTEIRO, 2015) Ou seja: somos “afortunados por sermos seres humanos dotados de compreensão e capacidade de trilhar o caminho virtuoso do Dharma, e a ter a aspiração preciosa de atingir a iluminação para o benefício de todos os seres”. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 121)

Vamos encontrar muitos mitos em que o destino é simbolizado pelo tecido obtido do movimento do tear entre a trama e a urdidura. Destino não como destino inexorável, mas como resultado do intercruzamento entre as tendências herdadas – e isso aparece mais claramente desenvolvido na doutrina hindu e budista sobre o karma – e as ações escolhidas pelos seres a cada momento. O homem estaria entre a determinação (os impulsos condicionados e herdados) e a liberdade de escolher suas ações de acordo com sua consciência a cada momento de sua vida. (SHAKER, 2011, 265-266)

O Buda estabeleceu cinco preceitos, normas ou diretrizes de condução da vida de forma consciente e virtuosa que eram destinados tanto aos monges e monjas (*bhikkhus* e *bhikkhunis*), quanto aos seguidores leigos masculinos e femininos (*upāsaka* e *upāsikās*), quais sejam: não matar, não roubar, não se envolver em uma conduta sexual imprópria, não fazer depoimentos falsos, não fazer uso de substâncias tóxicas. Essas cinco interdições ou *parajika* são preceitos virtuosos tidos como guia para o comportamento ético, sendo bem verdade que os monges têm regras mais rígidas que laicas.

Os autores do livro *Dharma Verde* lembram a necessidade de se ler os preceitos através de uma hermenêutica teleológica progressiva, eis que nossa sociedade não tem semelhanças com aquela que existia ao tempo do início do Budismo.

O mundo de pesadelo que criamos teria sido impossível na época de Buda. Seria na verdade inconcebível. Pode-se dizer que, se tivéssemos seguido a ética do Buda, que valoriza o princípio da não violência e da simplicidade a civilização

humana não teria se tornado o vírus letal que é hoje para todo o planeta. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 23)

E dizem ainda: “Precisamos ter a coragem de examinar tanto nosso estilo de vida urbano quanto o rural, e ver se ele está de acordo com a moral ou, como acreditamos, precisa passar por uma reforma urgente.” (*idem*, p. 23) Os autores relembram o conselho de Buda à Rahula sobre a não-ação, para diferenciar essa não-ação de qualquer passividade no cotidiano:

Ele *não* o aconselha a se abster absolutamente de qualquer tipo de ação, o que é impossível. Em vez disso, ele o aconselha a, antes de empreender qualquer ação com o corpo, primeiro a refletir repetidamente ou profundamente, sobre essa ação para determinar se ela aumentará o seu próprio sofrimento ou o sofrimento dos outros ou, é claro, se ela resultará em algo benéfico para ele próprio ou para as outras pessoas. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 58)

A reflexão sobre uma situação de modo intenso e repetidamente permite que a pessoa examine se a decisão a ser tomada é a correta ou se ela pode vir a trazer algum sofrimento, seja ao próprio agente, seja a terceira pessoa. Esse é o sentido da ação visando à preservação da paz, sendo que os autores lembram que o Buda compreende todas as ações, independentemente de sua dimensão, desde as grandes ações até as mais insignificantes, pois todas elas merecem uma análise cuidadosa, já que todas elas, se intencionais, geram frutos.

Contudo o Buda sabia que não podia impor essas regras estabelecidas para os monges aos seus seguidores laicos, adotando, então, para estes últimos um conjunto de regras mais brandas, mas para ambos é importante valorizar boas amizades, porque “coisas boas” provêm do agir amigo.

O Buda disse que coisas boas provêm de estar com bons amigos. Eles fazem com que manifestemos as nossas boas características. Tente evitar amizades ruins. Estas são aquelas que nos levam para a bebida, para o jogo e assim por diante, levando a situações danosas. (AKIÑCANO, s.d., p.39)

Também na UDV, a boa amizade é incentivada e a respeito os discípulos da UDV lembram uma música de Renato Teixeira: “A amizade sincera é um santo remédio. É um abrigo seguro”.

A) Não matar

Todos tremem diante da violência; todos temem a morte. Colocando-se no lugar do outro, não se deve matar, nem levar alguém a matar. Todos tremem diante da violência, a vida é querida a todos. Colocando-se no lugar do outro, não se deve matar, nem levar alguém a matar. (Dhp 129-130)

O Budismo defende não apenas o respeito pela vida humana, mas também o respeito por todas as formas de vida, insistindo no preceito do *ahimsa* (não-violência), que é uma das principais virtudes do Dharma. Esse respeito à vida acha-se relacionado à originação interdependente, na medida em que afirma que todas as coisas estão indissoluvelmente interconectadas, sendo mutuamente interdependentes; alcança também todas as formas de vida, que se acham relacionadas com a própria vida humana.

Incluem-se, portanto, os seres humanos e os animais. Feuerstein e Feuerstein (2011) incluem aí plantas e até os pequenos animais e microrganismos, citando textos mais ortodoxos que determinam que só se come a planta (fruta, folha ou raiz) quando esta cair ao solo, não havendo permissão para arrancar tais partes, ainda que para se alimentar. Citam, também, o hábito existente ao tempo de Buda de coar a água para evitar matar pequenos seres que ali vivessem. Outro relato desses autores lembra que Buda não permitiu queimar um pedaço de madeira para fazer fogo porque estava repleto de pequenos insetos e outros seres unicelulares.

A intenção é um fator essencial.

Por exemplo, se um *bhikkhu* só pretende varrer um caminho, mas acidentalmente mata formigas no processo, não existe ofensa porque não é deliberado. No entanto, mandar matar um animal, e conseguir que ele seja morto, é uma ofensa. Igualmente, se ele suspeitar que um animal foi morto para lhe fornecer comida, é uma ofensa comê-la. (BHIKKHU ARIYESAKO: 2013, p. 40)

Não matar é uma regra que tanto diz respeito a não tirar a vida de seres sencientes, quanto de não conspirar com outra pessoa para que essa o faça, tal como desenvolvido no Dharmapada acima. (Dhp 129-130)

A ação correta de respeito à vida permite o exame de situações em que avaliamos de que modo nos alimentamos, bem como usamos a terra, a água e o ar do planeta. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011)

Tratando do respeito à vida, Albert Schweitzer escreveu:

Os princípios éticos da reverência pela vida preservam-nos de deixar o outro acreditar, devido ao nosso silêncio, que não vivemos mais o que, como seres pensantes, precisamos vivenciar. Eles nos levam a manter mutuamente sensíveis ao que nos aflige e falar e agir em conjunto, assim como a responsabilidade que sentimos, nos leva a agir, e sem nenhum sentimento de timidez (...). (SCHWEITZER, *apud* FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 201)

Contudo, quando se trata de legítima defesa própria ou de outro ser não encontramos proibição, havendo inclusive uma parábola da vida de Buda, onde ele matou um remador que queria matar todo mundo: nesse exemplo o Buda escolhe a vida de muitos em detrimento da vida do remador.

B) Não roubar

Aquele que neste mundo nada tira que não lhe seja dado, seja isso longo ou curto, grande ou pequeno, bom ou ruim – a esse chamo de homem santo. (Dhp 409)

“Não tirar o que não lhe é dado” aplica-se a todas as coisas que possuam proprietário, não podendo qualquer necessidade (fome, doença, alimentar filhos etc.) ser justificativa para tal ação. Todo o roubo é condenado.

Segundo Buda, não podemos usar a escusa de estarmos famintos, doentes ou com vontade de manter aos nossos pais, mulher e filhos para roubar: todo roubo é condenado.

Tratando do respeito aos bens, Albert Schweitzer escreveu:

Na questão dos bens, os princípios éticos de reverência pela vida são francamente individualistas, no sentido de que a riqueza herdada ou adquirida deve ser colocada a serviço da comunidade, não por meio de quaisquer medidas tomadas pela sociedade, mas pela decisão absolutamente livre do indivíduo. (SCHWEITZER, *apud* FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 201)

Esta colocação leva à generosidade como conduta virtuosa espontânea. Joseph Goldstein (2005) diz que: “A generosidade decreta a qualidade da não ganância; é uma vontade de dar, de partilhar, de entregar”, enfraquecendo a força do apego e da avidez, que estão intimamente ligados, de sorte que o seu cultivo “oferece um antídoto muito forte à mente sequiosa, e seria um forte corretivo se tornado de uma forma generalizada em toda a nossa cultura.” (*apud* FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 163) Ou segundo o próprio Buda no Dhana Sutta ou “Generosidade”:

E qual é o tesouro da generosidade? É o caso em que um nobre discípulo permanece em casa com uma mente desprovida da mácula da avareza, espontaneamente generoso, mão aberta, que se delicia com a renúncia, devotado à caridade, deliciando-se em dar e compartilhar. A isto se denomina o tesouro da generosidade. (AN VII.6)

Na UDV, tratando desse tema, um dos Mestres Antigos (Raimundo Monteiro) diz que um dos ensinamentos do Mestre Gabriel é no sentido de que “quem tem sua riqueza, cuide bem dela”, fazendo bom uso da mesma, com generosidade. Todavia, essa riqueza não deve ser utilizada como instrumento de opressão do homem sobre o homem. (DMC, s/d)

No Budismo, o preceito de “não roubar” tem a ver com a generosidade, pois além de respeitar a propriedade alheia envolve a simplicidade no viver e a justiça e o bem-estar social, sem exploração dos demais para benefício próprio, pois o Buda fala aos seus discípulos que se alguém é generoso, tendo no pensamento recompensas, mesmo que espirituais, por sua doação ele não colhe grandes frutos ou grandes benefícios. Para resultar em benefícios a generosidade deve vir desacompanhada de desejo de retorno, mas percebida como “um ornamento para a mente, um suporte para a mente”, de sorte que ela se apresenta não contaminada por motivos menores. O contrário da generosidade é o egoísmo.

Na UDV há o ensinamento de “fazer o bem sem olhar a quem”.

A gente pensa assim:- eu fiz o bem. “Eu, tanto bem que eu fiz pra fulano e ele me pagou com o mal.” Desde a hora que ele diz assim, ele não fez o bem. Ele não fez o bem, porque tá se lembrando, que fez o bem. O bem é aquele que a gente faz e não sabe. Eu digo assim:- se eu já fiz bem a algum, ele que recebeu é que sabe. Quem recebeu o bem é que sabe se eu fiz. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Contam os Mestres Antigos que uma vizinha da Sede da UDV, em Porto Velho, tinha uma implicância com Mestre Gabriel e quando havia sessão ela colocava o rádio bem alto, no intuito de atrapalhá-la. Após uns dias houve uma fatalidade e essa senhora ficou viúva: os recursos de sobrevivência dela e dos filhos ficaram insuficientes. Diante dessa necessidade o Mestre Gabriel se dirigiu ao mercadinho da rua e pediu que todo o mês lhe fosse entregue um “rancho”, mas que o merceeiro não devia lhe dizer quem era o autor. Isto aconteceu até o desencarnamento do Mestre Gabriel. Quando a viúva

deixou de receber aquela ajuda, ela procurou o merceeiro e só então soube quem estava lhe auxiliando.

C) Não ter má conduta sexual

(...) Deixando os prazeres sensuais, sem apego, que o homem sábio se limpe das impurezas da mente. (Dhp 87-88)

A abstenção da conduta sexual imprópria é parte dos Cinco Preceitos. Embora o Buda pregasse para monges e monjas uma vida celibatária, ele não podia exigir tal vida dos seus seguidores laicos. Para os monges ele orienta uma vida santa: “ele vive uma vida celibatária, vive separado, abstendo-se da prática vulgar do ato sexual.” (MN XXVII:13, 13; DN II:45), indicando que isto também é parte de sua virtude.

Nesse sentido, “a ‘Vida Santa’ ou *Brahmacariya* é um fator que inibe a demonstração do desejo sexual através das ações e fala do bhikkhu”, sendo que a “primeira ofensa de todas as 227 regras listadas no *Patimokkha* se refere a um bhikkhu que se envolve num relacionamento sexual.” (ARIYESAKO. 2013, p. 43) em vários sutas isto aparece como “Derrota”.

Segundo Lenoir (2011, p. 61) como a “sexualidade é o desejo por excelência, e o desejo é o principal obstáculo no caminho do Despertar, ele proibirá sua prática aos que optarem pela via monástica”, ou seja, para os *bhikkhus* até mesmo a intimidade do contato físico, flertar, fazer insinuações ou propostas consistem em transgressões que exigem medidas de acompanhamento bastante complexas. Ter proximidade íntima com uma mulher, por exemplo, ficar sozinho com ela ou falar com ela em particular, também constituem condutas não apropriadas.

A palavra usada para intenções sensuais: (*otti.n.na*, literalmente “possuído por”) é bastante forte: ‘apaixonado, cheio de desejo, coração atraído’. Palavra também usada, *viparinatena cittena*, literalmente; ‘uma mente mudada para pior’, definida como obsessivamente apegada, corrompida, cega’ (Vin.III, 121). O Comentário define esta como uma mente com desejo sensual (raga). Portanto, chegar a um contato físico com uma mulher sem desejo sensual, tal como bater na mão de uma mulher acidentalmente durante uma oferta de comida, ou o contato feito ao tentar fugir do contato, não é uma transgressão. (HS cap.13). (ARIYESAKO. 2013, p. 44)

Como o objeto mais pujante para o desejo sexual está mais frequentemente associado com o sexo oposto, existem regras que envolvem esse relacionamento. Dessa sorte é que encontramos a determinação de “não ter uma má conduta sexual”, que não

implica na abstinência, mas numa prática salutar, todavia, essa abstinência é recomendada durante os *uposatha* (dias de abstinência). (LENOIR, 2011)

Se o sexo entre o homem e a mulher é correto, a atmosfera, o clima e a ordem social também são. Se o sexo é errado, o clima, a ordem social e a atmosfera se degradam. Para o leigo budista ter uma conduta sexual reta é necessário haver, também, boa comunicação, compreensão, respeito, bondade e amor entre os parceiros. Ou seja, a solidão ou o simples desejo por si só não podem conduzir a um relacionamento sexual.

Quem está dominado pelo desejo da satisfação proveniente do prazer sensual, tem a mente distraída e a morte o apanha em sua rede e o leva “assim como uma inundação poderosa leva de enxurrada a aldeia que dorme”, mas “percebendo que este corpo é como espuma, penetrando na sua natureza ilusória, e arrancando as flechas da sensualidade de *Mara* com flores na ponta, segue para além da visão do Rei da Morte!” (Dhp 46)

Conclui-se que para o Budismo, a sexualidade entre um homem e uma mulher deve ser justa, ordenada, lembrando que a ilusão pode deixar uma pessoa obcecada e, nesse sentido, ela pode, por exemplo, ter desejo por pessoa já comprometida, ter vários parceiros, faz sexo sem amor ou usando violência, ou mesmo sob o efeito de drogas e até praticar atos com alguém muito jovem, que ainda não adquiriu maturidade sexual, que são práticas sexuais não recomendadas no Budismo, pois a prática sexual desordenada determina uma desordem, inclusive cósmica, na medida em que dá origem à decadência da civilização.

Na UDV, quando o Mestre Gabriel esteve doente e precisou viajar para Fortaleza a em tratamento de sua saúde, deixou, entre outras recomendações, a de que os discípulos deviam ter respeito pelas irmãs, porque – segundo leitura dos Mestres Antigos – a conduta sexual sem responsabilidade gerava um plantio de espinhos.

D) Não ingerir substâncias tóxicas que podem anuviar a mente¹¹¹.

Quando examinamos a sociedade indiana em que Buda vivia e nossa sociedade atual, independentemente de qual parte do planeta está-se analisando, tem-se uma pletora de diferenças que podem ser percebidas num simples relance.

Quando fazemos uma retrospectiva histórica, podemos ver uma mudança progressiva do estilo de vida ecocêntrico simples da chamada cultura primitiva dos nossos primeiros ancestrais para a orientação antropocêntrica e, sim, egocêntrica da humanidade moderna. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 66)

Nessa diferença de mundo e de percepção do mundo destaca-se que “substâncias tóxicas que podem anuviar a mente” tem um significado ampliado e bem mais complexo, incluindo aí outros elementos como a alimentação e a bebida do dia-a-dia. As drogas por sua vez, incluem substâncias físicas, bem como, outras “virtuais” e emocionais.

Nesse sentido, o preceito se mantém atual, porque ele alcança qualquer substância capaz de anuviar a mente de uma pessoa, e nesse aspecto inclui, nos dias de hoje, alguns alimentos, bebidas e outras substâncias, pois a “ação correta” importa em elos de uma mesma corrente, onde não matar, não roubar e manter boa conduta estão intimamente ligados com a toxidade capaz de “anuviar a mente”.

Desse modo, comer e beber são atos que devem ser conscientes, evitando substâncias que causem mal a saúde, que sejam tóxicas, como, por exemplo, bebidas alcoólicas, cigarro e drogas, de sorte que se deve praticar o consumo consciente para proteger nosso corpo e nossa mente da ingestão de toxinas. Hoje, estudos realizados a respeito do uso de “açúcar beneficiado” chegaram a conclusão de que o mesmo se transforma em álcool no organismo e embora não cause “embriaguez” provoca um sentido de euforia bastante semelhante à ingestão de álcool.

Quanto à ingestão de álcool, que é uma droga permitida legalmente, registra-se no *Vinaya* uma história relativa a um discípulo budista que era muito obediente aos preceitos, mas que, depois de se tornar confundido pela bebida alcoólica, cometeu os

¹¹¹ Novamente remete-se aqui ao fato de que a UDV utiliza-se o chá Hoasca, para efeito de concentração mental. Sua ação no organismo será desenvolvida neste capítulo, mais adiante, mas, desde logo, adianta-se que os adeptos dessa religião, bem como, estudos farmacológicos (CALLAWAY et al., 1999; GABLE, 2007) e comportamentais (WILKINSON & DOURISH, 1991; FREEDLAND & MANSBACH, 1999) informam ser a mesma inofensiva à saúde, não causando anuviamiento, entorpecimento ou desequilíbrio da mente, nem dependência, mas um instrumento utilizado para a concentração mental.

quatro crimes graves de matar, roubar, ter uma conduta sexual imprópria e mentir, tudo isto no mesmo dia. Assim, beber bebida alcóolica anuvia a mente e o comportamento é alterado e pode destruir todas as virtudes, quebrando todos os demais preceitos. Todavia, não apenas as virtudes elencadas no Dharma são destruídas, mas, também, a felicidade das famílias, as amizades, os negócios e o patrimônio.

Também nossas emoções e nossa mente devem ser protegidas de elementos que causem perturbação. Precisamos praticar o consumo consciente para proteger o corpo, a mente, e também a família e a sociedade. Essa preocupação não alcança apenas as gerações com que estamos convivendo, mas todas aquelas que virão após nossa passagem por essa encarnação: nós mesmos poderemos, num outro retorno a esse planeta, sermos prejudicados por nossas ações de consumo atuais. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011)

3.2.2. “Modo de Viver” correto

Não é o doce cheiro das flores, nem sequer a fragrância do sândalo, *tagara(i)*, ou do jasmim que sopra contra o vento. Mas a fragrância do virtuoso sopra contra o vento. Na verdade, o homem virtuoso atravessa todas as direções com a fragrância da sua virtude. (Dhp 54)

O modo de vida ou *sammā ājīva* correto está relacionado ao meio utilizado para adquirir a sobrevivência e “deve, acima de tudo, honrar o princípio da boa moral da não violência.” (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011, p. 117)

Os sutas ensinam que consiste em ganhar o sustento sem transgredir a ética, ou seja, não negociar com armas, escravos, carne, álcool, drogas ou venenos.

Bhikkhus, um discípulo leigo não deve se dedicar a cinco tipos de negócios. Quais cinco? Negociar com armas, seres humanos, carne, embriagantes e venenos. Esses são os cinco tipos de negócios aos quais um discípulo leigo não deve se dedicar. (AN V.177)

“E o que é modo de vida correto? Aqui um nobre discípulo, tendo abandonado o modo de vida incorreto, obtém o seu sustento através do modo de vida correto. A isto se chama modo de vida correto.” (SN XLV.8) Monges e monjas necessitam de quesitos básicos para sua sobrevivência, quais sejam, alimentos, roupas, hospedagem e remédios. Os mesmos são conseguidos através de doações, de sorte que este preceito indica que

eles não devem fazer pedidos exagerados, para não possuírem bens além dos necessários para provimento de suas necessidades básicas. (AKIÑCANO, s.d.)

Tal como já se afirmou, a sociedade atual, onde agora vivemos é bem diferente daquela onde vivia o Tathagata e onde ele pregava comportamentos éticos adequados ao seu universo espacial e temporal. Ocorre que, ainda que diferente, encontramos em nossa sociedade, passados tantos séculos a mesma necessidade de tratar do modo de vida correta, buscando uma ocupação que não prejudique outros seres vivos, sejam eles homens, animais ou plantas, ou até mesmo, o meio ambiente mineral. (FEUERSTEIN e FEUERSTEIN, 2011)

O modo de vida correto não significa apenas uma escolha pessoal, mas representa nosso carma coletivo, de sorte que, tanto empresas quanto indivíduos devem estar atentos para sua contribuição ao próprio *kamma* o que significa como seu cultivo de más ou boas ações vem sendo realizado: lidar com armas ou drogas, beneficiar-se do lucro fácil com atos violentos ou exploração da boa fé de outras pessoas não conduz a uma vida moral. (*idem*)

O Buda também ensina que os discípulos devem buscar ter um modo de vida equilibrado, em que suas despesas sejam condizentes com sua receita.

E o que significa manter um modo de vida equilibrado? É o caso em que um leigo, conhecendo a sua receita e despesa, mantém um modo de vida equilibrado, nem perdulário nem mesquinho, [pensando], “Dessa forma a minha receita irá exceder minha despesa e a minha despesa não irá exceder a minha receita”. Tal como um pesador ou seu aprendiz, ao segurar a balança, sabe: “Ela se inclinou para baixo este tanto ou se inclinou para cima este tanto”, da mesma forma, o leigo, conhecendo a sua receita e despesa, mantém um modo de vida equilibrado, nem perdulário nem mesquinho, [pensando], “Dessa forma a minha receita irá exceder minha despesa e a minha despesa não irá exceder a minha receita”. (AN VIII.54)

Ele reprime também “fazer profecias ou dizer a sorte” (DN II), sendo que o discurso *Os Frutos da Vida Contemplativa*, tido como “uma das obras primas do Cânone em Páli”, apresenta os ensinamentos como “retrato abrangente do método de treinamento Budista, com a ilustração de cada estágio do treinamento com vívidos símiles.” (DeGRAFF, 2013)

O modo de vida correto alcança, também, as pessoas que estão envolvidas com a arte, porque uma obra de arte (teatro, pintura, escultura, literatura etc.) pode refletir um

conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade, de sorte que cada autor deve ter o máximo de atenção para que sua obra reflita o amor e a compaixão com o próximo, que devem existir dentro do artista.

Desse modo, o meio de vida correto significa que a pessoa deve sobreviver através de uma atividade que permita seu desenvolvimento e o cultivo de boas ações.

3.3. No Abunã: “A gente age todos os dramas da vida”

Pra quem não quer se ajeitar a União do Vegetal é o pior lugar que existe. E também é o melhor pra quem quer seguir direito. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

A instituição União do Vegetal trabalha para a transformação positiva da pessoa, de tal sorte que conseguindo clarear sua consciência, ela possa desenvolver uma paz interior, e, assim, trazer uma paz ao seu mundo e daí ao mundo como um todo. Seu objetivo é, como vimos, o desenvolvimento das virtudes morais, intelectuais e espirituais. (LABATE, 2011; FERNANDES, 2011; ANDRADE, 2002, 1995)

Falando a respeito da religião, o Mestre Gabriel utilizou as expressões “caminho reto”, “retidão” e “caminho da consciência”, relacionando-os com a conduta virtuosa: “[A religião] Existe, foi criada, com o fim de seguir o caminho da retidão”, e quando uma religião se desvia é porque seus dirigentes deixam a moral de lado e, pouco a pouco, se distanciam do objetivo. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Começa por uma coisinha que num..., é uma coisinha sem importância. E entra outra sem importância e vai jogando o caminho reto pro lado, e vai entrando as coisinha [sic] sem importância. Quando for mais tarde, tá tudo pra outro lado. A retidão, só se faz dizer. (...) Então, a União do Vegetal é o único lugar que nós tem [sic] que conhecer a retidão, e pra nós conhecer a retidão, nós temos que ter moral, e temos que seguir com ela reto como é. Sem desviar coisíssima nenhuma. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Por isso as ações insignificantes que devem ser examinadas com tanto critério quanto as grandes ações, porque uma “coisinha sem importância” se junta à outra “coisinha sem importância”, ganhando um grande vulto e, depois de um tempo, tem-se uma mudança de rumo significativa.

No caminho de retidão, a prática se revela mais importante que o discurso, ou seja, no processo de transformação, agir é mais importante do que falar. Assim, o

discípulo deve inserir em seu viver o “amor à prática fiel e a constância nos deveres” e isto se manifesta:

(...) através do uso correto das palavras, da delicadeza, do combate ao mal sem ferir ninguém, do cumprimento das responsabilidades, constância, com dedicação aos deveres pela vida social e cidadania (...). Assim, idealmente o discípulo da UDV mostra fidelidade e constância nos deveres e responsabilidades (...) Busca ser mais lúcido (luz), mais paciente (paz) e dedicado ao amor (amor). (grifos do autor) (FERNANDES, 2011, p. 317)

Tratando especificamente dessa fidelidade à prática fiel (do bem) e dessa constância nos deveres, Mestre Gabriel diz:

O amor à prática fiel e a constância nos deveres estamos livres de todos os perigos. (...) Às vezes a gente cai no perigo por falta de constância nos deveres. Não é constante nos seus deveres, pode cair em perigo. Não tem à prática fiel, começa a praticar outra coisa infiel, pode cair em perigo. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Retidão é uma palavra constantemente utilizada nas administrações, inclusive dos denominados Mestres Antigos (CREMG) como, por exemplo: “tem que conhecer a retidão e prá nós conhecer a retidão nós tem que ter moral e temos que seguir com ela reta como é, sem desviar coisa nenhuma.” (Mestre Herculano do CREMG ¹¹²) Também em chamadas encontra-se referencia à retidão: “ (...) a **retidão** é a perfeição divina”, diz a chamada “Perambulando até chegar” (Mestre José Luís do CREMG). (DMC, s/d)

Nesse sentido, pode-se dizer que a UDV tem uma fundamentação ética porque se propõe a trabalhar com a educação do caráter do sujeito ensinando-lhe como dominar racionalmente impulsos, apetites e desejos; orientando sua vontade rumo ao bem e à felicidade. Esse sujeito, pela educação, torna-se, pouco a pouco, virtuoso. (FERNANDES, 2011)

Alasdair MacIntyre (2001) refletindo a respeito desse tema, nos diz que o amadurecimento moral exige primeiro uma reflexão a respeito do tipo de vida que se leva e, segundo, a construção de uma narrativa própria em consequência da qual as ações podem ser julgados como virtuosas ou não. Tudo isso em busca do pleno florescimento de uma ética baseada em virtudes. Pode-se dizer que na UDV, a reflexão,

¹¹² Trata-se de Francisco Herculano de Oliveira, um dos Mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG), também denominados Mestres Antigos.

o exame são facilitados pela ingestão do chá Hoasca. (FERNANDES, 2011; MOTTA; GENTIL, 2011; RICCIARDI, 2008)

O reconhecimento da natureza igualitária da condição humana explica o princípio norteador de que “o discípulo deve amar ao próximo como a si mesmo para ser merecedor do símbolo da União” que é Luz, Paz e Amor (CEBUDV, 2013, p. 19), sendo que em outro documento, denominado *Convicção do Mestre* – artigo publicado no Jornal *Alto Madeira* de Porto Velho-RO - tem-se que o Mestre Gabriel diz aos seus discípulos que destruimos o mal com “Luz, Paz e Amor”, ou seja, esse símbolo é relacionado ao “bem viver”. (DMC, s/d)

E, em outro documento, *Velando enquanto Dorme*, ele diz: “Afirmo que a União do Vegetal pratica e ensina exatamente o amor (...) extensivo aos seus semelhantes.” (CEBUDV, 1971) “O respeito às leis, a ética nas ações e palavras, a querência e a fraternidade expressas no tratamento de “irmãos” entre os sócios da UDV¹¹³, revelam os princípios norteadores dessa doutrina.” (MOTTA; GENTIL, 2011, p. 201).

Merece destaque o Boletim da Consciência em Firmeza, que estabelece em sua sexta parte: “Os Mestres e os Conselheiros são os responsáveis pelo Equilíbrio da União, sendo suas atitudes o espelho dos discípulos.” Tal determinativo é significativo, pois direciona que os graus hierárquicos mais altos devem dar exemplo de boa conduta para toda a irmandade. (FERNANDES, 2011; RICCIARDI, 2008)

Assim é que para ser convocado para o Quadro de Mestre (QM) ou para o Corpo do Conselho (CDC) da instituição, o discípulo deve “ser cuidadoso com suas palavras, conforme determina o Boletim da Consciência em Firmeza”; “não ter vícios ou costumes indesejáveis e/ou atentatórios contra a moral” e, também, “conhecer e procurar cumprir a Lei da UDV”. Tudo isso “será observado nos seus praticados”, sendo que essas práticas são observadas em diferentes âmbitos: família, trabalho e própria instituição.

Segundo os preceitos da UDV, a pessoa precisa sempre estar examinando a si mesmo “e desconfiar se está certo”, procurando o erro em cima de si. “Só em a pessoa dizer que não encontra erro em cima de si, já é um grande erro.” (MESTRE GABRIEL, DMC, s;d;)

¹¹³ Quando um Conselheiro da UDV, num momento de raiva, rejeitou ser chamado de irmão por outro discípulo, Mestre Gabriel o afastou do grau e todas as funções, inclusive da comunhão do Vegetal. (DMC, s/d)

Porque nós praticamos erro que queima muito mais de que uma brasa de fogo – Mas nós não conhece, não sente aquele queimor, não sente o tanto que ela queima. Mais adiante a gente vai sentir, mais adiante é que a gente vai sentir, que queima muito mais do que uma brasa de fogo. (*idem*)

Nesse sentido e por esses preceitos, algumas ações quando praticadas fazem o outro sofrer, porque causam dor “que queima mais que uma brasa”. Existem, segundo a doutrina do Centro, dois modos de evitar o pecado: um é não praticar coisas erradas, o outro, é se “se livrar”, pelo arrependimento, ou seja, “encontrar um jeito de ser perdoado, e só tem um jeito pra ser perdoado, é sentir a dor do que faz. De outro jeito não é. A gente sentir a dor que fez errado.” (*idem*)

(...) porque o que faz a gente livrar do pecado, é não pecar. O que faz a gente ficar livre do pecado é não pecar. E aquele que pecou, que errou, ele pode ficar livre daquele erro, quando ele conhecer que aquilo é um erro, e que ele prometer dentro de si, a si mesmo, perante a Deus, de não errar. Porque sentiu a dor daquele erro, sentiu que aquilo é doloroso, aí ele será perdoado. O perdão só vem pela dor. Quando a agente sente a dor pelo erro que fez, é perdoado. Não é por outro jeito, ninguém pense que o perdão vem por outro jeito de a gente pedir: me perdoe – não. Se a gente errar, já sabe. (*idem*)

Agir “os dramas da vida” implica, também, em relacionamentos, na vivência com o outro. Nesse cotidiano, o bom convívio semeia amizades.

O bom convívio
Fertiliza os jardins:
Flores, frutos e afins (EVANGELISTA, 2008, p. 83)

Voltando aos argumentos de Aristóteles, podemos identificar duas razões para abordar esse tema: “A amizade é uma virtude (...) além do que constitui uma das exigências mais imprescindíveis da vida”. (2014, p. 289)¹¹⁴. Mais adiante ele escreve: “E a amizade não é apenas indispensável como também nobre em si mesma” (2014, p. 290), estabelecendo que para as pessoas serem consideradas amigas elas devem ter boa vontade recíproca e desejarem o bem uma da outra.

Retomando os ensinamentos de Buda, ele afirma que o bom amigo traz e incentiva as práticas positivas, daí porque devemos nos associar com pessoas boas e sábias, evitando aquelas que são tolas ou imprudentes. (SN, XLV.84)

Na UDV, na “Chamada do Amigo”, o Mestre Gabriel define que “Um amigo verdadeiro é uma luz a nos guiar” e numa administração a respeito desse tema ele diz que o verdadeiro amigo é sincero:

Eu vejo muitos (...) em muita parte: “eu sou amigo de fulano, vejo ele errado, eu não chamo a atenção porque sou amigo dele.” Que qualidade de amigo é esse? Dessa qualidade de amigo eu não quero nem saber. O amigo é aquele que quando vê um errado, chama, mostra que ele não tá certo, que é pra ele amanhã ... ele tem que saber que ele é amigo. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Ele também faz uma reflexão a respeito da ligação entre amizade e justiça, dizendo que justiça só é boa quando começa pelos de casa, pelos parentes, pelos amigos.

E pra me acompanhar, pra seguir comigo, tem que seguir é direito. Tem que seguir é direito, porque torto não segue, e eu não acoito a tortura em canto nenhum, porque eu sou a realidade. Seguir pela realidade. (...) Então, eu sou o amigo, de todos, mas nenhum pense que eu sou o amigo pra deixar ele torto e apoiar o erro dele, porque não. Eu tenho que¹¹⁵ ... tou é dentro da justiça, e se eu chegar um dia a sair da justiça, tenho que sair da terra. (*idem*)

O guia espiritual da instituição diz: “Porque o que é errado é errado, e o que é certo é certo. O certo não pode ser errado, e nem o errado pode ser certo.” E mais

¹¹⁴ Aristóteles (2014) trata do tema nos livros VIII e IX de Ética a Nicômaco.

¹¹⁵ As gravações foram feitas ainda no sistema de tapes e depois degavadas. Muitas palavras não foram entendidas, deixando vazios nas gravações.

adiante, continua: “Ou nós seguimos direito, ou seguimos torto. Nós seguindo torto não sabe pra onde é que tá indo, não sabe pra onde é que tamo [estamos] levando.” (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

Buscando subsídios em Aristóteles, aprende-se que se pode errar de muitos modos, ao passo que agir retamente só é possível de um único modo. Nesse sentido, o excesso e a falta são próprios do vício, enquanto a mediania é própria da virtude: pode-se ser mau de variadas maneiras, mas existe apenas um modo de ser bom. (ARISTÓTELES, 2011)

Tem-se, então, que também para ele o bom hábito chama-se virtude e o mau hábito chama-se vício, sendo que tal qual a virtude, os vícios também são hábitos e como tal adquiridos conforme nossa vontade e nossos atos (ARISTÓTELES, 2011). Segundo a doutrina da UDV, seu trabalho espiritual centra-se no sentido da aquisição, fortalecimento e perpetuação dos bons hábitos e bons sentimentos. (FERNANDES, 2011)

3.3.1. A Religião do sentir

O que estamos nós fazendo nessa religião do sentir, com encantos, mistérios, caboclos e imigrantes pra ensinar nosso modo de vida às novas gerações? (BARATIERI, 2015)

A religião hoasqueira é definida por seus seguidores como sendo a religião do sentir, nesse aspecto, agir corretamente está ligado ao sentimento: as pessoas com sentimentos ruins e que se deixam dominar por esses sentimentos agem erradamente. É necessário, então, além da firmeza no pensamento, trabalhar no sentido de limpar o coração para poder agir corretamente. (FERNANDES, 2011; MOTTA & GENTIL, 2011)

José Gabriel da Costa, nascido nessa sociedade propensa a hibridismos, plena de plasticidade e inclusividade, elabora uma nova religião que também é “doce”, na medida em que privilegia o sentir e propicia ao indivíduo espaço para que ele próprio construa suas reinvenções criativas. (BRISSAC, 2002, p. 541)

Em várias “chamadas” aponta-se para a necessidade dessa limpeza no coração, principalmente “limpar as mágoas”, ou “má + água”. Cícero Fernandes (2011, p. 271 e 297) coletou em seu Diário de Campo o seguinte depoimento:

Falou-se em como se livrar das mágoas. Que se deve examinar os próprios sentimento e se vê que se sentiu magoado por alguém, procurar a pessoa e falar com ela. Muitas vezes a pessoa que magoou nem se deu conta do que fez; e assim, vai desfazendo mal-entendidos e limpando as mágoas. (DC 06-06-2010)

É importante a firmeza no pensamento e a limpeza no coração. Não se guardar mágoas ou sentimentos ruins. A firmeza no pensamento tem ligação com a limpeza no coração. Quanto mais limpo o coração mais equilíbrio a pessoa tem e mais firmeza no pensamento. (DC 16/05/2010)

Segundo os ensinamentos da UDV, existe o “melindre” ou “melindro”, que consiste na facilidade de se magoar. Há um constante alerta, na necessidade de prestar atenção e distinguir o sentir da hipersensibilidade, pois esta impõe um desequilíbrio. (*idem*)

Os sentimentos positivos são valorizados, enquanto que os sentimentos negativos são desaconselhados. Assim, no Boletim da Consciência em Firmeza consta que “Quarta Parte – Um irmão, dentro da firmeza, não guarda ódio nem rancor de seu irmão, para que não venha sofrer nenhum desaire.” Ou seja, o discípulo que guardar ódio de outrem perde a honra, envergonha-se. (DMD, s/d)

Segundo o Mestre Gabriel, o ódio distingue-se da raiva, pois esta é mais passageira, sendo uma força que pode atingir qualquer pessoa e está sujeito a leva-la a pessoa a uma loucura momentânea e a práticas indesejáveis:

A) Não matar; não roubar

(...) porque o que faz a gente livrar do pecado é não pecar..
(GABRIEL, DMC, s/d)

Na UDV, não há regras específicas a respeito de não matar e não roubar, todavia, o ensinamento de “amar ao próximo como a si mesmo” traz para a vivência dos discípulos que nada do que ele não deseja para si, deve ser praticado contra o próximo. (CEBUDV, 1989) Na *Convicção do Mestre*, fazendo uma reflexão a respeito de si mesmo, Mestre Gabriel diz: “Oh! Deus do Universo. derramai sobre mim tudo o que eu desejar no meu coração aos meus inimigos”, o que vem de encontro o ensinamento do amor ao próximo. (DMC, 1967)

Segundo relatos dos Mestres do CREMG, ou seja, daqueles primeiros mestres da UDV, Mestre Gabriel disse em diversas sessões que não estamos na Terra para ser mortos por ninguém, porque a vida como ser humano é rara e deve ser preservada o máximo possível.

Consta de um dos *Boletins* (*Boletim da Consciência Conservando a Tranquilidade dos Filiados do Centro*) a proibição do uso de arma no âmbito do Centro: “É proibido ao discípulo apresentar-se no âmbito do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal portando arma de qualquer espécie” (DMC, s/d). Este Boletim foi criado pelo Mestre que ficou responsável pela instituição (Raimundo Monteiro de Souza), após a morte do Mestre Gabriel. Diga-se que os primeiros sócios eram, em sua maioria, pessoas oriundas de seringais, pessoas que costumeiramente andavam armadas, seja com armas de fogo, seja com armas brancas.

Também é proibido infringir a ordem pública com a prática de roubos, ou com o consumo de tóxicos ou realização de transações ilícitas, conforme dispõe o art. 45 Estatuto do Centro (2012, p 75), sendo o afastamento do âmbito do Centro, a penalidade imposta àqueles que praticarem tais atos.

Em resumo, o Estatuto do Centro dispõe que será afastado o sócio que:

- I. fizer desacato ao Centro ou prejudicá-lo em seus interesses;
- II. provocar distúrbios;
- III - provocar discórdia ou ferir o decoro do Centro na pessoa de seus dirigentes;
- IV. infringir a ordem pública com a prática de roubos, consumo de tóxicos ou transações ilícitas devidamente comprovadas;
- V. desrespeitar as Leis do Centro. (CEBUDV, 2012)

B) Uso de drogas de qualquer espécie

Padrões morais e éticos de comportamento em tudo semelhantes aos existentes e recomendados em nossa sociedade, por vezes até de um modo bastante rígido, são observados nas diversas seitas [ayahuasqueiras]. Obediência à Lei pareceu sempre ser ressaltada. (Karniol e Seibel, *apud* SÁ)

Em consequência da busca da transformação moral do ser humano, na UDV: “Os vícios sejam eles materiais ou de comportamento são considerados atributos da força negativa, daí a necessidade de se limpar das impurezas de qualquer natureza,

material ou espiritual”, porque, segundo os seguidores dessa religião, os vícios atrapalhariam a evolução espiritual do ser. (RICCIARDI, 2008, p.47)

Por outro lado, o próprio Mestre Gabriel diz a respeito de sua vida: “Fui um grande malfeitor, já bebi cachaça, já andei no baixo meretrício, já andei armado e mal intencionado, já derramei sangue de meus irmãos, pensava em desordem, desejava o mal e desconhecia o meu Grande Deus.” (DMC, 1967) Também os Mestres Antigos dizem que ele, no início da UDV, fumava. Contudo, em seu próprio relato, passou a tirar “os irmão do abismo em que [ele] vivia”. (DMC, 1967)

Como já se noticiou, o Estatuto do Centro estabelece no seu art. 45, inciso IV, que será afastado o discípulo que “infringir a ordem pública com (...) consumo de drogas” (2012, p. 75) Algumas substâncias, entre elas o álcool, o tabaco e demais drogas são encaradas como possuidoras de uma carga energética negativa, trazendo problemas para a evolução espiritual do indivíduo. Existem muitos relatos, entre os sócios, de pessoas que abandonaram vícios após iniciarem sua caminhada na UDV (FERNANDES, 2011; RICCIARDI, 2008) Os hoasqueiros entendem que essas substâncias são instrumentos da ilusão, que impede a percepção da realidade. Dessa sorte, os vícios devem ser evitados, pois são instrumentos dessa ilusão. (RICCIARDI, 2008)

No Boletim da Consciência em Reforma consta: “Toda pessoa que quiser fumar deverá se levantar de seu lugar e fazê-lo afastado do Salão do Vegetal.” De todo modo, ainda que desaconselhado¹¹⁶, a opção pelo seu uso é respeitada, sendo bem verdade que o discípulo para chegar ao Corpo Instrutivo deve ter abandonado o uso do cigarro. O Mestre Gabriel disse aos seus discípulos que os efeitos das substâncias tóxicas existentes no cigarro ficam registrados e permanecem no sangue até a terceira geração, ou seja, prejudicando filhos e netos. (CREMG, DMC, s/d)

Tratando da questão do uso de bebida alcoólica, tem-se no Regimento Interno: Artigo 17 – “O associado que for encontrado em visível estado de embriaguez será advertido pela Representação e, em caso de reincidência, será punido por desobediência”, sendo os Mestres orientados no sentido de cumprir rigorosamente o que determina o artigo.

¹¹⁶ Na UDV existe uma história que conta a origem do cigarro.

Por este documento parece que o uso do álcool é tolerado, havendo punição apenas para o abuso, todavia a doutrina da UDV considera seu uso incompatível com o desenvolvimento moral, sendo bem verdade que o discípulo para chegar ao Corpo Instrutivo deve ter abandonado o uso de bebidas alcoólicas, bem como o de drogas de qualquer espécie.

Nesse sentido, Mestre Florêncio, um dos mestres do CREMG, numa *Administração* reflete a respeito desse tema.

(...) porque o amigo não chama o outro pra beber. O amigo chama o outro pra tomar uma sopa, pra tomar um vento fresco, se alimentar, tomar um banho. Isso é que o amigo chama. Chama ele do abismo, não colocando no abismo. “Meu amigo venha tomar uma batida”. Mas que qualidade de amigo é esse? O nome tá dizendo – batida (...). (CEBUDV – DMC, s/d)

O interdito em relação à bebida (e outras drogas) existe desde o início do CEBUDV e segundo reportagem da Revista O CRUZEIRO (1971)¹¹⁷: “o consumo de álcool é terminantemente proibido na União. O sócio não pode comparecer à sessão depois de ter ingerido bebida alcoólica”. Tal interdito está relacionado ao cuidado do corpo e à transformação que ocorre cotidianamente, responsável pela evolução espiritual.

O discurso do cuidado com o corpo subsidia a proibição ao uso de “drogas” e o consumo de bebidas alcoólicas, entre outros “vícios” – ao infrator dessas normas ou princípios podem ser aplicadas sanções que são: a advertência disciplinar, o afastamento temporário e o afastamento definitivo. (RIBEIRO, 2009, p. 72)

Também em *Velando enquanto dorme* – publicação feita no Jornal O Guaporé¹¹⁸ – o Mestre Gabriel indica que o discípulo “efetivo”¹¹⁹ após um determinado período convivendo no Centro, está “isento” de frequentar bares, casas de jogos, de prostituição e outros lugares que sejam prejudiciais à formação moral do homem.

Todavia, merece destaque que os discípulos da UDV – tal como em outras religiões hoasqueiras – bebem um chá denominado Hoasca:

¹¹⁷ Texto do jornalista Joarez Ferreira.

¹¹⁸ Este artigo foi publicado em 16 de julho de 1971, como resposta a um sermão feito pelo Bispo D. João Batista Costa (já falecido), que exerceu o governo da Prelazia de Porto Velho de 1946 a 1982 (ANDRADE, 1995).

¹¹⁹ O entendimento interno de “discípulo efetivo” é aquele que percebendo que os ensinamentos doutrinários trazem benefícios para sua vida, os adota, incorporando-os ao seu praticado.

Artigo 1º - Parágrafo Único – Para efeito de concentração mental, os associados, de sua livre e espontânea vontade bebem um chá, Hoasca, que é a União de dois vegetais, o MARIRI e a CHACRONA, comprovadamente inofensivo à saúde.

Tal questão merece ser destacada porque o Budismo quando trata do agir correto estabelece que:

Um leigo que escolheu praticar este Dhamma **não deve entregar-se ao vinho, álcool e outros embriagantes**. Ele não deve ingeri-los nem encorajar que alguém o faça; percebendo que isso causa a negligência. Através da embriaguez pessoas tolas realizam atos ruins e prejudiciais e provocam outras pessoas negligentes a fazer o mesmo. Ele deve evitar a embriaguez, essa circunstância para o demérito, que estupefaz a mente, o prazer de pessoas tolas. (SN II.14) (grifo meu)

Isto significa que o interdito budista diz respeito a substâncias embriagantes, ou seja, drogas que afetam a mente e comprometem a boa conduta. Cabe questionar se a hoasca se insere nesse interdito. Muitos estudos (bioquímicos e farmacológicos, sociais, psicológicos, etnográficos etc.) apontam que não¹²⁰. Também os sócios da UDV entendem que não, porque a consideram uma bebida sagrada.

A *ayahuasca*, também conhecida pelos nomes de *caapi*, daime, *yajé*, *natema*, vegetal e hoasca, é uma bebida sacramental, de uso ritual, composta pela união de duas plantas primordiais: o caule da *Banisteriopsis caapi* [Morton] e as folhas da *Psychotria viridis* [Ruiz & Pavón]. (SANTOS, 2007; SÉRPICO & CAMURÇA, 2006; CALLAWAY & GROB, 1998) “Comprovadamente inofensiva à saúde¹²¹. (DMC, 1989)

¹²⁰ Estes estudos podem ser conferidos em Labate, Rose & Santos, 2008.

¹²¹ Esta afirmação foi feita por Mestre Gabriel, na década de 60.



Figura 19. Representações botânicas do *B. caapi* e da *P. viridis*

Fonte: LIMA, 2009: p. 6

Essa bebida, cujo uso ritualístico é legalmente autorizado¹²², é utilizada desde tempos pré-colombianos e entre os hoasqueiros – aqui entendidos em sentido amplo – existe um consenso a respeito da ação do chá nos usuários, evidenciando a relação entre o chá e a melhora da conduta moral: muitos membros da UDV relatam que antes de se iniciarem na religião tinham comportamento impulsivo, desrespeitoso, raivoso, agressivo, opositor, rebelde, irresponsável, alienado, fracassado, entretanto, avaliações de diagnóstico psiquiátrico revelaram que ao iniciarem o uso da ayahuasca tais desordens remitiam sem recaídas. Além da total descontinuidade do abuso de psicoativos, os sujeitos enfaticamente afirmaram que sua conduta diária e orientação para o mundo a sua volta tinham tido radical reestruturação (GROB et. al., 2002; 1996).

¹²² O uso ritualístico da Hoasca é garantido, no Brasil, pela Resolução n. 04 do CONAD, elaborada pelo “Grupo Multi-disciplinar de Trabalho para os estudos da Ayahuasca”, criado em 2006, por ocasião do “Seminário da Ayahuasca”, em Rio Branco do Acre.

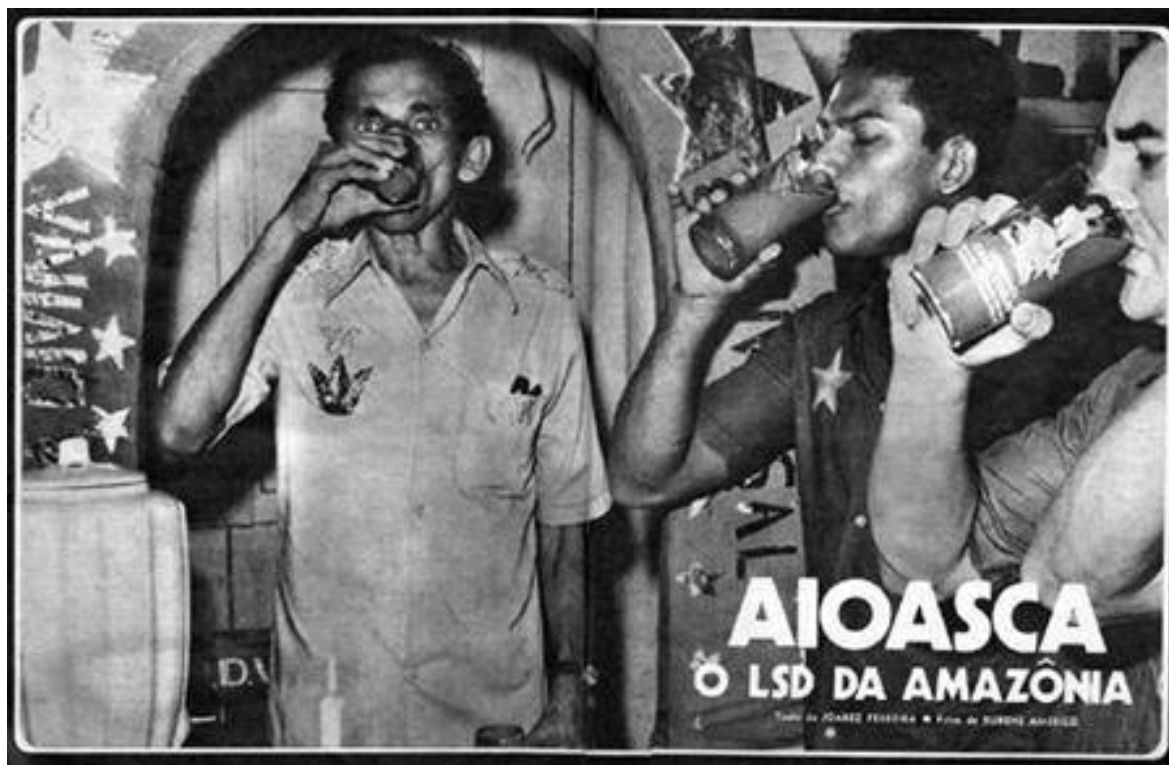


Figura 20. Foto da reportagem da Revista “O Cruzeiro”¹²³

Fonte: DMC, s/d

Na foto acima, retirada de uma reportagem da Revista “O Cruzeiro”, vemos a Hoasca sendo denominada “LSD da Amazônia”¹²⁴. Todavia, estudos mais recentes determinaram que essa bebida fosse caracterizada como um enteógeno¹²⁵, neologismo que significa “Deus dentro” (WASSON, HOFMANN e RUCK, 2012; WASSON, RUCK e KRAMRISCH, 1992) e que diz respeito às “plantas professoras” ou plantas reverenciadas pelo homem pelo seu potencial, pela sua habilidade de impor respeito.

¹²³ Na foto de Rubens Américo Luz (1971) vê-se o Mestre Gabriel e os discípulos com uniforme, sendo que estes discípulos são dois mestres que receberam a estrela de mestre, das mãos de Mestre Gabriel. Também há a presença do Arco com os dizeres: “Divina Estrela Universal”. Pelo que consta, trata-se aqui do primeiro arco feito de cipó e tecido por Mestre José Luís de Oliveira (mestre do CREMG). Posteriormente, foi feito outro em madeira, por um discípulo de apelido Gia, sendo os dizeres colocados em ordem diferente: “Estrela Divina Universal” e “UDV”. Este novo modelo é o utilizado em todos os Núcleos e DAs da UDV.

¹²⁴ O LSD é uma substância que causa alucinação. Contrário a isso, um dos médicos-psiquiatras integrantes do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), responsável pela Resolução n. 04 do CONAD, que regulamentou o uso religioso da Hoasca no Brasil, concluiu que “Ampliar a consciência não significa ter alucinação em seu sentido pejorativo”, pois a “ampliação da consciência” significa alcançar um estado mental que permite uma reflexão profunda, semelhante à **meditação**, enquanto a “alucinação” é uma percepção alterada da realidade. (ALMEIDA, 2010, p.1)

¹²⁵ Enteógeno ou enteogênico vem do inglês *entheogenou* ou *entheogenic*, (*entheos* = deus dentro). A palavra foi proposta por um comitê de pesquisadores chefiado pelo professor Carl Ruck, com o intuito de diferenciar algumas substâncias psicotrópicas relacionadas ao “êxtase divino” de outras substâncias qualificadas apenas como entorpecentes. (WASSON et al, 2010). Encontra-se, desde setembro de 2007, na lista de novas palavras do *Oxford English Dictionary*. (ROBERTS, 2014) Também em GNERRE, FERREIRA, POSSEBON (2011, p. 60)

Esses autores priorizam a característica de o mesmo não causar nem “embotamento”, nem alucinação das percepções da realidade, mas um estado em que as alterações permitem uma percepção mais aguçada dessa mesma realidade¹²⁶. (WASSON *et all*, 2012; 1992; MACRAE, 1992)

C) Casamento, orientação sexual e procriação

O casamento pela União do Vegetal é a aliança entre um homem e uma mulher com o objetivo de constituição legal da família e convivência harmônica em busca da União Verdadeira. (BOLETIM REGULAMENTAR DOS DEPARTAMENTOS, Art. 17)

No contexto específico da UDV, pode-se dizer que a adoção do que se denomina internamente de “moral cabocla”, remetendo ao caminho da retidão, apresenta aspectos de uma moral hoje tida como “conservadora”, na medida em que adota o tripé trabalho, família e religião, estabelecendo a família nuclear heterossexual, monogâmica como célula da sociedade. Esse aspecto tripartite (família, trabalho e religião) é que permite o ser humano ter condições de evoluir, no sentido do seu desenvolvimento espiritual.

Nesta questão a UDV não crê na alienação do mundo material como condição para a transcendência. É ensinado na UDV que o verdadeiro aperfeiçoamento espiritual vem sendo alcançado quando o cotidiano é percebido como uma oportunidade de aprendizado e crescimento. A função da transcendência na UDV não é a abstração do mundo e sim a aquisição da capacidade de conhecer o que antes não era percebido: o propósito sagrado de todas as coisas. (CARVALHO, 2005, p.16)

Sendo assim, determinados tipos de comportamento e de orientação sexual são desaconselhados, mas as escolhas são (ou deveriam ser) respeitadas, principalmente, com base no documento denominado *Convicção do Mestre*, porque é uma escolha da pessoa o caminho que deve trilhar e as flores que quer colher e, segundo este documento, “não podemos censurar” e “não podemos julgar”, valorizando a liberdade de escolha do indivíduo.

¹²⁶ São exemplos desse uso no universo ameríndio americano: o uso do cacto San Pedro ou *wachuma* (*Echinopsis* sp.) dos povos andinos; o rapé de pariká (*Anadenanthera* sp. e *Virola* sp.), usado tanto por curandeiros andinos quanto por pajés das tribos amazônicas; do cacto peyote (*Lophophora williamsii*), presente nas tribos da América do Norte e América Central; a planta trombeta, datura ou erva do diabo (*Datura metel* e *Datura stramonium*), utilizada entre os nativos mexicanos; a *jurema* usada pelos índios e caboclos nordestinos. (ALBUQUERQUE, 2007)

A questão da conduta sexual não é abordada nos documentos, exceto no que diz respeito ao casamento¹²⁷ e à constituição da família. A esse respeito existe o Boletim da Consciência Recomendando a Preservação da Moral e da Família.

Primeira parte – O Casamento na União do Vegetal é a união de um homem com uma mulher que decidem responsabilmente – por livre e espontânea vontade – ter uma convivência sincera, pacífica, amorosa e duradoura, constituindo-se assim a base familiar.

Mas não apenas isto, porque também se privilegia a concepção dentro do âmbito familiar: “recomenda que a procriação seja fundamentada na constituição da família.” (*idem*)

(...) na UDV tem essa importância da família (...). É justamente o fortalecimento das famílias, pra poder ter uma consciência e as pessoas poderem ter esse mundo melhor que todo mundo fala. Porque na UDV esse mundo melhor só vai acontecer, só vai se transformar a partir de dentro das famílias. Porque é dentro das famílias que é disseminado a educação, o respeito ao próximo, o amor ao próximo. E tudo isso com base nos ensinamentos que o Mestre Gabriel deixou; que o pai ensina pro seu filho, que ensina pro seu filho e é assim que um dia a gente pode chegar na paz. (CP2 – Flávia). (RIBEIRO, 2009, p. 72)

Diferentemente do Budismo¹²⁸, os Núcleos e as DAs são constituídos exclusivamente por pessoas inseridas no social.

O fato de a religião servir como fator de agrupamento e coesão social permite aos sócios experimentar o sentimento de pertença, do compartilhamento de crenças e valores comuns, reafirmado e vivificado nos rituais, onde as relações dentro da comunidade são reforçadas e a solidariedade grupal é enfatizada. A vinculação do indivíduo numa comunidade possibilita um reordenamento que facilita e viabiliza a experiências de cura, alívio e transformação. (RICCIARDI, 2008, p. 134)

Os dirigentes são, em sua maioria, casados, sendo tal posição exigida para a pessoa chegar ao Quadro de Mestre, tal como estabelece o Boletim Regulamentar de Convocações, no seu Artigo 2º, alínea “b”, apontando que um dos critérios para convocação ao Quadro de Mestres é o de “ser casado e ter boa convivência familiar”.

¹²⁷ A cerimônia do casamento religioso com efeito civil é normatizada no Boletim Regulamentar dos Departamentos, Capítulo IV – Do Departamento de Cerimonial Religioso.

¹²⁸

“Essa importância (e valorização) da família vem desde o (re)criador da religião, José Gabriel da Costa, que vivia em sua família e zelava por ela, incentivando o bom convívio do casal” (FERNANDES, 2011, p. 222). Ele era casado com Dona Pequenina (Raimunda Ferreira da Costa¹²⁹) e tinha 13 filhos: “Eu criei a União do Vegetal junto com a Pequenina.” (DMC, s/d)

Inicialmente, quero explicitar que descrever a União do Vegetal é, com algumas exceções, descrever um grupo de família. E os que chegam individualmente, (...) formam uma família na UDV e trazem parentes à UDV. (...) A própria concepção de união (...) é de que os espíritos vem encarnar em uma família, frutos da união de um homem com uma mulher. (FERNANDES, 2011, p. 216)

Mestre Gabriel considerava casado, utilizando o linguajar caboclo, quem “come feijão com arroz juntos, todos os dias”, tendo instituído a sessão de casal porque foi visitar um casal de sócios e chegando lá descobriu que o marido tinha saído de casa. Ele marcou uma sessão para os casais do Núcleo e desde aquela época a sessão de casal ocorre, geralmente, ao menos duas vezes ao ano, geralmente, em um quinto sábado do mês e, nestas sessões, só são tratados assuntos referentes ao relacionamento marido e mulher. (FERNANDES, 2011, p. 231)

A fidelidade é uma virtude incentivada, sendo exigida para determinados graus. Para ser convocado para a Direção do Núcleo (Conselheiro ou Mestre) o discípulo deve “manter exemplar conduta moral, profissional e familiar”. Se o discípulo – principalmente os pertencentes à Direção da UDV– cometer adultério ele é afastado da comunhão do Vegetal por um prazo de tempo necessário até que a situação se resolva, e seu retorno ao grau que ocupava antes é feito de maneira gradativa, tal como determina a Ata do Conselho da Representação Geral, hoje denominado de Conselho da Administração Geral (CONAGE).

DOCUMENTO: Ata de 11/09/1994 - Delibera que será afastado da comunhão do Vegetal, por tempo indeterminado, o Mestre, Conselheiro ou Conselheira que cometer adultério. A recondução dos mesmos ao Corpo do Conselho e ao Quadro de Mestres deverá ser feita de forma gradativa, no mínimo após três anos de afastamento do cargo, de acordo com o órgão respectivo. Responderá pela mesma falta o discípulo do Corpo Instrutivo, a critério do Mestre em Representação.

¹²⁹ Mestre Pequenina (1928 - 2016) recebeu a estrela de mestre das mãos do Mestre Gabriel.

Dentro dessa temática, os Mestres do CREMG contam que apareceu, na Sede, uma mulher que foi a uma sessão e, ficando “com segundas intenções para cima do Mestre”, inclusive, sentando-se de modo provocativo (CREMG – DMC, s/d). O Mestre Gabriel, durante a sessão colocou a seguinte música de Osvaldo Oliveira cantada por Jackson do Pandeiro:

O diabo quando não vem,/ Manda um secretário /Eu não vou nessa canoa, Que eu não sou otário /Eu reconheço que ela é muito boa, /Mas não vou nessa canoa que dá confusão. /Quando ela passa é provocando um desafio, /Sinto logo um arrepio no meu coração. /Eu não vou na onda nem no conto do vigário, /Que o diabo quando não vem, /Manda sempre um secretário. /O diabo quando não vem, /Manda um secretário /Eu não vou nessa canoa, /Que eu não sou otário /Quando ela chega na repartição, /É aquele rebuliço, é aquela confusão /Dá um sorriso e se senta na cadeira,/ Mas de uma tal maneira que eu vou te contar /Não vou na onda nem no conto do vigário /Que o diabo quando não vem, /Manda sempre um secretário.

Após a sessão, a mulher envergonhada foi embora e depois desse dia ela não voltou. Os Mestres Antigos relatam este e outros exemplos de fidelidade do Mestre para evidenciar sua importância para o desenvolvimento espiritual.

É bem verdade que as relações em todos os níveis da UDV, segundo Fernandes (2011) sofrem as influências da modernidade e das modificações sociais que ocorrem de modo acelerado. Assim, verificam-se em Atas, reuniões e sessões uma preocupação da Direção Geral da UDV com os casos de separações e reestruturações familiares que ocorrem. Diversos trabalhos vêm sendo realizados objetivando o fortalecimento das famílias.

(...) o lugar para todos que existe na UDV está ligado à concepção de busca de equilíbrio e do tripé religião, trabalho e família. Ou seja, as atividades realizadas nesta sociedade são o exercício prático desse tripé: são religiosas, são atividades de trabalho (mas não remuneradas) e as pessoas ou já estão dentro de uma família ou acabam formando uma família ou, mesmo no caso de não terem família, são tratadas como parte de uma família, a grande família da União do Vegetal, que considera também a humanidade como uma grande família. (FERNANDES, 2011, p. 315-316)

Os filhos – crianças e jovens – recebem da UDV um tratamento especial,

havendo a Orientação Espiritual (OE-UDV)¹³⁰, que tem como um de seus objetivos: transmitir e ensinar valores morais, criando hábitos de bem viver nas crianças e jovens. (FERNANDES, 2011, DMC)

Edson Lodi (2009), no informativo São Cosmo e São Damião¹³¹ diz que:

Imagino que um dos melhores presentes de aniversário que podemos ofertar ao Mestre Gabriel é a boa educação de nossos filhos, o amor e o constante exercício de ensiná-los o respeito, o amor filial e a religiosidade (...). (apud FERNANDES, 2011, p. 222)



Figura 21. Mestre Gabriel e primeiros discípulos¹³²

Fonte: DMC, s/d

Nesta fotografia, uma das primeiras da UDV, tem-se o Mestre Gabriel (com os braços abertos) num sítio, confraternizando com alguns discípulos e com a participação das crianças: alguns são filhos do Mestre Gabriel e outros são filhos dos sócios.

Numa pesquisa a respeito de adolescentes¹³³, os pesquisadores chegaram à conclusão de que os adolescentes da UDV declararam ter um relacionamento mais próximo com seus pais, quando comparado com o grupo controle (RIOS et al., 2011; SILVEIRA et al, 2011):

Em geral, parece que as diferenças, se é que existem, entre as respostas dos adolescentes da UDV e o *grupo de controle* são

¹³⁰ Em 11 de Novembro de 2007 foi autorizada a criação do Grupo de Trabalho do Ensino Religioso (GTER), sendo que o dia 26 de maio de 2013, o GTER foi elevado a novo patamar tornando-se Orientação Espiritual com Crianças e Jovens, passando a integrar o Departamento de Instrução e Doutrinação Espiritual da União do Vegetal.

¹³¹ Informativo do Núcleo “São Cosmo e São Damião”, Curitiba-Paraná.

¹³² Foto tirada por Cícero Lopes (CREMG, DMC, s/d).

¹³³ A pesquisa destinava-se a avaliar os efeitos do uso prolongado de ayahuasca no desempenho cognitivo de adolescentes, comparando os resultados com os obtidos em um grupo de controle formado por voluntários de escolas semelhantes as frequentadas pelos adolescentes da UDV, idade 15 a 19 anos, cidades de São Paulo, Campinas e Brasília.

poucas. Entretanto, o *grupo dos sujeitos* parece ser mais responsável, respeitoso e preocupado com o bem estar dos outros. Também menos inclinados ao confronto. Parece também uma melhor qualidade de vida doméstica., entre os adolescentes da UDV, comparada a de seus pares do *grupo de controle*. Comparados aos controles, os sujeitos demonstraram uma tendência a terem relacionamentos mais estreitos com seus pais, além de exibirem maior otimismo do que os *controles*. (RIOS *et al*, 2011, p. 137-8)

3.3.2. Modo de viver correto

A dificuldade é do tamanho da facilidade. (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d)

O trabalho é, como já se disse, um dos pontos que firmam uma pessoa na sua caminhada, eis que esta é sustentada pelo equilíbrio entre três aspectos do viver humano: trabalho, família e religião.

Mestre Gabriel, segundo os Mestres Antigos, tinha a respeito do trabalho um posicionamento firme, pois considerava que este trazia dignidade ao ser humano.

Certa vez, quando a União já tinha dezenas de sócios, alguns discípulos mais abonados, com o sincero propósito de auxiliá-lo, tiveram a ideia de lhe oferecer uma contribuição financeira mensal, que lhe permitisse dedicação exclusiva ao trabalho religioso.

Recusou em termos categóricos. Disse que o sustento de sua família era seu dever e de mais ninguém e que, enquanto tivesse saúde, continuaria trabalhando para cumpri-lo, independentemente da missão que desenvolvia na UDV. (FABIANO, 2012, p. 111)

A busca de uma conduta de moral reta também prevalece na escolha das profissões, sendo que no aspecto específico da comercialização de bebida alcoólica, tem-se a Ata de 13 e 14/03/2010 do CONACE, que estabelece:

Comercialização de bebida alcoólica por integrantes da Direção – o sócio que comercializar diretamente ou distribuir bebida alcoólica não poderá ser convocado ou reconduzido ao Quadro de Mestres e Corpo do Conselho; os que já estiverem na Direção, não poderão subir na hierarquia no Centro. (DMC, 2010)

O que se pode concluir a respeito do que a UDV ensina acerca de um modo de viver digno é que este está ligado às ações transformadoras de conduta. Budismo e

UDV possuem mais pontos de contato do que de dessemelhança, na medida em que ambas trabalham aspectos dessa transformação positiva da conduta.

Cícero Fernandes colheu o seguinte depoimento em sua pesquisa de campo:

Só depende de nós nos dispormos pelo nosso querer abrindo nosso coração, nos dando assim condições de penetrar nos ensinamentos do Mestre e fazer disso a nossa verdade, o nosso modo de viver. (...) Sempre tendo o olhar voltado para si e sua transformação, e a mão estendida para auxiliar a quem precisar. (Ilka Castro in CEBUDV – PNND, 2008b). (FERNANDES, 2011, p. 194)

Essa colocação feita por um discípulo da UDV poderia, sem desvirtuar os ensinamentos de Buda, ter sido feita por um discípulo do Budismo.

Especificamente, no que diz respeito ao modo de viver, na UDV, tem-se a *Convicção do Mestre*, documento lido em todas as sessões de escala da UDV, documento que estabelece um conjunto de ações que não devem ser praticadas pelos discípulos.

Podemos ser censurados por todos, mas não podemos censurar a ninguém; podemos ter inimigos, mas não podemos ser inimigos de ninguém; podemos ser ofendidos por todos, mas não podemos ofender a ninguém; podemos até ser julgados por todos, mas não podemos julgar a ninguém; podemos ser revoltados por todos, mas não podemos revoltar e nem ser revoltados por ninguém. (CEBUDV, 1967; DMC, s/d)

“Ofender”, “censurar”, “julgar”, “revoltar” e “ser inimigo” são ações que, segundo a doutrina do Centro, desobedecem aos ensinamentos de Jesus e são desaconselhadas porque “se nós ofendemos [alguém] por qualquer parte, desobedeceremos ao Divino Mestre.” (MESTRE GABRIEL, DMC, s/d/) Este entendimento é confirmado pela chamada do “Conselho”, na qual o Mestre Gabriel reitera essas palavras, estabelecendo o caminho de Deus como sendo o caminho da retidão:

Olha, olha verifica bem, o caminho de Deus o que é que tem. (...) Mesmo que seja ofendido, não queira ofender a ninguém; mesmo que tenha inimigo não seja inimigo de ninguém (...) (*idem*)

O certo é que a doutrina caminha no sentido da liberdade de escolha (“o plantio é livre”) e a hierarquização estabelece regras mais específicas em relação ao modo de viver, exigindo uma conduta exemplar (espelho).

Segundo o criador do CEBUDV, viver bem consiste em viver em união com os outros seres humanos, tornando-se, finalmente, “uma unidade”.

Verifica-se, aqui, que o Budismo foca o modo de viver em aspectos exclusivos da profissão escolhida, interditando algumas delas. A UDV também considera o trabalho como um dos pilares necessários ao desenvolvimento espiritual. Todavia, para ela, “viver bem” consiste também na prática de um conjunto de atos (não censurar, não julgar etc.) que importe num convívio mais harmonioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Não aceite nada do que eu fale como verdade, simplesmente porque eu o disse. Em vez disso, analise para ter certeza se o que prego é genuíno ou não. Se, após examinar meus ensinamentos, descobrir que eles são verdadeiros, coloque-os em prática. Mas não faça isso simplesmente por respeito a mim. (BUDA)

Não acreditem no que eu digo, só porque eu estou falando; examinem, examinem bem direitinho, pra mais na frente ver que eu estou certo. (MESTRE GABRIEL)

O estudo das Ciências da Religião tornou-se um fenômeno em expansão; muito se tem conseguido buscando esse “mesmo”, essa “identidade” que se estabelece em diferentes campos, sendo um deles estudado pela filosofia: a ética. Para atender ao objetivo comparativo da presente pesquisa, a dissertação foi estruturada em três capítulos: (1) aspectos do simbolismo, oralidade e memória presentes nas duas tradições estudadas; (2) como elas evidenciam a importância da palavra correta, acrescentando, o especificismo de “falar por dentro dos mistérios”, presente na doutrina udevista; (3) o desenvolvimento da ação correta e do modo de viver correto.

Independentemente do local e de datas de origem tão distantes entre si e dos elementos de divergência que reconhecemos existentes, o estudo a que nos propusemos da ética das duas tradições – Budismo e UDV– leva ao entendimento que o comportamento de moral reta é um componente essencial em ambas. O caminho espiritual apontado pelo Buda histórico quando realizou seu primeiro discurso, colocando a Roda do Dharma em movimento, tem na ética um de seus alicerces. A ética também é de extraordinária importância para a UDV, pois desde sua criação, o Mestre Gabriel passou a focar seus ensinamentos e doutrina na transformação positiva do ser humano.

Para proceder ao estudo comparativo utilizamos os ensinamentos dos passos 3 a 5 do Nobre Caminho Óctuplo, ou seja, **PALAVRA CORRETA; AGIR CORRETO; MODO DE VIVER CORRETO** de Moralidade (*sila*) e conclui-se que **O CAMINHO CONSISTE TAMBÉM – E PRINCIPALMENTE – NA VIRTUDE, NA PRÁTICA**

DAS VIRTUDES. A partir deles é que se procedeu a leitura do que a UDV afirma a respeito da transformação de conduta.

Dentro desse enfoque, observou-se que tanto nos textos budistas quanto nos ensinamentos da UDV existe uma preocupação com o uso da palavra. O Buda ensina que cultivar a palavra correta é importante: o cultivo abrange falar palavras que sejam verdadeiras, agradáveis de ouvir, com conteúdo e, ainda, benéficas aos demais, já que o que a pessoa diz pode ter um efeito intenso não apenas nos outros, como ainda pode afetar a sua própria evolução espiritual. O Mestre Gabriel ensina que “a palavra é quem traz tudo pra nós”, e, assim, deve-se ter cuidado para não proferir uma palavra “maldita”, além de evitar fechar portas pelas palavras ditas, bem como, sempre buscar “cobrir” palavras negativas com palavras positivas e que se deve “falar dentro dos mistérios”. Colocadas as especificidades de cada um dos líderes, o que se conclui é que cultivar boas palavras é importante tanto para o Budismo como para a UDV.

Também tanto nos textos budistas quanto nos ensinamentos da UDV existe uma preocupação com a ação correta. Agir corretamente significa evitar causar mal com a ação praticada. Sempre que um budista comete uma ação não-virtuosa, ele a direciona contra outro ser, mas também, contra o Buda, o dharma e a sangha, pois se afasta dos ensinamentos, sem buscar refúgio nas Três Joias. De modo semelhante, sempre que um udevista pratica uma ação não-virtuosa, diz o Mestre Gabriel, que é ele quem sofre: “quem me traz num grande sofrimento, que é os meus próprios discípulos. Eu vivo sofrendo a tanto tempo, porque só eu sei o tanto que eu sofro, quando um dá um coice, pensando que é na cara de um, pega é na minha.”

Com a prática da ação correta, evita-se machucar física, patrimonial e emocionalmente os outros por meio de ações. Não matar, não roubar, não ter conduta sexual imprópria, não fazer depoimentos falsos, não ingerir substâncias tóxicas que podem anuviar a mente são os principais comandos budistas direcionados aos leigos (para os monges e monjas existem outros preceitos além desses). A partir desses preceitos, buscou-se verificar como a UDV tratava a mesma matéria e concluiu-se que os pontos de contato são bastante expressivos: não matar, não mentir, não utilizar drogas e álcool são alguns dos comandos legislados. É certo que não existe um preceito específico a respeito de “não roubar”, todavia, essa prática é incentivada nas diferentes sessões realizadas nos Templos da UDV.

Repousa aqui, no que diz respeito à ética, o que tende a ser tido como uma diferença entre as duas religiões, pois os adeptos da UDV utilizam um chá milenar – *ayahuasca* – como instrumento facilitador da concentração mental. Todavia, como vimos em pesquisas, os seus usuários defendem que seu uso distancia-se do interdito budista, pois longe de anuviar a mente, traz mais clareza de consciência, facilitando a concentração e a meditação. Nesse sentido, apontamos – apenas a *voil de oiseaux* – que existem, hoje, pelo menos duas instituições religiosas nas quais os adeptos, se dizem hinduístas (Minas Gerais) e budistas (Rio de Janeiro) e, ao mesmo tempo, fazem uso do chá hoasca.

No que diz respeito ao “modo de viver” correto, encontramos não uma grande diferença, mas uma abordagem diferente, eis que para o Budismo foca-se na questão da escolha profissional, que deve observar padrões de dignidade e de amor ao próximo. Já o Mestre Gabriel embora também trate da dignidade do trabalho, estabelece que o modo de viver deve ser pautado por uma vivência em que o discípulo não ofenda, não censure, não julgue, não seja inimigo, não revolte ninguém.

Como já se adiantou, no Budismo existem regras mais rígidas para monges e monjas do que para os leigos. Na UDV existe o ensinamento de que “a escada se lava de cima para baixo” ou que a sua organização se assemelha a um funil invertido no sentido ascendente (a parte mais larga para baixo e para subir hierarquicamente as exigências se tornam maiores, “apertam”), significando que o erro praticado pelos discípulos da Direção (Mestres e Conselheiros) merece uma avaliação mais rígida do que aquele praticado pelos discípulos de grau hierárquico menos alto. Em outras palavras: aqueles que estão nos degraus mais altos da escada estão, também, na parte mais apertada do funil e para quem está nesses lugares a “peneira” é mais fina, a exigência é maior. (FERNANDES, 2011)

Tem-se, também, que segundo os autores estudados, quando o Buda se sentou debaixo da árvore Bodhi, na noite de sua iluminação, sua mente alcançou um nível de tal extraordinária clareza que, entre outras coisas, ele viu o padrão de causa e efeito em suas vidas anteriores, levando aos resultados experienciados em vidas posteriores. O conhecimento que adquiriu não era, portanto, teórico, mas prático, pois ele pôde perceber essa cadeia de causa e efeito do mesmo modo como se estivesse observando um padrão de cores ou de formas, oferecendo orientação de causa e efeito que molda suas vidas. O Mestre Gabriel, por sua vez, quando bebeu o chá Hoasca, relatou vir se

recordando de todas as suas encarnações, até o ponto de se dizer um “recordado” (DMC, s/d), ensinando aos seus discípulos a importância do plantio e da colheita, no desenvolvimento espiritual. Esse aspecto da importância da memória – tal como da oralidade na transmissão dos ensinamentos – encontra-se presente nas duas tradições.

Como ambos entendiam perfeitamente a relação entre passado/presente/futuro das pessoas, conseguiram auxiliá-las na caminhada do progresso espiritual, construindo-se nessa caminhada seja a libertação de *samsara* (Budismo), seja a salvação (UDV). Durante esse desenvolvimento, Buda e Mestre Gabriel ensinam aos seres humanos como desatar os nós que vem sendo enovelados durante as constantes idas e vindas dos seres em diferentes encarnações. Todavia, o que se verifica aqui é que tanto o Mestre Gabriel quanto o Buda não salvam ninguém. Tanto um quanto o outro ensinam “o que fazer”, “qual o caminho a ser percorrido” e o fazem pelo seu grande amor aos seres, eis que ambos se declaram libertos desse círculo vicioso. Portanto é a pessoa é que tem que fazer por onde se libertar da roda das reencarnações.

Não se buscou nessa pesquisa fazer uma comparação entre as figuras históricas do Buda e do Mestre Gabriel, ou entre o Budismo e a Religião hoasqueira como um todo. O que se pretendeu – foco da presente dissertação – foi estudar elementos da conduta moral reta e como ela é apresentada nessas duas tradições. Concluiu-se que no âmbito específico da ética (moral), o Budismo e a UDV tratam de uma reinserção de elementos virtuosos na vida de seus adeptos, em dois sentidos que se complementam: seus discursos e suas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAUURRE, Maria Bernadete Marques; GNERRE, Maria Lúcia Abaurre. O método e a liberdade: Aspectos da organização da linguagem e do pensamento na Índia Antiga. In: GNERRE, Maria Lúcia Abaurre; POSSEBON, Fabrício. **Cultura Oriental: Filosofia, Língua e Crença**. João Pessoa-Pb: UFPB, 2012. (v3)
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bossi e Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. **O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla: Um estudo centrado na União do Vegetal**. Orientador: Antônio Gouvêa Mendona. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião).
- ANDRADE, Afrânio Patrocínio. Contribuições e Limites da União do Vegetal para a Nova Consciência Religiosa. In LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs) **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Mercado Livre e FAPESP, 2002.
- ANDRADE, Dávila Maria Da Cruz. **Memória do Santo Daime na Paraíba: vinte anos de história ao som e na luz da floresta**. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Maria Lucia Abaurre Gnerre. UFPB/CE, 2014.
- AQUINO, Tomaz. **As virtudes morais – questões disputadas sobre a virtude**. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas – São Paulo: Ecclesiae, 2012
- AQUINO, Tomaz. **Onze Lições sobre a virtude: Comentário ao Segundo Livro da ética de Aristóteles**. Tradução de Tiago Tondinelli. Campinas – São Paulo: Ecclesiae, 2013
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2014
- BARATIERI, Rita. **A temática da vez. Orientação Espiritual com Crianças e Jovens – CEBUDV**. Disponível em <http://oe.udv.org.br/11/06/2015/9a-regiao/>, 2015.
- BARROS, Geovana Corrêa. **O Império do Beija-Flor**. Tese em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1986.
- BELZEN, Jacob A. **Para uma Psicologia Cultural da Religião: Princípios, enfoques, aplicação**. [tradução Jesé Luiz Cazarotto; Edénio Valle]. Aparecida SP: Ideias & Letras, 2010. (Coleção Psi-atualidades,12).
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; SIVA, Flavio Mesquita. Construindo o Mundo da Hoasca: a organização da União do Vegetal. In: BERNADINO-COSTA, Joaze. (organizador). **Hoasca: Ciência, Sociedade e Meio- Ambiente**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2011.
- BODHI, Bhikkhu. **Introdução ao Dhammapada**. Disponível em <http://www.acessoaoinsight.net/dhp/intro.php>, 2011. Acesso entre julho e agosto

de 2015.

- BODHI, Bhikkhu. **Sanga**. *Bhikkhu Bodhi's recorded lectures on Buda's Teaching As It is" in the Dharma*. Study Class. 10ª Lição. Disponível em <http://www.buddhanet.net/mp3/bhikkhu-bodhi/BT10A.MP3>. Acesso em agosto de 2015.
- BORGES, Jorge Luis; JURADO, ALICIA. *Qu'est – ce que le Bouddhisme?* Traduir de l'espagnol par Françoise Marie Rosset. Paris: Gallimard, 2014.
- BRASIL. **Ata de Reunião do Conselho Federal de Entorpecentes** – Confen. Publicado no Diário Oficial, Seção 1, N.º: 11467 Em 24 de AGO 1992. (Of. n.º: 157/92)
- BRASIL. **Ata de Reunião do Conselho Federal de Entorpecentes** – Confen. 5ª Reunião Ordinária (Realizada em 2 de Junho de 1992)
- BRISSAC, Sérgio. **A Estrela do Norte iluminado até o Sul: Uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 1999.
- BRISSAC, Sérgio. José Gabriel da Costa – Trajetória de um brasileiro, mestre o autor da União do Vegetal. In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002. (p. 525-541).
- BROCANELI, Pérola Felipette. **Matrizes Naturais e Matrizes Urbanas: limites e bordas na paisagem da cidade de São Paulo**. In: 4º fórum de Pesquisa FAU Mackenzie, 2008. Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/FAU/Grupos_de_Pesquisa/paisagem_paisagem_da_cidade/artigos_publicados/2008/BROCANELI.pdf. Acesso em 15 de Agosto de 2015.
- BUDDHIST DICTIONARY. Disponível em http://www.budsas.org/ebud/bud-dict/dic_idx.htm. Acesso entre agosto de 2014 e setembro de 2015.
- BURKE, Peter. **História como memória social**. In: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.
- BUSWELL, E. Robert. *Encyclopedia of Buddhism*. New York: MacMillan Reference Books, 2003.
- CALLAWAY, J.C.; MCKENNA, C.S.; GROB, G.S., *et al.* **Pharmacokinetics of Hoasca alkaloids in healthy humans**. In *Journal Ethnopharmacology* 65; 243-56, 1999.
- CALLAWAY, Jace C. Projeto Hoasca: um depoimento pessoal 15 anos depois. In BERNADINO-COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011
- CALLAWAY, Jace C.; GROB, C.S. **Ayahuasca preparations and serotonin re-uptake inhibitors: A potential combination for severe adverse interaction**. In *Journal Psychoactive Drugs*, 1998.
- CAMPBELL, J. **A imagem mítica**. Campinas: Papirus, 1994.
- CANELLA, Lídice da Costa Ieker. **Arte e Sagrado: A Simbologia do Lótus no Budismo Tibetano**. In Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR Juiz de Fora, MG, 15 a 17 de abril de 2015 (pp. 1702 -1716)

- CANELLA, Lídice da Costa Ieker. **As Viagens dos Vassalos do Rei Salomão ao Rio das Amazonas**. João Pessoa, 2014.
- CANELLA, Ricardo Elias Ieker. **Poéticas de um saber brincar: a vez e a voz do Fandango**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pelo PPGCS – CCHLA – UFRN - Natal, Brasil. Área de Concentração: Dinâmicas Sociais, Práticas Culturais e Representações. Orientação Prof. Dr. Luiz de Carvalho Assunção, 2009.
- CANELLA, Ricardo Elias Ieker. **A construção da personagem no João Redondo de Chico Daniel**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais pelo PPGCS – CCHLA – UFRN - Natal, Brasil. Área de Concentração: Dinâmicas Sociais, Práticas Culturais e Representações. Orientação Prof. Dr. Luiz de Carvalho Assunção, 2004.
- CARVALHO, Helder. **Hermenêutica e Filosofia Moral em Alasdair MacIntyre**. 2004. 528f. Tese (Doutorado em Filosofia)-UFMG, Belo Horizonte, 2004.
- CARVALHO, Helder. **Tradição e racionalidade na Filosofia de Alasdair MacIntyre**. São Paulo: Unimarco, 1999.
- CARVALHO, Tatiana Barbosa. **Em busca do encontro: a demanda numinosa no contexto religioso da união do vegetal**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro, 2005.
- CEBUDV (CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL). **Consolidação das Leis do Centro Espirita Beneficente União do Vegetal**. Brasília: Sede Geral, Centro de Memória e Documentação da União do Vegetal, s/d.
- CEBUDV (CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL). **Convicação do Mestre**. Artigo publicado no Jornal Alto Madeira. 1967.
- CEBUDV (CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL). **Estatuto**. 2012.
- CEBUDV (CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL). **Hoasca – Fundamentos e Objetivos**. Centro de Memória e Documentação. Brasília –DF, 1989
- CÓDIGO DE DISCIPLINA MONÁSTICA THERAVADA Compilado e explicado por Bhikkhu Ariyesako. Tradução de Bhikkhu Ariyesako em Agosto/1998. Disponível em http://sumedharama.pt/Codigo/Monastico_Guiapleigos.pdf. 2013. Acesso em Junho a agosto de 2015.
- COHEN, Nissim. **Dhammapada – a senda da virtude**. [Tradução do original pāli em versos. Edição bilíngue. Inclui: Notas, Glossário, Posfácio (a origem do Dhp; suas versões; a problemática da tradução; a língua pāli), Apêndices (estórias do *Comentários ao Dhammapada*; a métrica pāli e o Dhp; origem das estrofes do Dhp), Nota Bibliográfica, Índice de Tópicos (em português), Índice Pāli]. São Paulo: Editora Palas Athena, 2000.
- COHEN, Nissim. **Uma antologia do Canone Pāli**. São Paulo: Devir Livraria, 2008.
- COHEN, Nissim. Prefácio. In **Bramajala Sutta Digga Nikaya sutta**. Centro de Jacaréi-SP: Estudos Búdicos, 2001.

- COOMARASWAMY, Ananda; NIVEDITA, Ir. **Mitos e ritos hindus**. São Paulo: Landry, 2002.
- COOPER, J.C. *An Illustrated Encyclopedia of Traditional Symbols*. Livro Digital, Thanes & Hudson, 2012.
- CORTINA, Adela. *Para qué sirve realmente la Ética?* Barcelona, España: Paidós, 2013.
- COSTA e SILVA, Bernardino. *Construindo o mundo da Hoasca: a organização da União do Vegetal*. In BERNARDINO COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011.
- DAMATTA, Roberto. **Boatos e fuxicos**. In Estadão Digital. Caderno de Cultura. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,boatos-e-fuxicos-imp-1036774>. 29 de Maio de 2013. Acesso em 05 de junho de 2016.
- DARMAPADA: a doutrina budista em versos. Tradução do páli, introdução e notas de Fernando Cacciatore de Garcia. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2010.
- DAWSON, A. *New Era. New Religion: Religious transformation in contemporary Brazil*. Aldershot-UK: Ashgate, 2007
- DeGRAFF, Geoffrey (Tanissaro Bhikkhu). Introdução. In: **Samanaphala Sutta. Os Frutos da Vida Contemplativa**. Disponível em <http://www.acessoaoinsight.net/sutta/DN2.php>. 2013. Acesso em 06 de junho de 2016.
- DEGRAFF, Geoffrey (Tanissaro Bhikkhu). **Kamma**. Disponível em http://www.acessoaoinsight.net/arquivo_textos_theravada/karma.php. 1996. Acesso em 06 de junho de 2016.
- DEGRAFF, Geoffrey (Tanissaro Bhikkhu). *Right Speech*. In: **Noble Strategy: Essays of the Buddhist Path**. California: Metta Forest Monastery, 1999.
- DEGRAFF, Geoffrey (Tanissaro Bhikkhu). *Samsara*. In: **The Karma of Questions: Essays on the Buddhist Path**. California: Metta Forest Monastery, 2002.
- DESHIMARU, Taizen. **A Boa Conduta Sexual segundo a ótica do Budismo**. In Artigos. 16/12/2009. Disponível em <http://blog.opovo.com.br/yoga/a-boa-conduta-sexual-segundo-a-otica-do-budismo/>. Acesso em agosto de 2015.
- DUNBAR, Robin. *Grooming, Gossip and the Evolution of Language*. Cambridge. Harvard University Press, 1996
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIADE, Mircea. **Origens. História e Sentido na Religião**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Prefácio de Georges Dumézil. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. Lisboa: Edições Asa Literatura, 1997.
- EVANGELISTA, Evangelista. **Mínimas Orações**. Manaus: Editora Martins e cordeiro, 2008,

- FABIANO, Ruy. **Mestre Gabriel: O Mensageiro de Deus**. Brasília: Pedra Nova, 2012.
- FACUNDES, Jair Araújo. Ayahuasca: do sagrado ao mundano. Breve prosa de uma conversão em psicoativos. In BERNARDINO COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011
- FERNANDES, Cícero Guella. **Transformações pessoais na União do Vegetal**. Tese (Doutorado) – USP, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto-SP, 2011.
- FEUERSTEIN, Georg. **A tradição da Yoga**. São Paulo : Pensamento, 2009.
- FEUERSTEIN, Georg; FEUERSTEIN, Brenda. **Dharma Verde: budismo ecológico para transformar a prática da sua vida diária**. Tradução de Denise de C. Rocha Delela. São Paulo: Pensamento, 2011.
- FIGUEIREDO, Antônio Macena. **Ética: origens e distinção da moral**. In Saúde, Ética & Justiça. 2008; 13(1):1-9.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 2003.
- GEISLER, Norman L. **Ética Cristã, Alternativas e Questões Contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GEISLER, Norman. **Enciclopédia de Apologética**. Ed. Vida. São Paulo-SP, 2002.
- GENTIL, Lucia Regina Brocaneli; GENTIL, Henrique Salles. O uso de psicoativos em um contexto religioso: A União do Vegetal. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: FAPESP, 2002.
- GENTIL, Lucia Regina Brocaneli; NEVES, Edson Saraiva. Histórico do Processo de Formação do Departamento Médico e Científico e da Comissão Científica (da UDV). In: BERNADINO-COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GLOSSÁRIO DE TERMOS BUDISTAS EM PALI. Disponível em <http://www.acessoaoinsight.net/glossario.php>, s/d.
- GNERRE, Maria Lucia Abaurre. O corpo é um Templo: história do corpo na tradição do Hatha Yoga. In SANTOS, João Marcos Leitão (Org.). **Religião: a herança das crenças e as diversidades de crer**. - Campina Grande: EDUEFCG, 2013. p. 103-116.
- GONÇALVES, Isabel Cristina Rocha Hipólito. **Virtude e sujeito moral na filosofia moral de Alasdair MacIntyre**. In Cadernos do PET Filosofia, Vol. 3, n. 5, Jan-Dez, 2012, p. 82-90.
- GOULART, Sandra Lucia. **Contrastes e continuidades em uma tradição Amazônica: as religiões da Ayahuasca**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2004.
- GREGANICH, Jéssica. **Entre a Rosa e o Beija-Flor: Um Estudo Antropológico de Trajetórias na União do Vegetal (UDV) e no Santo Daime**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

Orientador Dr. Bernardo Lewgoy. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

- GROB Charles S.; McKENNA, D.J; CALLAWAY, J.C. et. al. *Farmacologia humana da hoasca: efeitos psicológicos*. In: LABATE, Beatriz e ARAÚJO, Wladimir (organizadores). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas (SP): Mercado das Letras; 2002.
- GROB, Charles S. et al. ***Human psychopharmacology of hoasca, a plant hallucinogen used in ritual context in Brazil***. In: Journal of Nervous and Mental Disease 184, p. 86-94. Fev 1996.
- GUNARATANA, Bhante Henepola. **As Quatro Nobres Verdades**. Site: http://www.acessoaoinsight.net/arquivo_textos_theravada/4nv_bhanteg.php, 2005. Acesso entre agosto de 2014 e setembro de 2015.
- GYATSO, Tenzin. **O Dalai Lama fala de Jesus**. Traduzido do tibetano e notas de Geshe Thupten Jinpa. Introdução, contexto e glossário do cristianismo Laurence Freeman. Rio de Janeiro: Fissus, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. ***On Collective Memory***. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- HOFMANN, Albert; WASSON, Robert Gordon; RUCK, Carl A.P. ***El camino a Eleusis: Una solución al enigma de los misterios***. México: Publisher: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- JUNG, Carl G; KERENYL, Karl. **Criança divina? Uma introdução à essência da mitologia**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2011.
- LABATE, B.C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- LABATE, Beatriz C. *Un panorama del uso ritual de la ayahuasca en el Brasil contemporáneo*. In MABIT, Jacques (org). ***Ética, Mal y Transgresión. Memoria del Segundo Foro Interamericano Sobre Espiritualidad Indígena***. Lima, Takiwasi e Cisei, 2001, pp. 73-90.
- LABATE, Beatriz Caiuby (org). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LABATE, Beatriz Caiuby e PACHECO, Gustavo. **Música Brasileira de Ayahuasca**. Campinas, Mercado de Letras, 2009.
- LABATE, Beatriz Caiuby. ***Ayahuasca Mamancuna merci beaucoup: internacionalização e diversificação do vegetalismo ayahuasqueiro peruano***. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2011.
- LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia. **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras: Fapesp, 2005.
- LABATE, Beatriz Caiuby; MEYER, Matthew; ANDERSON, Brian. **Short Glossary of the Terms Used in the União do Vegetal**. 30 de julho de 2009. In https://www.erowid.org/chemicals/ayahuasca/ayahuasca_info12.shtml. Acesso em 5 de junho de 2016.
- LABATE, Beatriz Caiuby; ROSE, Izabel Santana e SANTOS, Rafael Guimaraes dos. **Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico**. Campinas, SP: Mercado

- das Letras; São Paulo: Fapesp, 2008.
- LABATE, Beatriz e ARAÚJO, Wladimir (organizadores). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas (SP): Mercado das Letras; 2002.
- LALITAVISTARA – FOUCAUX. **Developpement de jeux. Histoire du Buddha Sakya Mouni**. Traduit du Tibetain par Foucaux. Paris: Bejamin Duprat, 1860.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.
- LENOIR, Frédéric. **Sócrates, Jesus, Buda: três mestres de vida**. Tradução Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011
- LIMA, Sérgio Alex Silva. **Experiências e símbolos de transformação na Doutrina da Floresta**. Dissertação de Mestrado, UDJF, 2005.
- LODI, Edson. Entrevista. In **Informativo São Cosmo e São Damião**. Núcleo São Cosmo e São Damião. Curitiba-Paraná, 2004,
- LODI, Edson. **Estrela da Minha Vida: histórias do sertão**. Brasília: Pedra Nova, 2011.
- LODI, Edson. **Relicário. Imagens do sertão**. Brasília: Pedra Nova, 2010.
- LOUNDO, Dilip. **Budismo e Tradições da Índia: As Raízes Hinduístas do Budismo**. In XIV Simpósio Nacional da ABHR, 2015.
- LUNA, Luis Eduardo. **Ayahuasca em cultos urbanos brasileiros. Estudo contrastivo de alguns aspectos do Centro Espírita e obra de Caridade Príncipe Espadarte Reino da Paz (a Barquinha) e o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV)**. Trabalho apresentado para concurso de professor adjunto em antropologia, Departamento de Ciências Sociais da UFSC, 1995.
- LUNA, Luis Eduardo. A literatura brasileira sobre as religiões ayhuasqueiras. In: LABATE BEATRIZ C.; ARAUJO, WLADIMIR S. (org.) **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, SP, Mercado de Letras – FAPESP, 2002
- LUNA, Luis Eduardo. **The concept of plants as teachers among four mestizo shamans of Iquitos, Northeastern Peru**, 1983. Disponível em: <<http://www.biopark.org/peru/luna-dissertation.html>>. Acesso em 10 agosto de 2015.
- LUNA, Luis Eduardo. **Vegetalismo: Shamanism among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon**. Stockholm, Sweden: Almquist and Wiksell International, 1986.
- LUTZ, Christopher Stephen. **Tradition in the Ethics of Alasdair MacIntyre: Relativism, Thomism, and Philosophy**. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2004.
- LUZ, Cristina Rego Monteiro da. **A internet na União do Vegetal: reflexos da comunicação globalizada na estrutura de uma religião iniciática com tradição de transmissão oral de conhecimento**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, UFRJ/ECO, 1999.
- LUZ, Pedro. O uso ameríndio do *caapi*. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. **O uso ritual da ayahuasca**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- MACINTYRE, Alasdair. **After Virtue**. Notre Dame: University of Notre Dame, 2003.

- MacINTYRE, Alasdair. ***Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues***. Chicago: Open Court, 1999.
- MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude: um estudo em teoria moral**. Tradução de Jussara Simões. Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru-SP:EDUSC, 2001.
- MACINTYRE, Alasdair. **Justiça de Quem? Qual a Racionalidade?** São Paulo: Loyola, 1991.
- MACKENNA, D.J.; CALLAWAY, J.C.; GROB, C.S. ***The scientific investigation of Ayahuasca: a review of past and current research***. IN: The Heffter Review of Psychedelic Research, 1: 65-77. 1998.
- MACRAE, Edward. *A elaboração das políticas públicas brasileiras em relação ao uso da ayahuasca*. In: LABATE, Beatriz Caiuby *et al.*, (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua – xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MACRAE, Edward. *Um pleito pela tolerância entre as diferentes linhas ayahuasqueiras a partir de uma visão brasileira*. In: LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002. (p. 229-271).
- MAHATHERA, Nyanatiloka. **A Palavra do Buddha**. Tradução: Bhikkhu Dhammiko. Lisboa, 2010.
- MAHATHERA, Nyanatiloka. ***Buddhist Dictionary, Manual of Buddhist Terms and Doctrines***. Edição eletrônica: *Buddhist Publication Society*, 1988. Disponível em http://www.budsas.org/ebud/bud-dict/dic_idx.htm. Acesso de agosto de 2014 a agosto de 2015.
- MAHATHERA, Nyanatiloka. **Dicionário Budista – Manual de Termos Budistas e Doutrinários**. Tradução: Teresa Kerr; Revisão: Arthur Shaker. Livro Digital. São Paulo – Brasil: Casa de Dharma Centro de Meditação Budista Theravada, 1970.
- MCKENNA, Dennis. Ayahuasca: uma história etnofarmacológica. in: METZNER, Ralph (org.). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza**. RJ, Gryphus, 2002 p. 172
- MELO, Rosa Virgínia A. de A. **Beber na Fonte: adesão e transformação na União do Vegetal**. Tese apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2010.
- MELO, Rosa Virgínia. **Encantamento e disciplina na União do Vegetal**. In. Anuário Antropológico/2012-I, 2013: 217-237
- MIRANDA, Roberto Silva de. **A tradição dos mantras no contexto do yoga integral (purna yoga): um estudo entre Brasil e Índia**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba na Linha de Pesquisa Abordagens filosóficas, históricas e fenomenológicas da Religião (Área de Concentração: Perspectivas histórico-filosóficas e literárias da Religião), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. João Pessoa-PB, 2014
- MONGELLI, Lênia Márcia. As fontes da lírica profana galego-portuguesa. MASSINI-

- CAGLIARI, Gladis; MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho; SODRÉ, Paulo Roberto (organizadores). In: **Série Estudos Medievais 2: fontes** [recurso eletrônico];. Araraquara-SP: ANPOLL, 2009.
- MONTEIRO, Joaquim. **Apontamentos de Aula**. Disciplina “Budismo Japonês”. PPGCR – UFPB. Em 25 de março de 2015
- MONTERO, Paula. **Talal Asad: para uma crítica da teoria do símbolo**. In Revista 2011- Cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 259-261, 2010.
- MOTTA; Julia M. Casulari; GENTIL, Lúcia R.B. Memórias: Uma Breve narrativa baseada no acervo de depoimentos dos Mestres da Origem da União do Vegetal. In BERNADINO-COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011.
- NEVILLE, Robert. Cummings. **The Human Condition. A Volume in Comparative Religions. Ideas. Project**. Albany-New York: State University of New York Press, 2001
- ORDEM ROSA CRUZ - AMORC. **Introdução à simbologia**. Curitiba: Grande Loja do Brasil, 1992.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.
- PARANAYBA, James Allen. A expansão da UDV e suas conquistas. In BERNADINO-COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011
- POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n° 3, 1989 (p. 3-15).
- RAHULA, Walpola. **O ensinamento de Buda**. Tradução Nuno Aragão. Lisboa: Editorial Estampa, 2005.
- REDYSON, Dayve. **Budismo: Da Índia para o mundo. O Buddha, o Dharma e a Sangha**. In Rever (PUCSP), v. 14, p. 257-278, 2014.
- REDYSON, Deyve. **Schopenhauer e o pensamento oriental: entre o Hinduísmo e o Budismo**. In Religare, 7:3-16, 2010.
- REDYSON, Deyve. *Schopenhauer e o pensamento oriental: entre o Hinduísmo e o Budismo*. In COSTA, G.B.; ARRUDA, J.M.; CARVALHO, R. **Nietzsche e Schopenhauer**. Gênese e significação da genealogia. Fortaleza: UECE, 2012.
- REHEN, Lucas Kastrup F.. **Música e Ayahuasca em duas religiões brasileiras**. In Religião e sociedade. Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 195-203, 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-8587201300010 00 10&lng=en&nrm=iso. Access on 26 Aug. 2015.
- RIBEIRO, Dilma Lopes da Silva. **A busca de si numa religião hoasqueira – oralidade, memória e conhecimento na União do Vegetal (UDV)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2009.
- RICCIARDI, Gabriela. S. **O Uso da Ayahuasca e a Experiência de Transformação, Alívio e Cura: a Experiência de Transformação, Alívio e Cura, na União do Vegetal (UDV)**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

- RIOS, Marlene Dobkin de; GROB, Charles S.; LOPEZ, Enrique *et al.*, Ayahuasca na adolescência: resultados qualitativos. In BERNADINO-COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011
- SANTOS, Rafael Guimarães dos. Resenha: Plantas, mente e cultura. In **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.23, n.1, p.119-120, 2007.
- SANTOS, Rafael Guimarães dos; MORAES, C.C.; HOLANDA, A. **Ayahuasca e Redução do Uso Abusivo de Psicoativos: Eficácia Terapêutica?** In **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.22, n.3, p.363-370, 2006.
- SANTOS, Sandra Ferreira dos. **Oralidade e Religião: Estudo Comparado entre a Religião da Grécia Antiga e o Cristianismo**. In Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010. pp. 243-265
- SÉRPICO, Rosana Lucas; CAMURÇA, Denizar Missawa **Ayahuasca: Considerações Botânicas sobre as espécies *Banisteriopsis caapi* [Morton] e as folhas da *Psychotria viridis* [Ruiz & Pavón]**. Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Guarulhos, 2006.
- SHAKER, Arthur. **A Mente Humana: Ciências Cognitivas e Espiritualidade**. In Coleção Visões Rumo ao Dhamma. 2011. Livro Digital. Disponível em <http://casadedharmaorg.org/2013/10/14/artigos-arthur-shaker>.
- SHI-XU. **The Discourse of Cultural Psychology: Transforming the Discourses of Self, memory, narrative and culture**. In Culture & Psychology, V.8, N.1, P65-78, 2002.
- SILVA SÁ, Domingos Bernardo G. PARECER FINAL DO GRUPO DE TRABALHO DO CONSELHO FEDERAL DE ENTORPECENTES. Brasília: Sede Geral do CEBUDV, 2 de junho de 1992.
- SILVA. Carlos H. do P. **Marga absolvido ou caminho da Cruz? Budismo/Cristianismo – iluminação, nirvana e kénosis cristã**. In Revista Lusófona de Ciência das Religiões – Ano VI, 2007 / n. 11 – 39-66
- SILVEIRA, Dartiu Xavier, GROB, Charles S., RIOS, Marlene Dobkin et all. Ayahuasca na adolescência: uma Avaliação Psiquiátrica Preliminar. In BERNADINO-COSTA, Joaze (org.). **Hoasca – Ciência, Sociedade e Meio Ambiente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011
- SMITH Huston; NOVAK, Philip. **Budismo: Uma Introdução Concisa**. Tradução de Claudio Blanck. São Paulo: Cultrix, 2015.
- SOBREIRA, Francisco Adalberto Alves. **Semelhanças entre o budismo e o cristianismo: Contribuições Ecumênicas do Oriente para o Ocidente**. Monografia apresentada à Coordenação do Curso para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Ciências da Religião, cancelado pela Universidade do Vale do Acaraú - UVA, em convênio com a Faculdade de Educação Teológica do Nordeste – FAETEN. Maranguape/ CE, 2005.
- SOUZA, Raimundo Monteiro de. A força do exemplo: UDV, memória e missão. In: BERNADINO-COSTA, Joaze. (organizador). **Hoasca: Ciência, Sociedade e Meio- Ambiente**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2011.
- STRASSMAN, Rick **Pineal Gland DNA Activation and DMT**, fev. 2010;

- TAGORE, Rabindranath. **Gitanjali – Ofertas Líricas**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- TARANATHA. **O Rosário de Ouro. Sítio do Centro de Budismo Tibetano da Tradição Sakya no Rio de Janeiro**. Tradução para o inglês atribuída ao Ven. Sakya Lama Korchon Tulku; tradução em Português de Roger Samuel, em fevereiro do ano 2000. Disponível em <http://www.geocities.com/sakyabr4/taranatha.html>. Acessado em set./out 2014.
- UÑUNCO SUMA, Luis Fernando; AUCCAPUMA CORAHUA; Nerio, GAMARRA SOLÓRZANO, Diana Indira. **Método Comparativo: aplicação ao PIB peruano**. Trabalho apresentado à Disciplina Metodologia de la Investigacion Economica. Universidad Nacional de San Antonio Abad Del Cusco: Cusco-Peru, 2012
- VARARO, Ravi. **Etymology of Sanga: etymology and origin of de the word sangha**, Texto Eletrônico, 2011. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/57070116/Etymology-of-Sanga>. Acesso em agosto de 2015.
- VINE. **Dicionário Expositivo Vine de Palavras do Novo Testamento**. Ampliado. Minneapolis- Minn.: Bethany House Publishers, 1984
- WASSON, Robert Gordon; RUCK, A.P.; KRAMRISCH; Stella A. **La Búsqueda de Perséfone: Los enteógenos y los orígenes de la religión. Contribuciones de Jonathan Ott**. México: Publisher: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- WIJAYARATNA, Môhan. O Budismo nos Países do Theravada. In DELUMEAU, Jean (Editor) **As Grandes Religiões do Mundo**. Presença: Barcarena - Portugal. 2002. p. 443-476.
- WILSON, Horace Hayman. **O Vishnu Purana**. Tradução do sânscrito para o inglês por H.H. Wilson e do inglês para o português por Eleonora Meier, 2012. Livro Digital. Disponível no site Shri Yoga Devi, <http://www.shri-yoga-devi.org>. Acesso em 2015-2016.

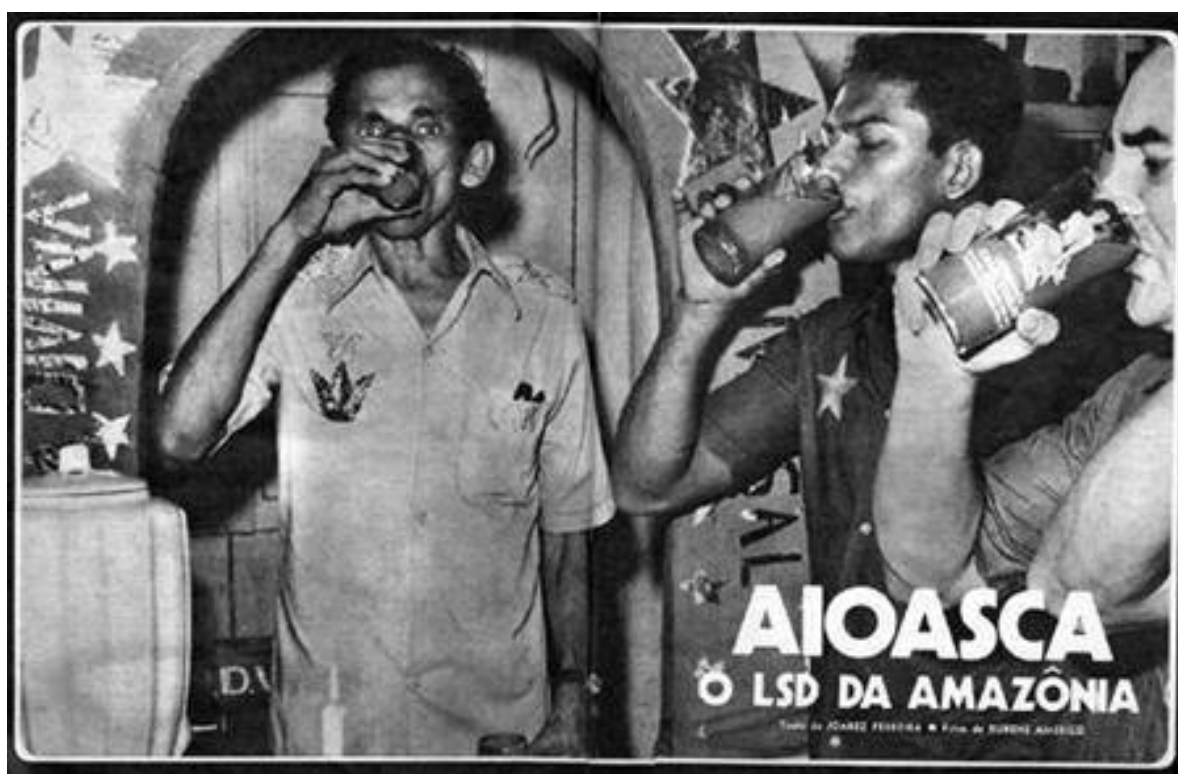
Anexo 2. Reportagem da Revista *O Cruzeiro*. “Aioasca o LSD da Amazônia”

Reprodução da Reportagem:

Anexo 2: Reprodução da reportagem da Revista “O Cruzeiro”

Aioasca o LSD da Amazônia

Revista O Cruzeiro -14/07/1971



Texto de Joarez Ferreira - Fotos de Rubens Américo Luz.

Paz e Amor, símbolos da União do Vegetal "que nos conduz. O mariri nos dá a força e a chacrona nos dá a luz": o LSD do Norte

- Pai, eu quero tomar um copo grande cheinho! ... E o menino Salomão bebeu seu copo de aioasca no começo da sessão da União do Vegetal, em Porto Velho, Rondônia. Com apenas cinco anos de idade, Salomão, rama de mariri, é o escolhido para substituir mestre Gabriel, seu pai, o Caiano, "aquele que veio para restabelecer o equilíbrio das leis do vegetal". Com três semanas de nascido, o menino iniciou-se nos mistérios da aioasca.

"caiano é o mestre caiano,
É o asqueiro sem fim.
É a borracheira, o mestre que clareia seus oascamin,
seus pés de burracheira."

Salomão, cabelos grandes, será, com a morte do pai, mestre geral da União do Vegetal, seita espírita que, atualmente, conta com 182 sócios efetivos e 1.300 adventícios. Mesmo sofrendo perseguições pela polícia, que procura na aioasca indícios de cocaína, a União nunca deixou de realizar suas sessões, freqüentadas por pessoas de diferentes camadas sociais. A maioria, gente humilde e sofredora, vai em busca das visões provocadas pela bebida. Pessoas de elevada posição social tomam o chá para viagens ou simples entorpecimento, de acordo com a dosagem e a concentração espiritual. É a força da União, que tem como símbolo: Luz, Paz e Amor.

"E a União que nos conduz. O mariri nos dá a força e a chacrona nos dá a luz.

AS ORIGENS

Foi nos seringais da Bolívia que José Gabriel da Costa, "soldado da borracha", baiano semianalfabeto, tomou conhecimento da aioasca (oasca) , "a fonte dos mistérios, em que se fundamenta a seita".

Em 1944, José Gabriel da Costa foi "levado pelo destino" para a Amazônia, para trabalhar nos seringais. Vendido, foi parar num seringal boliviano, onde ficou isolado por vários anos. Na solidão da mata, chegou à beira da loucura. Diversas vezes tentou fugir, mas sem êxito. Uma ferida, provocada por mosquitos, foi a "mão do destino" para sua fuga. Ficou no hospital de Porto Velho. Por esta época Gabriel procurava a aioasca, sobre cujos méritos já ouvira falar no seringal. Depois de muitas aventuras na política e no comércio, com altos e baixos, resolveu voltar à "Bolívia", "de onde somente sairia com domínio dos mistérios da aioasca ". Nesse tempo, Gabriel já tinha alguns discípulos.

Em 1961, na Bolívia, cria as bases da União que implanta em Porto Velho, em 1968. Enfrentou a polícia, chegando a ser preso. Na ocasião, escreveu "A Convicção do Mestre", uma espécie de Bíblia para os adeptos da seita. "A União do Vegetal é para destruir o mal, com os ensinamentos que recebemos do Divino Mestre (Salomão); pergunta o mestre a seus discípulos: Como destruir o mal? E eles respondem: Com Luz Paz e Amor".

OS MISTÉRIOS

A aioasca é um chá, amargo, de cor arroxeada, resultado da mistura dos sumos extraídos pela fervura do mariri (cipó nativo) e da chacrona (folha de uma planta boliviana, parecida com o café). Cientificamente, foi descrita por Villavicencio, em 1858, sob o nome de "Aiahuasca" , designação dada pelos índios do Equador e do Peru. O primeiro a estudá-la, do ponto de vista químico, foi o naturalista Zerba-Bayon, em 1905, nela reconhecendo uma função que ele chamou de "telepática", bem semelhante ao yagê ou capi, bebida preparada por diversas tribos amazônicas para festas e rituais. Seus efeitos mais curiosos são os "telepáticos", provocando nas pessoas que o ingerem sonhos e visões.

Mas para o mestre Gabriel, a aioasca é mais que tudo isso: "É a fonte de ciência, o princípio do esclarecimento de todos os mistérios da natureza". Segundo a tradição que procura transmitir a seus discípulos, Aioasca é nome de uma índia conselheira de um certo rei do Império Inca. O rei, o divino mestre, era Salomão. Havia um general, o bravo guerreiro Tiuaço. E o filho do divino mestre, o Caiano, que voltou à terra para criar a União do Vegetal, fazendo o bem e com o lema: Luz, Paz e Amor. Tiuaço é o mariri, a força. Aioasca, chacrona, a sabedoria. Caiano é o filho do divino mestre. É o mestre Gabriel.

"Tiuaco, o mariri, o rei da força. borracheiro. Tiuaco é o maior. É o grande rei no salão do vegetal."

E o Caiano Gabriel penetra nos segredos da natureza:

"Linguarana, clareia tu os teus encantos. Linguarana, trarei os teus encantos. Linguarana, tu abrirás os teus encantos e trarei os teus encantos."

Mesmo com toda essa apologia à borracheira, o consumo de álcool é terminantemente proibido na União. O sócio não pode comparecer à sessão depois de ter ingerido bebida alcoólica. Mesmo porque a aioasca provoca vômitos em quem bebeu. Depois de se tomar a aioasca, o máximo que se permite é chupar um gomo de laranja bem doce. A burracheira, na União, é espiritual, transcendental, provocando visões e viagens por uma, duas ou três horas. Tudo sob o controle de mestre Gabriel, "que tem o astral da recordação".

UMA SESSÃO

Duas sessões por semana, às quartas-feiras e sábados, das 20 às 24 horas. Mas o mestre pode convocar sessões especiais. Ao longo de uma mesa comprida, sentam-se os discípulos, homens e mulheres. Numa cabeceira, o mestre. Na outra, o menino Salomão. Enchem-se os copos, que são bebidos de só fôlego, depois que o mestre diz: "Que Deus nos guie". Chupa-se a laranja. Para eles, é a hora da comunhão. Depois são lidos os boletins - "da convicção, da firmeza, da consciência e execução". Lêem-se os estatutos da União, frisando-se o artigo que estabelece a condição de sócio: para tomar aioasca, mais de uma vez é preciso associar-se, pagando jóia e taxa mensal de Cr\$ 5,00.

São discriminadas as categorias: mestre geral, mestres (que se distinguem por uma estrela na camisa (verde), conselheiros e discípulos. Faz-se uma exposição sobre a União do Vegetal, "seita religiosa, espírita, caracterizada pela bebida do líquido misterioso, que torna cada um vidente de si mesmo".

A esta altura, a maioria dos presentes acham-se sob torpor. Segundo o mestre e eles próprios o momento das visões multicoloridas e das viagens pelas mais exóticas paragens. No centro da mesa iluminada a vela, uma vitrola portátil com o disco Tocador de Viola, de Turani e Silvanito. O disco ainda não está tocando. Ouve-se apenas a voz do Caiano, que evoca, em tom de aboio, as origens da seita e descreve mistérios da aioasca. Bebemos aioasca. Viajamos no meio da sessão pela BR-319. Com destino a Rio Branco. Tínhamos uma missão a cumprir...

Anexo 3. Reportagem do Jornal A Crítica: “O vinho da alma ‘transporta’ os povos da floresta”.

O VINHO DA ALMA “TRANSPORTA” OS POVOS DA FLORESTA VIRGEM



Matéria publicada no Jornal A Crítica, de Manaus, em 11/03/1991.

Roberto Gueudeville

A droga já chegou a São Paulo. Mês passado, muitos participantes pediram férias no trabalho para se dedicar em tempo integral ao preparo do “daime”. Para o Conselho Federal de Entorpecentes o consumo da “ayahuasca” não é considerado ilegal. A substância que provoca visões é a “dimetil-tripnamina” e está presente na folha da chacrona. A função do cipó mariri é a de impedir que a dimetil seja metabolizada pelo organismo e tenha o seu efeito anulado.

É mais um meio do homem buscar o sonho, no mundo real, exatamente em São Paulo, a maior cidade da América Latina.

“The soul vine of Amazon”, o vinho da alma ou do pensamento, como chamam os americanos é consumido, na Amazônia, por dois caminhos distintos: o Santo Daime, com raízes no Acre e a União do Vegetal (UDV), esta em Rondônia, de caráter bem mais secreto, cujas reuniões, fechadas,

proporcionam-lhe um poder mais chamativo e inebriante, prometendo ao pequeno pescador uma viagem ao mundo desconhecido. Ao paraíso. A UDV, em Porto Velho, constitui uma associação ímpar, na Amazônia, liderada pelo “Mestre”, um baiano de cabelos desgrelhados, cara de “pau-de-arara”, bom falador, que se proclama o criador da União do Vegetal, com a sigla UDV bordada em branco em sua camisa verde, de cetim. A União do Vegetal congrega em torno de uma grande mesa dezenas de pessoas que têm diante de si um jarro e copos de uma bebida composta de sumo do cipó “mariri” e da folha “chacrona”, conjunto a que dão o nome de “vegetal” ou “oasca”, presumindo-se que seja a “ayahuasca”, de nome científico “Tetrapteryx Methystica”, o vinho da alma ou do pensamento.

A droga, segundo depoimento do baiano José Gabriel Costa, já curou casos de cegueira, câncer no nariz de uma criança e várias barrigas d’água, além de uma quentura extraordinária que outro boiadeiro sentia há longo tempo, por passagens anteriores em vários centros médicos, sem solução, tendo apelado até a José Arigó, sem qualquer sucesso. Curou-se com a oasca. A UDV tem personalidade jurídica. Na época da solicitação um juiz em Rondônia pesquisou bastante sobre a forma de indeferir a solicitação. Nada encontrou que contrariasse a sua existência.

“O ÍNDIO DO ACRE E BOLÍVIA TOMA O VEGETAL PARA SONHAR COM CAÇA FARTA. APÓS O SONHO, ELE DEIXA A REDE E PARTE AO ENCONTRO DA ANTA OU PORCO, NO LUGAR EXATO ONDE VISTO, NO SONHO”.

A prática da bebida está se alastrando por todo o país, sabendo-se que sua origem é indígena. Conta-se, na região, que o índio habitante do Acre e Bolívia toma o vegetal para sonhar com caça farta. Após o sonho, de olhos abertos, o silvícola deixa a rede e parte ao encontro da anta ou porco, exatamente no lugar onde tenha visto, no sonho. Hoje, a maioria das pessoas que praticam o ritual o fazem em busca da cura de seus males e para sonhar. O homem parece entender sua fragilidade diante dos grandes problemas do seu meio ambiente - a selva - e deixa-se permanecer na passividade de um sonho psicodélico. Uma autoridade local relatou que um seu amigo ingeriu a oasca com a intenção de visitar Paris e até hoje conta muitos detalhes da capital francesa sem nunca ter ido lá. O mestre baiano adianta que “ninguém, até hoje, conseguiu praticar o mal utilizando-se do vegetal, porque há um poder supremo que o impede”.

A SESSÃO SECRETA - Diferentemente do Santo Daime, bem mais aberto, só podemos participar da sessão por interferência do delegado de polícia local,

com a promessa de não fazer fotos, mesmo a contragosto dos presentes que estavam em pleno transe. Os iniciados encontravam-se sentados diante de uma mesa comprida, alguns com camisa verde de cetim (mestres menores), com as cabeças apoiadas sobre os braços estendidos sobre a mesa, sonhando com os olhos esbugalhados, inteiramente transportados para um mundo que ninguém conhece, só eles próprios. O mestre, ora de pé, ora sentado, tomando uma golada de vez em quando, solava cânticos e fazia preleção, muitas vezes ilustrando com princípios do evangelho, procurando trazer a imagem de Deus para evitar qualquer agitação. O freguês fica num estado, segundo presenciamos, que seria guiado a qualquer atitude, sempre dependendo de um guia espiritual mais forte. É este o papel que o mestre baiano representa. Ou faz de conta.

Ao longo da sessão, que tem início às vinte horas, com duração de três, efeito máximo da droga, um cidadão permaneceu na janelinha do barraco, não vomitando a alma porque esta é bem provável que já estivesse comprometida. O mestre explicou que o homem estava expelindo seu mal, tuberculose e adiantou que quando a pessoa não sofre de qualquer mal físico, o vegetal ou oasca é perfeitamente bem aceito pelo organismo. Do contrário, sofre-se muito. Enquanto isso, alguns estavam de pé, corpo meio bamboaleante, de olhos bem abertos, olhando pra gente dando a impressão de um olhar que ultrapassa sem se deter. Metafísico, quase de um louco. Um deles, vestido de mestre menor, permaneceu todo o tempo de pé, encostado à mesa, bamboaleando e fazendo caretas que demonstravam a vivência do sonho que curtia. Nada mais interessava àquelas pessoas tomadas de transe a não ser mais um gole para alongar a intensidade e variedade de suas imagens alucinógenas. E o mestre José Gabriel cantava:

Esta geração, esta geração
Vem da arca de Noé
Quem tem seus olhos bem vê
Só se engana é se quiser
Vem a geração pela arca de Noé
Quem tem seus olhos bem vê
Só se engana é se quiser

E o tísico continua pendurado à janelinha da casa de palha, quase caindo, botando o pulmão pela boca, exalando mau cheiro em todo o ambiente. Uma mulher passava servindo a jarra contendo o líquido alucinante. Era a secretária do mestre.

O delegado de polícia, a nosso lado, vivamente impressionado, deixava crer sua ânsia e sua dúvida para uma golada da oasca.

A RAINHA OASCA - Entre uma canção e outra o mestre baiano contando a estória de tudo aquilo, sem perder o controle da situação e o movimento de todos, a seu redor. Viveu seis anos na Bolívia e na Vila Plácido de Castro, no Acre, onde existiam 312 mestres que criaram terrível dissensão no grupo, aproveitando-

se o baiano da confusão para sagrar-se o grande lidere e fundador da União do Vegetal, afirmando que estudou, durante cinco anos, sozinho, para conhecer o poder sobrenatural da droga, tornando-se o grande e poderoso mestre.

Disse que existia um rei de nome "Rei Incas", sem ser do Peru, servido por uma conselheira de nome "Oasca", muito misteriosa. Tudo o que o rei queria Oasca tinha o poder de adivinhar e saber. Ele sempre se aconselhava com ela. Um dia Oasca morreu e o rei a sepultou, desorientado. Em visita à sua sepultura, conheceu uma árvore, ali nascida, diferente de todas as outras existentes na terra. Deu-lhe o nome de oasca e a seguir disse para seu marechal "Tiuaco": "Vamos fazer um chá dessas folha e tentar falar com o espírito de Oasca". Tiuaco tomou e foi possuído de uma força divina. Totalmente descontrolado, morreu. O rei cavou outra sepultura e enterrou seu marechal. Nesta, muito tempo depois, nasceu um cipó diferente. Mais adiante o rei também veio a morrer. Seu reinado transformou-se em tapera e o mestre afirma que esta estória encontra-se no livro divino. Em seguida canta:

Lupunamanta (estrela)
Clareia a princesa encantada
Traz a flor encantadora
Clareia as mariposas
Que andam emboladoras.

E continua sua versão:

"Salomão, menino que nasceu, teve conhecimento, um dia, da estória da Oasca. Kaiano, seu vassalo, acompanhou-o à sepultura da conselheira do antigo rei, pegou na folha e deu-lhe o nome de "chacrona", o poder da oasca materializado no vegetal. Salomão, em seguida, dirigiu-se à sepultura de Tiuaco e disse:

- Tiuaco é mariri (marechal).

E o mestre canta aos iniciados que começam a se mexer nos bancos, preocupados com a presença do delegado de polícia que continua impressionado e mudo.

- Tiuaco é mariri
Tiuaco é marechal
É o grande rei
No salão do vegetal.

Salomão colheu o cipó mariri e a folha chacrona, fazendo a união do vegetal. E o mestre,

- O mariri nos dá a força
E a chacrona nos dá a luz
É os dois unidos que nos conduz
O mariri é o rei da força
E a chacrona a rainha da luz
É a união que nos conduz...

Após, Salomão – continua o mestre – preparou o chá, os mistérios, chamou Kaiano e disse: - Receba a comunhão do vegetal e siga firme para receber todo o

poder da Oasca. Se achar que não resiste chame por Tiuaco. Kaiano tomou o chá e a força veio crescendo, quando disse:

- Tiuaco é mariri
Tiuaco éi, éi, éi
Tiuaco é mariri
Quer ir
É o rei mariri, Tiuaco.

Mas, Kaiano enganou-se, quando recebeu a força e disse:

- Mestre, entrei nos encantos e fui repreendido por Salomão. A natureza divina é quem abre. E Kaiano cantou:

- Minguarana tu
Trarei os teus encantos
Minguarana tu
Abrirei os teus encantos

Pedindo licença a Salomão para permanecer nos encantos da natureza. E muito tempo depois Kaiano voltou para restaurar a Oasca na tribo dos índios Ticuna-á, do Peru.

E quando o mestre baiano canta "meu primeiro mestre é Deus e o segundo, Salomão", os iniciados no vegetal o olham com curiosidade e respeito, com fiel obediência. Os outros permanecem de cabeça baixa.

UNIÃO DO VEGETAL - José Gabriel afirmou que só a UDV achou o poder de Salomão, dizendo-se autor da União, fundada em 22 de julho de 1961. Com o poder superior – frisa – liderei a todos que passaram a se considerar discípulos, a UDV é a força criadora, é o Deus verdadeiro. E continua sua estória: - Rompi pela Bolívia, Acre e cheguei a Rondônia, onde sofri, tendo sido preso pelo delegado, em minha própria casa. Tenho pena de quem me prendeu (e o delegado Araújo Lima a seu lado, escutando) e peço a Deus que o clareie. Não desvaneci porque o dom que tenho me foi dado por Deus e tenho que aceitar as maiores consequências na terra. Mas não fracassarei. E canta, moralista, talvez para conquistar o delegado baiano:

- Olha, olha
Verifique bem
O caminho de Deus
Como é que vem
Quem não paga o bem
Com o mesmo bem
Não diga que pagou bem.

O mestre baiano diz que atravessou todas as mentiras do mundo para chegar ao campo da verdade em que vive, lembrando que o vegetal não é entorpecente e nem tóxico e que aquele que cometer erro será punido pela força divina. A propósito, o então presidente do conselho da UDV, Hilton Pinho, não pôde tomar parte nas sessões porque estava punido. A UDV contava com dezenas de sócios registrados em seu livro, pagam Cr\$ 100,00 por mês e aquele que

cuspir ou vomitar no chão, durante as sessões, está sujeito a um dízimo, a critério do mestre. Também não se pode fumar no recinto da sessão, mas o mestre José Gabriel aceitou cigarros americanos oferecidos pelo delegado Araújo Lima. E fumou...

Há outros 500 sócios que participam das sessões da UDV, mas que nada pagam. Há duas sessões por semana, quartas e sábados, com início às vinte horas e encerramento às 24 horas. A União é regida por dois estatutos que, em linhas gerais, seguem os princípios do Evangelho, além dos boletins, chamados de "boletins da consciência em execução", dedicados aos diversos estágios dos discípulos, de acordo com o grau de memória, mais forte ou mais fraca. Aqueles que tomam maior ou menor quantidade do vegetal.

Quem se levantar do lugar, nas sessões, perde-o e todos que acharem que o mestre está errado, não devem compartilhar do erro. Há caminho preparatório para formação de mestre e se o discípulo não tiver condições, enlouquece, como já houve um caso.

Pode-se tomar o vegetal uma só vez na condição de visita, daí para frente tem que se associar e pagar. Quem não pagar será afastado. E tudo indica que o mestre baiano e sua família vivem das mensalidades dos discípulos. Quando qualquer discípulo quer falar ao líder, diz: - Mestre, permite?

.....
"NADA MAIS INTERESSA
ÀQUELAS PESSOAS
TOMADAS DE TRANSE A
NÃO SER MAIS UM GOLE
PARA ALONGAR A
INTENSIDADE E VARIEDADE
DE SUAS IMAGENS
ALUCINÓGENAS."
.....

MISTÉRIO - Mestre José Gabriel afirmou que a primeira vez que se toma o vegetal não se sente nada. É perigoso para quem não sabe usar e muita gente fala com seus parentes distantes, com os olhos abertos, vendo-os na própria sala onde se encontram. Localiza-se a pessoa desejada, ou pessoas, e conversa-se. Se se quer encontrá-la determinado dia do ano, sabe-se onde. Frisou, entretanto, que não se localiza ninguém com intuito de vingança.

- Quando a força vem, sente-se que não se pode ofender a ninguém. Se persistir, o sofrimento é fatal.

A cura de doenças é realizada com a presença visível de médicos e o mestre lembra o transplante de olho, realizado em um cidadão vindo de Cuiabá.

À proporção que o discípulo vai ingerindo a oasca, seu corpo vai esfriando e ele vai entrando em transe. Imerge no campo do sonho, numa região, como a Amazônia, onde tudo está por fazer. No dia seguinte os discípulos retornam à sua vida diária, trabalhando e

pensando na próxima sessão, convidando, cada vez, maior número de pessoas para uma seita que a cada momento multiplica o número de adeptos, conquistando as pessoas e transportando-as a um mundo de sonhos até hoje inexplicáveis.

O discípulo tuberculoso continua encostado à janela, expelindo o pulmão em doses sanguíneas, enchendo o ambiente com seu bafo tísico. O mestre baiano, com seus cabelos desgrehados, canta:

- Minguarana tu
Trarei os teus encantos
Minguarana tu
Abrirei os teus encantos.

Nota do autor: O "mestre" José Gabriel já é falecido. Como a matéria é inédita, o autor decidiu publicá-la na forma original.

Anexo 4. Reprodução da matéria publicada no Jornal *Alto Madeira*:
 “Convicção do Mestre”

Convicção do Mestre

Quando foi prêso em Jaru, José Rodrigues Sobrinho, por estar preparando o vegetal que chamam pelo nome de Oásca, o mestre da União do Vegetal, José Gabriel da Costa, foi chamado pelo senhor Delegado de Polícia da Capital para fornecer alguma explicação sobre aquele líquido «XÁ» «Misterioso». O senhor delegado não encontrando nenhum crime penal no Código Civil Brasileiro deu cobertura a União com as seguintes palavras: Não posso proibir as sessões de vocês; mas, também não posso dar licença.

Aconteceu que, na ausência do senhor Delegado e do senhor Diretor do S.I.C., Delegado do Trânsito, inocentemente fez um ataque na residência do Mestre: que no momento doutrinaava religiosamente 38 discípulos dos 198, que vem lhe acompanhando. Os discípulos perderam a cabeça e ficaram sem direção há falta de seu mestre, que foi prêso.

O mestre na prisão, examinou-se, momento em que alegrou-se, admirando a bondade de Deus. E disse, fui um grande malleitor, já bebi cachaça, já andei no baixo meretrício, já andei armado e mal intencionado, já derramei sangue de meus irmãos. Pensava somente em desordem. Desejava o mal e desconhecia meu grande Deus. Com tudo isso não cheguei a conhecer prisão. Hoje, venho trabalhando pela perfeição, procurando tirar todos os meus irmãos da ilusão e do abismo em que vivia; venho chamando a todos a pedir a Deus como venho pedindo eternamente.

Oh! Deus do Universo, derramai sobre mim tudo quanto eu desejar no coração aos meus inimigos. E hoje, me acho prêso sem ter quem possa me acusar sendo «Eu» acusado pela minha própria consciência. Que alegria eu sinto pela bondade de Deus. O mestre, foi interrompido por um discípulo, momento em que meditava, sendo este um policial que derramava lágrimas. O mestre entrou em alívio, sem demonstração, confortando-o com o símbolo da União Luz, Paz e Amor.

O mestre pôsto em liberdade retornou a sua residência encontrando os discípulos revoltados procurando prejudicar o senhor Antonio Nogueira Filho, por meio Judiciário alegando invasão domiciliar após as 23 horas. Momento que entra a voz do mestre: A União vegetal é para destruir o mal, como os ensinamentos que recebemos do Divino mestre. pergunta o mestre a seus discípulos: Como destruimos o mal? Responderam: Com Luz, Paz e Amor.

Então diz o mestre: se nos ofendermos por qualquer parte, desobedecemos o Divino Mestre. O caminho é este prestem atenção os que quizerem me acompanhar na missão. Podemos ser censurados por todos, mas não podemos censurar a ninguém. Podemos ter inimigos mas não podemos censurar a ninguém. Podemos ter inimigos mas não podemos ser inimigos de ninguém. Podemos ser ofendidos por todos mas não podemos ofender a ninguém.

Podemos até ser julgados por todos, mas não podemos julgar a ninguém. Podemos ser revoltados por todos e não podemos revoltar e nem ser revoltados por ninguém.

Dizem os discípulos ao mestre: queremos compreensão destas palavras: responde o mestre: fiquem com a memória presa estudando, até chegar os ensinamentos de Salomão na próxima sessão do Grau S.I.C.P.M.R.

Lembrem-se: o símbolo da União é Luz, Paz e Amor.

Anexo 5. Reprodução da matéria publicada no Jornal O Guaporé: “Velando enquanto dorme”

velado enquanto dorme *

Enquanto a União do Vegetal dorme, os inocentes sem conhecer sua doutrina espiritual e religiosa falam contra Ela, isto porque a União do Vegetal, cuida apenas de si, deixando de lado aqueles que a ela ainda não quiseram pertencer.

Disse um Reverendo, em seu sermão de domingo dia 11-7-71:

Na União do Vegetal se vê tudo. E é verdade, pois a primeira coisa que vi, quando comecei a frequentar a União do Vegetal, foi o caminho em que “eu” vivia, no erro. E hoje, pela minha firmeza em Jesus Cristo e em sua bondosa mãe Maria Santíssima, vejo o caminho limpo e firme para seguir com meus discípulos. Na União do Vegetal não há perdão na expressão da palavra. O perdão é recebido, por aquele que reconhecendo-se culpado de alguma falta perante Deus, corrije-se diante do Pai Supremo.

Disse ainda o Reverendo:

— Quando Jesus esteve no mundo, não disse que o caminho de Deus, era macumba, espiritismo, etc..., O caminho é amar a Deus sobre todos ao próximo.

Afirmo que a União do Vegetal, pratica e ensina exatamente o amor a Deus sobre tudo, extensivo aos seus semelhantes, por isso quando vejo a presença de um homem respeito-a, pois é a semelhança de Deus e, assim respeito também sua ausência.

O Sr. Reverendo ainda em sua pregação, declarou que a polícia devia tomar providências com a seita religiosa União do Vegetal. Todos os filiados da seita União do Vegetal, que tenham mais de 60 dias como efetivo, estão isentos de frequentarem lugares onde se desenvolvam bailes das mais diversas camadas sociais, bares, casas de jogos, mesmo sinuca ou bilhar, baixo meretrício e outros lugares que por ventura existam e que sejam perniciosos a formação moral do homem diante do próprio homem e muito mais diante daquele que se chama Espírito Santo, que compõe a trindade divina.

Com relação há algumas pessoas afirmarem ser o Mariri uma droga intorpecente, até hoje não foi comprovado quimicamente. E mesmo pela Constituição Brasileira, de 24-1-1967, no Parágrafo 5º do artigo 150, a União do Vegetal, tem seus princípios religiosos, baseados dentro da mesma Constituição e combate o uso de intorpecentes, apartir da bebida alcoólica, e ainda outros vícios prejudicial a saúde humana.

Assim a União do Vegetal, é uma seita religiosa, que congrega dentre si, varias camadas sociais: professores, contabilistas, militares, comerciantes, operarios e todos quanto dela queiram fazer

as) O Corpo do Conselho.

parte, obdecendo as Leis de Deus e do Brasil. Por isto mesmo, a União do Vegetal, vive de portas aberta e todos os seus membros e filiados, tem os braços estendidos para receberem aqueles que tiverem o desejo de conhecer a União do Vegetal.

A União do Vegetal, é formada por homens que buscam o Caminho da Consciência. que é, o Supremo Jesus. LUZ, PAZ E AMOR.

José Luiz de Oliveira

Hilton Pereira Pinho

Bartolomeu P. do Nascimento

Raimundo M. de Souza

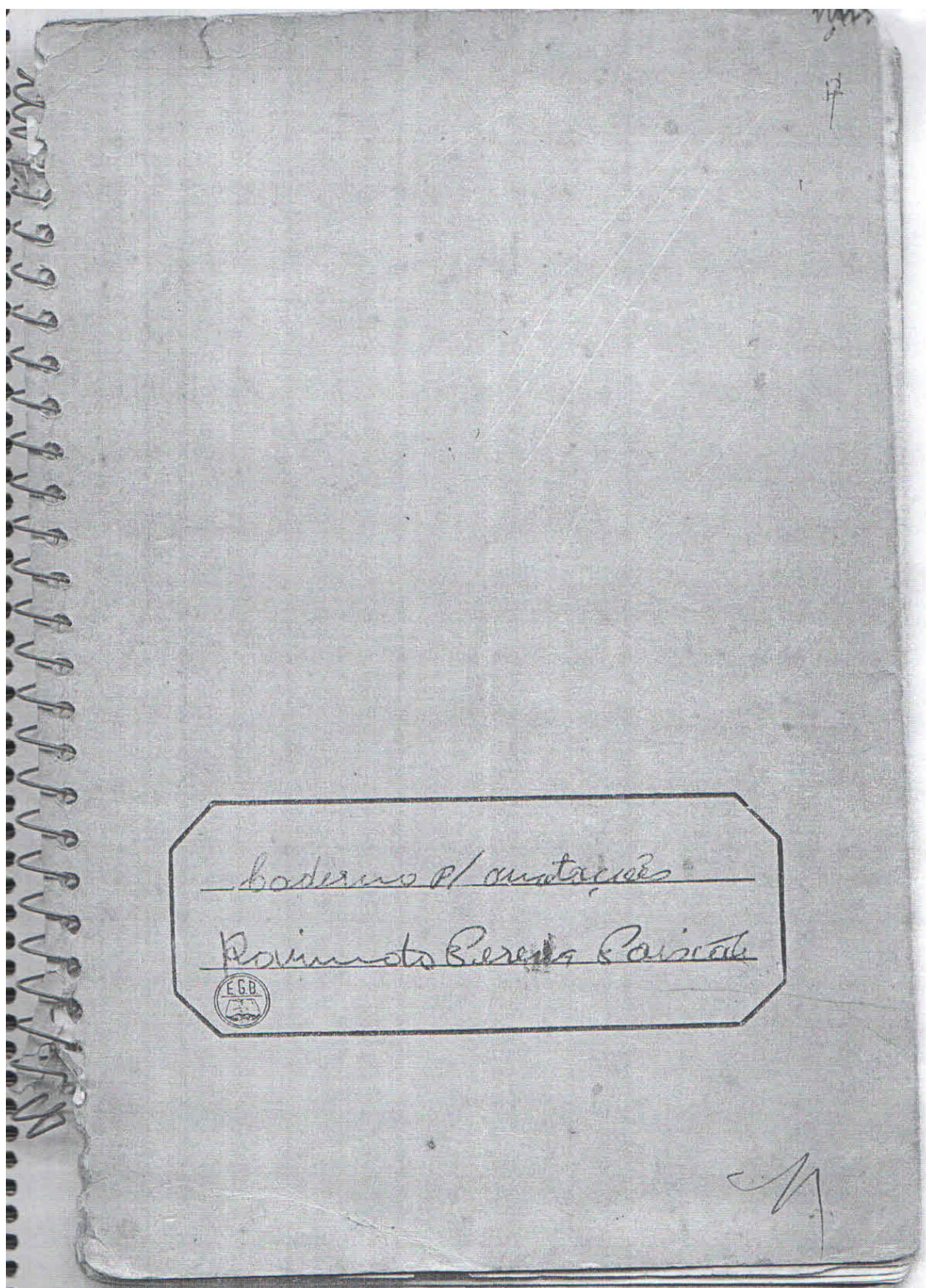
Messias Sá

Francisco Adamir Lima

Modesto A. de Souza

José Gabriel da Costa

* Transcrição Do Velado Enquanto Dorme Original - Jornal Alto Madeira De 07.1971 – Autor: Cézanne Paul em 06.03.2003

Anexo 6 – Anotações do Diário de Mestre Paixão

Beneficente da união do Vegetal

- 18-11-67 cheguei na união do Vegetal
- 11-9-68 dei o Vegetal pela 1ª vez
- 14-9-68 Recbi a Estrela de Mestre
- 13-14-68 " a Representação da união
- 11-6-69 " " Estrela de 16.º e união R. Abenteiro
- 4-5-69 Assumi a representação Geral o Mestre Braga eu continuando como representante encarregado do Vegetal e escalas de sessão
- 27-8-69 cheguei a P. Velho o 16.º Boavista
- 7-1-68 foi publicado no jornal A. Moderno os estatutos da Beneficente da união
- 22-2-70 deixou de funcionar publicamente por tempo indeterminado a união do Vegetal por ordem verbal do chefe de polícia na época o Sr. Radolfo Ruiz
- 28-3-70 Recbi a Estrela o Sr. Bartolomeu
- 15-10 8º o dia do Mestre
- 14-5-70 estive na sede da união junto com morso em palestra o Deputado bel. Paulo César Soares levando o chá para fazer escama quinino
- 28-3-70 Entrou no corpo do Conselho o Sr. Francisco Adamir de Lima